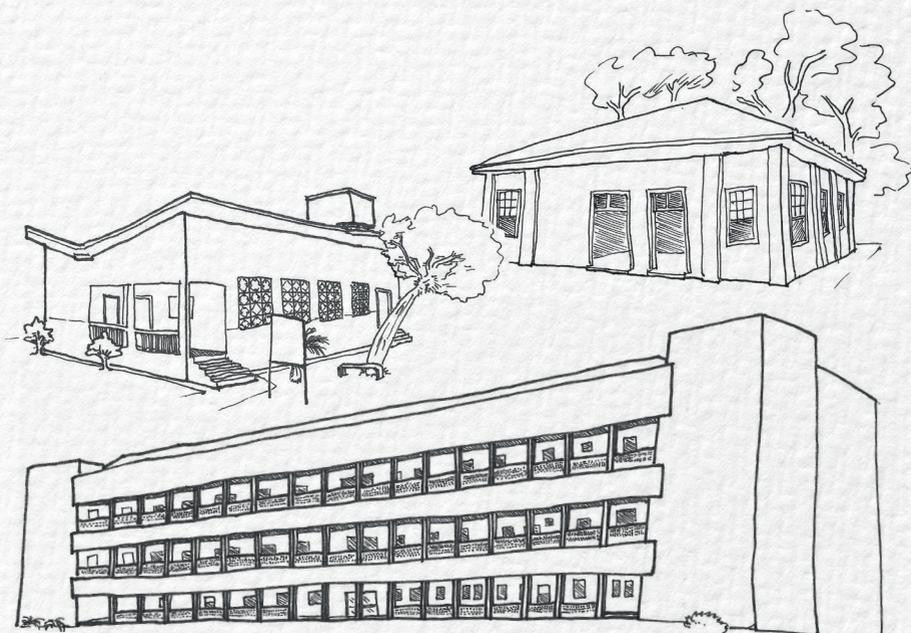


ENTRELAÇAR MEMÓRIAS

vivências dos 20 anos da COM UFV

Organizadores

Maurício João Vieira Filho • Ianka Maria Silva • Isac Oliveira Godinho
Mateus Lima • Diogo Rodrigues • Kátia Fraga



ENTRELAÇAR MEMÓRIAS

vivências dos 20 anos da COM UFV

Universidade Federal de Viçosa

Reitor

Demetrius David da Silva

Vice-Reitora

Rejane Nascentes

Pró-Reitor de Extensão e Cultura

José Ambrósio Ferreira Neto

Diretor da Editora UFV

Derly José Henriques da Silva

- - - - -

Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCH-UFV)

Diretor

Odemir Vieira Baêta

ENTRELAÇAR MEMÓRIAS

vivências dos 20 anos da COM UFV

Organizadores

Maurício João Vieira Filho • Ianka Maria Silva • Isac Oliveira Godinho
Mateus Lima • Diogo Rodrigues • Kátia Fraga

Universidade Federal de Viçosa
Divisão de Gráfica Universitária

2022

**Ficha catalográfica elaborada pela Seção de Catalogação e
Classificação da Biblioteca Central da Universidade Federal de
Viçosa – Campus Viçosa**

E612 Entrelaçar memórias : vivências dos 20 anos da COM UFV
2022 [recurso eletrônico] / organizadores Maurício João
Vieira Filho ... [et al.]. – Viçosa, MG, UFV, Divisão Gráfica
Universitária, 2022.
1 livro eletrônico (208 p.) : il. color.

ISBN 978-65-88863-23-7

1. Jornalismo – Viçosa (MG) – Estudo e ensino.
2. Memória coletiva – Viçosa (MG). 3. Estudantes
de jornalismo – Viçosa (MG) – Biografia. 4. Universidade
Federal de Viçosa – Estudantes. I. Vieira Filho, Maurício
João, 1998-. II. Silva, Ianka Maria, 1997-. III. Godinho, Isac
Oliveira, 1994-. IV. Lima, Mateus, 1984-. V. Rodrigues, Diogo,
1990-. VI. Fraga, Kátia, 1965-. VII. Universidade Federal de
Viçosa. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes.
Departamento de Comunicação Social. Curso de
Comunicação Social - Jornalismo.

CDD 22. ed. 079.8151071

Bibliotecário responsável: Euzébio Luiz Pinto – CRB-6/3317

Organizadores

Maurício João Vieira Filho, Ianka Maria Silva,
Isac Oliveira Godinho, Mateus Lima, Diogo Rodrigues, Kátia Fraga

Revisão textual

Maurício João Vieira Filho, Ianka Maria Silva, Isac Oliveira Godinho,
Mateus Lima, Diogo Rodrigues

Capa

Mateus Lima (ilustrações), Diogo Rodrigues (arte)

Design Gráfico

Diogo Rodrigues

Coordenação

Kátia Fraga

Livro produzido em comemoração aos 20 anos do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa. Data original de recebimento dos textos: fevereiro/2021.
Lançamento do livro: outubro/2022.

- - -

O conteúdo e as opiniões expressas nos textos não refletem necessariamente posicionamentos dos organizadores e do curso.

- - -

As imagens presentes nesta publicação são provenientes de arquivos pessoais dos autores.

- - -

Não é possível que todas as imagens enviadas aos organizadores estejam no livro. Portanto, todas elas estarão disponíveis para visualização via Google Drive, a partir do link tinyurl.com/5e795j5u

www.com.ufv.br
[instagram.com/comufv](https://www.instagram.com/comufv)
[facebook.com/comufv](https://www.facebook.com/comufv)
twitter.com/comufv

Sumário

10 Apresentação e Lista de Siglas

18 Em algum lugar

Mariana Lopes Bretas

Parte 1 - Pioneiros

24 Era tudo mato...

Thiago Ferreira Coelho - COM 2001

28 O olhar de uma jornalista de redação para o começo desta história

Léa Medeiros - ex-professora da COM

36 Você fez jornalismo em Viçosa?

Danilo Rodrigues de Queiroz Macedo - COM 2001

42 Para além da teoria e prática, o que fica da universidade? Um relato sobre amizade

Mariella de Oliveira-Costa - COM 2001

48 A UFV na minha vida: memórias de uma jornalista nativa no Espírito Santo

Adriana Damasceno - COM 2002

56 No intenso calor do momento: imagens e memórias dos anos fundadores

Edilson Pereira - COM 2002

64 Delírios de jogar futebol

João Luis Silva Junior - COM 2003

70 20 anos de lutas, mudanças e conquistas

Ernane Rabelo - Professor da COM

76 A lição que deu o Jonas

Matheus Espíndola - COM 2004

82 Turma da COM 2005

Cristiano Sávio Mariano - COM 2005

86 COM: Uma evolução em progresso
Oswaldo Henrique Paiva Botrel - COM 2005

Parte 2 – Transformações

94 Ponto de Partida
Agnaldo Montesso - COM 2006

98 Na estação Jornalismo UFV, alegria no coração
Kátia Fraga - professora da COM

104 Celebrar e recordar, vivências de uma estudante de Jornalismo na UFV
Gisele Nishiyama - COM 2006

110 Treze anos (e contando...)
Diogo Rodrigues - COM 2008/técnico administrativo do DCM

118 Um relato pessoal sobre o Labcom
Rafael Barbosa Fialho Martins - COM 2010

124 O paulista que se apaixonou por Viçosa
Gustavo Pires dos Santos - COM 2013

130 Comunicação é encontro e caminho
Jonathan Fagundes da Silva - COM 2013

136 As experiências e afetos na formação de um jovem profissional
Isac Oliveira Godinho - COM 2014

Parte 3 – Avante

142 Sobre quem nos inspira
Raíra Saloméa Nascimento - COM 2015

- 148 Sair de Viçosa é saber que nos lembraremos dela todos os dias**
Maria Gabriela Matos - COM 2016
- 152 Mais que um departamento, uma família**
lanka Maria da Silva - COM 2016
- 158 Da Comunicação à vida: afetos, experiências e partilhas**
Maurício João Vieira Filho - COM 2016
- 164 A varanda que me abraçou: os ventos da memória de um peregrino**
Abraão Filipe - COM 2018
- 170 A oportunidade de uma vida**
Jamília Aparecida Lopes Soares - COM 2018
- 176 A Comunicação é um ato coletivo**
Lucas Zini - COM 2018
- 180 Uma Pedra pra lá de Bonita**
Vera Mercita Daian - Ex-Funcionária do Departamento
- 186 Átomos de Helinho**
Mateus Lima da Silva - COM 2003/técnico administrativo do DCM
- 194 Da decisão à conquista: o desenvolvimento de uma tardia aprovação**
Caio Parreira - COM 2020
- 202 Pouco tempo, grandes memórias**
Aline Brites - COM 2020
- Posfácio**
- 204 Viçosa viçosa**
Ulisses Vasconcellos - COM 2004

Apresentação

Maurício João Vieira Filho

Ianka Maria Silva

Isac Oliveira Godinho

Mateus Lima

Diogo Rodrigues

Kátia Fraga

(Organizadores)

Este livro reúne um percurso de 20 anos de histórias que se entrelaçam na construção do curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV. Os textos reunidos aqui se articulam, conectando as experiências de cada um de nós. Constituem uma constelação de momentos, vitórias, desejos, alegrias, estímulos e conquistas que formam a COM, como chamamos carinhosamente o nosso curso. Mais do que formar profissionais para o fazer jornalístico e as diferentes áreas de atuação da Comunicação, o curso potencializa sonhos, permite que vivências sejam compartilhadas e transformações coletivas aconteçam.

Do Departamento de Artes e Humanidades, passando pelos laboratórios na Vila Giannetti, ao edifício Fábio Ribeiro Gomes, são muitas conquistas para festejarmos. Desde 2 de abril de 2001, quando a primeira turma foi recebida, a cada ano são acolhidos mais estudantes. Abraçados pelos docentes e servidores técnico-administrativos, trajetórias se iniciam na graduação, passando pelos projetos de pesquisa e extensão, produções laboratoriais, pautas, gravações, fotografias, empresa júnior, centro acadêmico, trabalhos de conclusão de curso, eventos e tantas outras atividades que frutificam as experiências.

Rememorar os momentos iniciais da COM é, inevitavelmente, lembrar de grandes desafios que estudantes e servidores empenhados pelo desenvolvimento do curso na universidade enfrentaram. Desde as pequenas instalações, como a primeira sede do DAH, onde se encontra hoje a Divisão de Vigilância do campus Viçosa, até a falta de equipamentos para as aulas práticas. Embora esses empecilhos travassem, muitas vezes, o andamento de atividades, não foram fatores desanimadores para barrar os sonhos. Nesse período, o empenho foi propulsor para que uma série de mobilizações coletivas aflorassem, provocassem interlocuções com a universidade e reivindicassem melhorias, as quais gradualmente foram acontecendo.

A mudança para o edifício Fábio Ribeiro Gomes, em uma região central do campus, e a instituição de um departamento próprio, após desmembramento do DAH, foram avanços significativos para a COM, que foi ganhando maior visibilidade no CCH e em outros setores da universidade. Tais transformações estruturais, junto à oferta de diferentes atividades para complementar a formação acadêmica, refletem, atualmente, no aumento de vagas de estágio na área da Comunicação em Viçosa, em atividades extracurriculares e em mais estudantes ocupando vagas no mercado em diferentes regiões do país.

Ao longo de 20 anos, lutamos diariamente para fazer um curso melhor, para que as turmas que virão sejam acolhidas e possam ter experiências tão significativas em suas vidas como todos nós tivemos. Os desafios enfrentados no passado e as transformações no presente proporcionam boas expectativas para o futuro.

Para a construção deste livro, pedimos a todos aqueles que participaram do curso, de alguma forma, que enviassem textos sobre como foi sua passagem pela Comunicação. Obtivemos êxito em incluir relatos de estudantes, ex-alunos, docentes, técnicos e colaboradores externos. De modo pessoal e afetivo, os autores buscaram reviver momentos que marcaram seus caminhos pela COM. Esses olhares singulares para as memórias formam uma rede compartilhada por todos. Esse gesto eterniza a comemoração de 20 anos na história da UFV e é uma singela homenagem para celebrar as conquistas de todas e todos estudantes, egressos, servidoras e servidores, docentes e técnicos administrativos. Seguiremos, unidos, construindo a COM e lutando constantemente pela universidade pública, gratuita, de qualidade e aberta para a transformação da sociedade.

Lista de Siglas

AAA/Luve - Associação Atlética Acadêmica, denominação mais recente da Luve

AAAH - Associação Atlética Acadêmica das Humanas

BBT - Biblioteca Cental da UFV

CA - Centro Acadêmico

Cacom - Centro Acadêmico do curso de Comunicação Social – Jornalismo. Atualmente, usa-se a abreviação Cajor.

Cajor - Centro Acadêmico do curso de Comunicação Social - Jornalismo

CAP-Coluni - Colégio de Aplicação da UFV

CCH - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFV

CCS - Coordenadoria de Comunicação Social da UFV, hoje DCI

Cead - Coordenadoria de Educação Aberta e a Distância

COM - neste livro, refere-se ao curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV

CTA-ZM - Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata

DAH - Departamento de Artes e Humanidades

DCE - Diretório Central dos Estudantes

DCI - Diretoria de Comunicação Institucional da UFV

DCM - Departamento de Comunicação Social

DED - Departamento de Educação

DIZ - Grupo de Pesquisa em Discursos e Estéticas da Diferença

EFI - Curso de Educação Física da UFV

Eficap - Empresa Júnior do curso de Educação Física

EJ - Empresa Júnior

Enem - Exame Nacional do Ensino Médio

Enecom - Encontro Nacional dos Estudantes de Comunicação Social

Erecom - Encontro Regional dos Estudantes de Comunicação Social

ESPM - Escola Superior de Propaganda e Marketing

Fenaj - Federação Nacional dos Jornalistas

Fiocruz - Fundação Oswaldo Cruz

FPL - Faculdade Pedro Leopoldo

Fratevi - Fundação de Rádio e Televisão da Universidade Federal de Viçosa

IFSuldeMinas - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais

Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, promove eventos e publicações na área

Labcom - Laboratório de Comunicação

Luve - Liga Universitária Viçosense de Esportes, hoje Associação Atlética Acadêmica/Luve

NIEG - Núcleo Interdisciplinar de Estudos de Gênero

PER - Período Especial Remoto

PVA - Pavilhão de Aulas I, localizado na UFV

PVB - Pavilhão de Aulas II, localizado na UFV

PUC - Pontifícia Universidade Católica

RU - Restaurante Universitário

Sisu - Sistema de Seleção Unificada

TCC - trabalho de conclusão de curso

Ufes - Universidade Federal do Espírito Santo

UnB - Universidade de Brasília

UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFV - Universidade Federal de Viçosa

UniBH - Centro Universitário de Belo Horizonte

Unicamp - Universidade Estadual de Campinas

Unifal - Universidade Federal de Alfenas

Unis - Centro Universitário do Sul de Minas Gerais

Univale - Universidade do Vale do Rio Doce

Mariana Lopes Bretas*

Em algum lugar

* Professora do DCM/UFV, tem experiência na área de Comunicação e Arte com ênfase, principalmente, nos seguintes temas: arte contemporânea, curadoria, crítica e estética da comunicação. Possui graduação em Comunicação Social/Jornalismo pela UFJF, mestrado em Comunicação e Cultura pela UFRJ e doutorado em Historia y Teoría del Arte pela Universidad Complutense de Madrid (Espanha).

Em algum lugar
estás: recôndito e
à espera.

Dizem que a memória é falha
e quando solicitada
inventa, oculta e florea

A memória é lugar de retorno
só que esconde,
embota e esquece.

E na ânsia da viagem de volta, perde-se.

A memória é também ilusão
e na mente Replicante, faz-se humana.

Vira-e-mexe, quando requisitada,
cria, recria, burla e trapacea.

A memória é labirinto
e quando percorrida
surpreende, engana e atrapa.

Mas há ainda o fio de Ariadne:
guia e saída de emboscadas,
dilemas e vilanias

Cheiros, sons, texturas e cores...
tudo impresso no DNA.
ou a poeira do tempo fez questão de apagar?

palavras e imagens
de muito, muito longe,
de eras e paragens outras,
armazenadas, olvidadas.

A marca que ficou na pele, talvez não esteja mais lá,
mas basta o sabor, doce ou amargo, pra fazê-la voltar.

E é nas frestas, nos recantos,
entre traumas, lacunas e ruínas,
na nostalgia do tempo perdido,
que o gesto do amor revive.

Memória: salva e preserva ainda o que há de vir.

PARTE 1

PIONEIROS

Thiago Ferreira Coelho*

Era tudo mato...

*COM 2001. Formado em maio de 2006. Analista de comunicação na Univale e mestre em Estado, Governo e Políticas Públicas pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso).

“Naquela época, quando eu cheguei aqui, isso era tudo mato...”

A frase é um clichê e já virou piada. Mas, na Viçosa de 2001, essa era a realidade para os 40 alunos que inauguraram o curso de Comunicação Social - Jornalismo na UFV. Dessas primeiras 40 “cobaias”, como a gente se chamava, algumas não chegaram a concluir o primeiro semestre. Éramos a primeira turma, encontramos uma universidade que não se preparou para nos receber, e alguns colegas preferiram estudar em instituições onde o curso de Comunicação já era mais consolidado, como a UFMG e a UFJF. Mas nós, que escolhemos continuar na UFV, tínhamos uma história a construir. Um matagal para desbravar.

Para mim, o mato não era apenas metafórico. Eu ia para o campus por um caminho que passava dentro da Vila Giannetti, e ainda não era aquela via pavimentada que atualmente existe ali: era apenas uma escada, quase escondida, pela qual se chegava por uma porta estreita, e que descia em meio a um matagal. Mas o mato literal não era problema, era com o mato metafórico que a gente se preocupava. Nós, as cobaias, tínhamos uma folha em branco e não sabíamos ainda como preencher os espaços vazios.

Começamos a escrever essa história no dia 2 de abril de 2001, primeiro dia letivo daquele ano, primeira vez em que a UFV recebia estudantes de Jornalismo. Mas ainda sem professores de Jornalismo, já que a UFV ainda contratava os docentes para as disciplinas. Na nossa primeira semana, tivemos umas quatro aulas de uma disciplina oferecida pelo Departamento de Letras que, conforme a grade curricular, deveríamos ter apenas uma aula por semana. O professor Dionísio, de uma tremenda boa vontade, foi nosso primeiro mestre na vida universitária.

Assim como nós começávamos uma nova etapa em nossas vidas, alguns professores eram tão calouros quanto a gente. Léa Medeiros e Ana



Aula da Saudade, em 2006, sob coordenação da professora Ana Carolina Beer Figueira Simas

Carolina Beer Figueira Simas, que provavelmente foram as professoras que mais marcaram nossa turma, igualmente iniciavam as carreiras como docentes. Com elas, nós aprendemos a teoria e a prática, a técnica e a ética da profissão. Aprendemos não somente com elas, mas seria injusto com a história do curso se as duas não fossem nominalmente citadas. Acredito que ambas também aprenderam muito conosco. Assim como nós, alunos da primeira turma, Léa e Ana Carolina também foram cobaias nesse experimento que a UFV começou em 2001.

Foram quatro anos (ou um pouco mais) nos quais a gente aprendeu a fazer na marra: às vezes sem laboratório, às vezes sem equipamento, às vezes no improviso, mas sempre com força de vontade da turma, de professores e

servidores da UFV. Aprendemos muita coisa, inclusive (ou principalmente?) em espaços além das salas de aula e bibliotecas e para fora das Quatro Pilastras que marcam a entrada da Universidade. A maior parte de nossa turma foi composta por alunos de fora de Viçosa, a maioria vivendo pela primeira vez longe da casa dos pais. Gente de Goiás, de Brasília, do Rio de Janeiro, de São Paulo, da Bahia e de várias partes destas Minas Gerais. Gente que saiu de Viçosa com muito mais que um diploma para o exercício do jornalismo. A gente saiu de Viçosa, mas Viçosa nunca saiu da gente.

Sáímos, nos espalhamos para ganhar o Brasil e o mundo, sempre carregando conosco a saudade da UFV e da nossa turma de cobaias. Depois da formatura, depois que cada um segue um destino diferente, o que nos alegra é saber que a folha em branco foi escrita com uma história que a gente gosta de reler. O nada foi transformado em algo, e o mato deu lugar à estrada que pavimentou o caminho para as turmas que vieram depois da nossa, e que continuarão vindo no futuro.

Léa Medeiros*

O olhar de uma jornalista de redação para o começo desta história

*Jornalista formada pela UFJF com mestrado em Extensão Rural pela UFV. Trabalha na Diretoria de Comunicação Institucional da UFV e na Sociedade Brasileira de Ciência do Solo. Foi professora do Curso de Comunicação Social da UFV entre 2001 e 2003.

Fui professora da primeira turma do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV, o que me enche de orgulho! Por isso, este texto é sobre memórias e as minhas são repletas de amor por essa experiência. Naquele tempo, há 20 anos, quase tudo o que eu tinha a oferecer era uma enorme paixão e crença na profissão que escolhi para mim e meus alunos para eles. E acho que era o que eles precisavam naquele Curso absolutamente novo em uma universidade que olhava, espantada, para a expansão das Ciências Sociais - uma área nova, reflexiva, incômoda e diferente da sagrada tradição das Ciências Agrárias.

Para começar, preciso falar sobre mim e como me tornei uma jornalista professora. Entrei para o curso de Jornalismo da UFJF em 1988, ano da nova Constituição brasileira. A Universidade de lá era efervescente, com professores vindos de exílios políticos, de jornais de vanguarda para a época e de movimentos sociais renascendo após a abertura do regime militar. Meus anos de faculdade foram de uma profunda formação em Ciências Sociais, militância democrática, arte, cultura e renascimento da comunicação social no Brasil. Minha formação refletia um movimento ainda muito incipiente de sistematização das teorias do jornalismo que estava se reinventando. Éramos muito influenciados pelo pensamento da Escola de Frankfurt e por uma prática empírica dos professores, vindos do mercado, e provocada pela modernização de jornais como a Folha de São Paulo e pelo telejornalismo Global.

Com essa formação quase militante pelo exercício do jornalismo e pela liberdade de expressão, me formei no final de 1991, aos 22 anos. Sonhava em trabalhar em Brasília, com jornalismo político, ou, quem sabe, com a novíssima possibilidade do jornalismo ambiental, nascida no Brasil com os debates sobre a Eco-92. Mas uma gravidez inesperada atropelou meus planos, às vésperas da formatura. No desespero do desemprego e da mater-

nidade precoce, já em 1992, um ex-professor me indicou para trabalhar na recém-criada TV Viçosa, ligada à UFV, onde estudava o pai do meu filho.

Chegar à Viçosa foi chocante para mim! Ao contrário da UFJF, a UFV era uma universidade conservadora, majoritariamente masculina, com pouquíssimas manifestações políticas ou culturais, situada numa cidade muito pequena. Havia por aqui um grande orgulho ufeviano da tradição da pesquisa e da influência das universidades americanas na formação dos alunos e professores. Eu e João Batista Mota, também vindo de Juiz de Fora no mesmo ano, éramos os únicos jornalistas com formação superior nesta cidade onde a comunicação era exercida por amadores e com grande influência da então provinciana política viçosense. Assim como eu, muitos dos meus alunos que sonhavam com a grande imprensa, também acabaram trabalhando em cidades e empresas pequenas e, na medida do possível, tentei prepará-los para isso, porque nem sempre a vida combina com nossos grandiosos sonhos dos tempos de universidade.

Foi neste contexto conservador que nasceu o Curso de Comunicação da UFV. Os cursos das Ciências Humanas ou começavam ou eram muito tímidos, sufocados pela tradição e fama da UFV agrária e biológica. Já existia o Curso de Direito, criado no ano em que cheguei por aqui. Lembro-me bem das suspeitas veladas sobre a possibilidade de sucesso de um Curso de Direito ou da relevância de um Curso de Dança na Universidade. Quem foi contemporâneo desse período de virada, há de se lembrar. Havia muita resistência! Muitos professores, acostumados às universidades mais oxigenadas pelas Ciências Humanas, desistiram e foram embora.

Acho que nem eu acreditava na existência de um Curso de Comunicação na UFV. Não conheci os bastidores da criação e não sei de quem foi esta ideia. Suspeito que tenha o dedo de José Benedito Pinho¹, à época,

1 Professor do Departamento de Economia Rural (DER) da UFV na época, autor de diversas obras sobre comunicação e marketing.

um dos raros professores com formação em Comunicação na UFV e, mais tarde, meu orientador no mestrado.

Mas criaram! E foi num período de transição, quando o mundo definitivamente deixava de ser analógico e a tecnologia passava a ser uma ferramenta cada vez mais fundamental para o exercício do jornalismo. Só que não havia estrutura para isso. Tínhamos a lousa e dois computadores reaproveitados para uso de todos. Era só isso! O Departamento de Artes e Humanidades (DAH) funcionava na casinha onde hoje é a sede da Vigilância. Os tacos soltando, mesas que deviam ter pertencido ao PH Rolfs e paredes improvisadas de madeirite para dividir o espaço com os também novatos professores e alunos da História e Geografia. Tudo junto e apertado. O primeiro laboratório, a nossa Redação, só viria bem depois, já na Vila Gianetti, conquistado com muito esforço dos pioneiros do curso! E eu também estava lá naquela montagem, já às vésperas de sair da docência na UFV.

Lembro-me das muitas reuniões do Departamento para reclamar daquilo que não tínhamos, mas tudo era muito lento e precário. O chefe do DAH era o professor Paulo Toma, outro personagem que batalhava pelos novos cursos e ouvia reclamações e demandas de todos os lados. Na minha opinião, o Curso foi criado como naquela metáfora de “acomodar as abóboras com a carroça andando”, o que nos causava muita ansiedade. Essa era a universidade daquela época e foi assim, sem nenhuma estrutura, que abriram vestibular para a primeira turma.

Nunca pensei em fazer concurso para professora! Trabalhava na TV e também já fazia assessoria de imprensa para diversas empresas. Mas surgiu aquela oportunidade de oxigenar minhas reflexões e conhecimento sobre a profissão. Seria uma experiência nova, mas eu não me sentia preparada para entrar no seletivo “panteão” dos professores PHdeuses da UFV que, naquela



Aula da Saudade, em 2004

época, habitavam o topo da casta social viçosense. E entre os concorrentes daquele concurso, se não me falha a memória, todos, menos eu, tinham mestrado.

Com a coragem dos ingênuos, as teorias de Mauro Wolf e Muniz Sodré, os livros de Nilson Lage, o Conhecimento do Jornalismo de Eduardo Meditsch e os Manuais de Redação de grandes jornais, fui lá e fiz as provas tão despreziosamente que passei para a única vaga. Era uma quinta-feira! As aulas começariam na segunda! Eu nunca havia dado aulas, estava fora da Academia, no campo da Comunicação, há dez anos pelo menos, mas entendi, muito claramente, que a banca queria alguém com “prática de redação” e isso eu tinha de sobra. Foi assim que comecei, com muito estudo e vontade de compartilhar. Comprava material fora da cidade porque ainda

não havia livros da nossa área na Biblioteca Central ou em livrarias locais. Nem para mim, nem para os alunos!

A professora novata era uma repórter do Jornal Regional da TV Viçosa, um telejornal diário, produzido em uma TV Pública e Comunitária por quase 20 anos e correspondente da Rede Minas. Cobria polícia, política, ciência, ruas esburacadas, personalidades e tudo o que faz um repórter com a navalha na carne dos deadlines cruéis do telejornalismo diário. A matéria-prima da notícia é a exceção, os fatos que fogem à regra, mas também é a humanidade que existe por trás de cada tragédia ou boa ação noticiável. A cada dia de trabalho e incontáveis plantões de finais de semana, compartilhei muitas histórias fantásticas com todas as pessoas que foram fontes para minhas matérias. É especial para elas aparecerem no telejornal e eu fazia parte disso na cidade. São histórias que ficaram gravadas em fitas SVHS e na memória de uma jornalista apaixonada pelas ruas e seus personagens.

Foi esta bagagem que levei para a sala de aula. Uma profissional de Redação dando aulas de Técnicas de Reportagem, Entrevista e Pesquisa Jornalística. O que é pesquisa jornalística, meu Deus? Ah, sim, apuração! Disso eu entendia! Entre 2001 e 2003 dei disciplinas de Redação em Jornalismo, Comunicação Comunitária, Editoração e Telejornalismo.

Além dos professores de outros departamentos, em matérias comuns às Ciências Humanas, na Comunicação éramos apenas eu, como substituta, Ana Carolina Simas, Mariana Bretas e Sebastião Breguez como efetivos. Ana e Mariana também haviam acabado de chegar à Viçosa e devem se lembrar bem das dificuldades que passamos e que passaram para se adaptar à cidade.

A prática e os conflitos do jornalismo, minhas vivências na reportagem e os fatos da imprensa nacional sempre foram matéria-prima para as minhas aulas, mas nem sempre isso era bem visto. Lembro-me de ser ad-

vertida pelo menos duas vezes para usar exemplos menos “factíveis” e evitar levar fontes da cidade para entrevistas coletivas em sala de aula. Era tudo muito factual e novo para uma UFV ainda circunscrita ao lado de dentro das Quatro Pilastras. Sim, os cursos de Ciências Sociais fizeram bem a essa Universidade, mesmo que esta ligação com a cidade ainda pareça longe do ideal.

Acompanhei muito de perto as duas primeiras turmas de Jornalismo, mas principalmente a primeira! Estávamos juntos na insegurança e no entusiasmo. Eram 20 alunos que se apoiavam nos professores que realmente eram do Curso e ficavam perdidos com as disciplinas “adaptadas” de outros Departamentos. Ainda acompanho de perto meus primeiros alunos pelas redes sociais e criamos laços de amizade e carinho. Pensando agora em cada um deles, fico feliz e orgulhosa dos caminhos que seguiram. Quase todos exercem a profissão e parecem confortáveis com as escolhas que fizeram!

Enfim, deu tudo certo naquele começo difícil, mas foi a duras penas! As primeiras turmas foram corajosas em topar este pioneirismo de criar juntas e, sobretudo, confiar neste novo Curso para alicerçar suas carreiras. Alguns ficaram pelo caminho! Ou por problemas particulares, ou por acharem que não teriam vocação. E, mesmo novata, inexperiente e substituta, reprovei alguns ou dei força para que outros seguissem seus verdadeiros sonhos. Não sei se minha empolgação excessiva pela profissão fez bem a todos. Devo ter intimidado alguns! Hoje, mais experiente, aprendi que dá para ser um bom profissional sem usar as vísceras. Mas não dá para ser “jornalista de redação” sem conviver com muitos dramas e humanidades diferentes e continuar vivendo sem indignação. Isso não!

Lembro-me de olhar para a primeira redação de uma aluna tímida e dizer a ela que tinha bom texto para telejornalismo. Ela não acreditou,

mas virou apresentadora de telejornal global. Também me lembro de dar aulas práticas no Centro de Vivência, com os estudantes sentados no chão, descobrindo a prática da redação para televisão. Do encanto que sentiam pelas diferenças dos textos para as diferentes mídias. Da indignação deles com a falta de estrutura sem terem sequer um veterano para dizer que já foi pior. Lembro de incentivá-los, em off, a acampar na reitoria até que conseguissem livros e computadores para o Curso. De dar aulas em minha casa porque havia perdido um bebê e era um final de semestre em que dava três disciplinas e eles já tinham problemas demais. Lembro do nosso choro, juntos, na Aula da Saudade da primeira turma. Dos rostos e nomes dos meus alunos, dos leads “nariz de cera”, dos textos melhorando a cada nova pauta, me lembro de sentir muita falta da sala de aula quando tive que sair, em 2003, porque meu contrato acabou. Lembro de estudar muito, me lembro da minha insegurança e das minhas alegrias. E agradeço por poder contá-las aqui.

Vida longa ao Curso de Comunicação da UFV!

Danilo Macedo*

Você fez jornalismo em Viçosa?

*COM 2001. Cobriu as Paralimpíadas de Pequim, as Olimpíadas de Londres, o Funeral de Nelson Mandela e eleições presidenciais. Possui especialização em Relações Internacionais pela UnB e certificação em Transformação Digital no Governo pela Universidade de Harvard.

Ouvi essa pergunta inúmeras vezes desde que me formei. Porém, nunca desacompanhada de uma boa história sobre uma experiência única vivida pelo indagador, ou algum amigo seu, em terras viçosenses. Há 15 anos, a curiosidade também vinha junto de incontida surpresa. Curso de Jornalismo e Universidade Federal de Viçosa não eram termos que as pessoas imaginavam caber na mesma frase. No início, éramos bichos raros. Inéditos nas redações. Mas fomos aprendendo a usar esse fator como diferencial e povoando o mercado com nossa marca e nossas histórias.

Fazer parte da primeira turma, inaugurando o curso em 2001, não foi tarefa simples. A começar pelo vestibular. A maioria, como eu, nunca tinha pisado em Viçosa e viu na primeira seleção para jornalismo numa universidade localizada no interior, ainda que sempre no topo dos rankings de qualidade, uma chance de menor concorrência. Jornalismo, no entanto, foi o segundo curso mais concorrido daquele ano, superando, com margem considerável, outros já bastante reconhecidos.

A primeira turma foi composta por jovens vindos de várias partes do país, com diferentes experiências de vida e visões de mundo. E isso foi incrível! Sem outras turmas do mesmo curso para trocar ideias, nos unimos bastante. Debatíamos demais. Sobre tudo! E isso fez muita diferença no amadurecimento de cada um. Essas amizades, com vivências em comum únicas, já perduram por duas décadas e ganham nova energia a cada cinco anos nos bailes de ex-alunos.

Mas como disse, o início não foi tarefa simples. Sem experiências anteriores com alunos, sem um corpo de professores totalmente formado, ainda sem equipamentos para as aulas práticas dos semestres seguintes, percebemos de cara que, se não nos movimentássemos, o sonho poderia se converter em pesadelo. Essa não era uma opção aceitável. Então, nos movimentamos.

De seleção de professores a produção de editais para compras de insumos, passando por criação do Centro Acadêmico e um trancamento em massa (toda a turma mesmo!) de disciplina prática que ainda carecia de equipamentos necessários, até algumas reuniões com reitores para negociar investimentos no curso e em participações em congressos de Comunicação, nenhum ponto era menosprezado por nós. Passamos a atuar absolutamente em tudo para fazer aquele projeto dar certo.

Ao contrário do que possa parecer, no entanto, as adversidades não foram um fardo que carregamos. Elas nos impulsionaram a empreender como estudantes, ficar ainda mais unidos, fazer planos para compensar alguns pontos de carência do curso, investir nas oportunidades de aprendizado dentro e fora de sala de aula e viver intensamente a experiência única e mágica que é estudar em Viçosa. Para nos destacar, precisávamos respirar e nos alimentar de todos os diferenciais possíveis que a cidade e a universidade pudessem oferecer.

Jornalistas precisam de olhar atento, curiosidade, empatia para compreender as dores das pessoas, ouvidos e corações bem abertos e honestos para escutar sem preconceitos. Respirar e nos alimentar da cultura local, das novas amizades e experiências, dos “Causos de Viçosa”, certamente ajudou a forjar excelentes profissionais.

Como não considerar um privilégio poder ouvir, tomar café e escrever histórias como as da dona Maria Vitalino e dona Gerda Brune? Ambas nonagenárias e cheias de paciência ao serem entrevistadas por aspirantes a focas mais de 70 anos mais jovens. Uma negra e outra branca. Uma moradora da parte alta e a outra da parte baixa do Bairro Santo Antônio. A primeira, registrada como Isabel Germano, mas conhecida como Maria Vitalino, tinha prosa fácil e descia e subia o morro todos os dias. Nesse percurso havia uma “escada”, improvisada na porta de sua casa com cortes

de enxada feitos na terra pelos vizinhos para evitar escorregões que, nessa fase da vida, podem deixar sequelas irreparáveis. O que, porém, não reduzia o perigo quando chovia.

A segunda, dona Gerda Brune, nasceu no Brasil, formou-se em odontologia na década de 1930, mas estava na Alemanha quando estourou a 2ª Guerra Mundial. Reconstruiu a vida em Viçosa, assim como construiu a primeira casa do Bairro Santo Antônio, a mesma onde recebeu alguns alunos da primeira turma de jornalismo da UFV. Falava pouco, mas respondia a tudo que perguntávamos e tinha uma vitalidade incrível, assídua às aulas de natação.

Ambas enfrentaram inúmeras dificuldades na vida. Mas estavam ali, cheias de disposição e paciência para repassar valiosos ensinamentos àquelas jovens ainda no início da vida adulta. Entre os aprendizados, o próprio exemplo de vida. A resiliência e a energia daquelas senhoras para transpor suas adversidades nos revigorava e fazia acreditar que as nossas não eram tão grandes assim. E que, assim como elas, também venceríamos.

Em 2005, no primeiro ano de formados da nossa primeira turma, meu grande amigo goiano Bruno Winckler deu a primeira prova da nossa capacidade, ao ser um dos 30 jovens do país selecionados para o disputado curso de focas do Estadão, um dos maiores e mais reconhecidos periódicos nacionais. Ele abriu as portas para outros que vieram depois, incluindo a mim. Quando entrei, aquela pergunta do início do texto já vinha acompanhada de outra. Você fez jornalismo em Viçosa? Conhece o Winckler? E eu pude contar, orgulhoso, que sim e que ele e outros colegas talentosos já estavam trilhando seus caminhos graças a tudo que evoluíram nos anos de UFV.

Hoje a surpresa é bem menor. Aqueles bichos raros se proliferaram e, agora, já são algumas centenas. E passaram a habitar redações dos principais veículos de comunicação, assessorias de empresas e instituições reco-



Bruno Winckler e Danilo Macedo, alunos da primeira turma do curso, durante cobertura da Copa do Mundo de 2014

nhecidas e, seguindo aquele instinto de sobrevivência do início do curso, e que passou a fazer parte do nosso DNA, também empreenderam seus próprios negócios e projetos, profissionais e de vida. Em Viçosa, em Minas Gerais, em outros estados do Brasil e até em outros países.

Referências no ofício de reportar dizem que o jornalismo é a melhor profissão do mundo porque nos permite conhecer pessoas e lugares que não conheceríamos de outra forma. Tive o privilégio de comprovar essa tese, com coberturas inesquecíveis na China, África, Europa e muitos rincões desse nosso surpreendente país. Ainda mais afortunado, tive a felicidade de encontrar outros jornalistas *made in UFV* em algumas delas. O que é uma sensação indescritível!

A internet e as crises nas grandes redações reduziram investimentos, comprometendo as reportagens de fôlego, aquelas que são possíveis apenas indo a campo. A pandemia de covid-19 pode intensificar ainda mais esse cenário no futuro. Mas as boas histórias estão em todos os lugares, assim como as de Maria Vitalino e Gerda Brune. São histórias que precisam ser contadas e, para isso ser possível, que venham mais turmas, cada vez mais diversas, com visões e experiências de vida diferentes e sempre unidas para fazer o bem!

Mariella de Oliveira-Costa*

Para além da teoria e prática, o que fica da universidade? Um relato sobre amizade

*COM 2001. Professora, pesquisadora e jornalista. Foi eleita oradora da turma de 864 formandos jan/2005. É servidora pública na Fiocruz Brasília, onde trabalha com ensino, pesquisa e comunicação em saúde.

“Idem velle, idem nolle.”

Essa frase da Suma Teológica, de São Tomás de Aquino, escrita por volta do século XIII, sinaliza uma das melhores coisas que cursar jornalismo na primeira turma da UFV me proporcionou. Não uma coisa, aliás; mas o bem precioso chamado amizade, que é, nas palavras do monge dominicano, “querer as mesmas coisas, rejeitar as mesmas coisas”.

Flavinha, Tassi, Yhara, Fernanda e eu poderíamos ter apenas passado pela UFV como colegas de turma, mas escolhemos viver intensamente cada oportunidade de formação naquele campus belíssimo e permanecer unidas, após a formatura.

Nosso encontro não foi fruto do acaso. Fui até Viçosa para a matrícula, no início de 2001, de carona com a Fer, na van do pai dela, sr. Nilson, que já está no céu. Nascemos em cidadezinhas mineiras vizinhas, Formiga e Piumhi, e a aprovação daquelas meninas caiu na boca do povo - bastou um telefonema intermunicipal entre nossas mães e lá estávamos nós, viajando juntas por mais de 400 quilômetros até uma terra sobre a qual, antes do vestibular, eu jamais tinha ouvido falar. Chegando à UFV, encontramos a Tassi e alugamos por três meses um apartamento mobiliado na Rua dos Estudantes: vai que não dá certo, vai que a gente muda de ideia, afinal era tudo muito novo mesmo... famílias e filhas de primeira viagem!

Morei em nosso CoMvento (que agregou a Bru, minha conterrânea e aprovada no curso de Direito) até integrar a lista de novas moradoras do Alojamento Feminino, na metade de 2001, quando passei a ser vizinha de Yhara (109 e 111 eram quase uma república só). Ela e eu fomos a muitas cervejadas, com direito a rolar na lama, voltar para casa tarde da noite e não ter nem banho quente, pois, aos fins de semana depois do almoço, as caldeiras do Restaurante Universitário, responsáveis pelo aquecimento da



Registro do primeiro congresso científico da turma, em Salvador (BA), 2002

água dos alojamentos, não funcionavam.

Flavinha, a nativa do grupo, percebeu que compartilhávamos não só as tarefinhas de aula e os inúmeros desafios de um curso novo, tais como a ausência e inexperiência de alguns professores, mas também os medos, a saudade de casa, os ritmos diferentes de cada uma. E também pequenas conquistas, como conseguir juntar uma graninha para o rodízio de pizza no Papa Quilo ou um lanche mais elaborado na Boca do Forno (hoje Boca Viçosa), além daqueles conselhos sobre as paquerinhas sem futuro e também os sonhos.

No intervalo dos estudos, também fui cabeleireira e atriz da Companhia Universitária de Encenação, junto com a Yhara e a Tassi. Tudo pela arte? Nem sempre... era pela bolsa de alimentação e pelo dinheiro, mesmo!

A assistência estudantil da UFV definitivamente foi fundamental para que eu me formasse. Em períodos de greve, inclusive, ofertavam cestas de alimentos para os moradores de alojamento!

Cada uma de nós à sua maneira, juntas, tivemos momentos muito dignos ali: dos estudos às festas (e por que não um projeto de pesquisa sobre as festas na universidade? Sim, fizemos!) passando pela criação de *storytelling* sobre um comércio de rua da cidade nas aulas de marketing ou, ainda, a visita de cortesia a uma professora que nos parecia depressiva, logo no primeiro semestre, que era nossa vizinha.

Como cobaias do curso, passamos por várias semanas sem aula, e aprendemos com docentes que, em sua maioria, também eram calouros naquela profissão. Esses e outros desafios de ser da primeira turma nos forjaram como profissionais resilientes demais. Depois da formatura, cada uma seguiu seu rumo, com carreiras distintas, novos gostos e prioridades. Fui contratada no Centro de Tecnologia da UFV, onde estagiava, e o CoM-vento me abrigou novamente: a Fer generosamente dividiu o quarto dela comigo, na república, ali no Calçadinho (será que existe ainda?) durante um semestre inteiro, no qual eu viajava 28 horas de ônibus (ida e volta) toda semana até a Unicamp, onde cursava uma pós-graduação em Jornalismo Científico - que considerava difícilíssimo, mas que, no estágio, aprendi a amar, foi tema de meu TCC - orientado pela professora Adriana Passos - e área em que fiz carreira. Foi essa mestre, inclusive, que me aconselhou a deixar a rotina de estrada Viçosa-Campinas para trás e buscar emprego naquela cidade do interior paulista. Também lembro com carinho da professora Ana Carolina, que, no fim do curso, quando o medo do desemprego bateu, me aconselhou a não fazer mestrado sem uma motivação genuína para a pesquisa. Ela estava certa, nunca fiquei desempregada, e só no meio da minha pós-graduação, já apaixonada pelo jornalismo científico em saúde,



Último encontro das amigas, em São Paulo, 2018

decidi fazer mestrado na turma de Tocoginecologia da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp. Cursei o doutorado na Universidade de Brasília só cinco anos depois de terminado o mestrado, entendendo que, para mim, o conhecimento acadêmico precisa estar aliado à prática cotidiana, para que faça sentido.

Ao longo desses mais de 15 anos depois da nossa formatura, as meninas e eu nos encontramos periodicamente para celebrar conquistas, colocar a fofoca em dia e olhar no olho uma da outra para lembrar que, na época das vacas desnutridas, a gente já se amava demais! De lá pra cá, cada uma de nós mudou muito, mas a essência que nos une permanece inalterada!

Umás já estão casadas, têm filhos, outras ainda sonham com a maternidade - e quem nem falava tanto disso é a mais nova gestante do pedaço! Algumas atuam na comunicação, outras querem distância dessa vida de

jornalista, mas todas temos uma conexão única: a gente vibra com as conquistas, chora junto nas dificuldades e dá bronca quando vê que é necessário - desde a faculdade.

Nosso grupo de *WhatsApp* é digno! Mantemos um tradicional amigo oculto virtual, há quase uma década, mesmo que haja desencontros de endereço, presentes desviados e que a revelação seja só no meio do ano seguinte!

Do alojamento 111 da UFV, com café da manhã, almoço e jantar no Restaurante Universitário, até hoje, minha vida mudou muito, e tenho orgulho de dizer que, daquela época desafiadora, graças a Deus, a amizade com este grupo permanece.

Eu poderia ter escrito sobre como a epistemologia da comunicação me auxiliou a conquistar um lugar ao sol, ou sobre o fenômeno das *fake news* e a disputa de sentidos sobre saúde nas mídias hoje, meu campo de trabalho. Alguém que se dedique um pouquinho ao estudo do tema relataria muito bem toda a sua complexidade. Decidi registrar, portanto, o que de mais singular o Curso de Jornalismo da UFV me proporcionou: essa amizade verdadeira.

Se posso dar um conselho a quem lê este texto é: não sobreviva à universidade, mas VIVA com intensidade este período da vida, e esteja aberto a conhecer seus colegas para além do número de matrícula. Defina, com base em seus valores, quem você levará contigo quando se despedir das Quatro Pilastras. Qualquer um que estude com afinco pode ter um diploma, mas sábio mesmo é quem, da faculdade, leva amigos.

Adriana Damasceno*

A UFV na minha vida: memórias de uma jornalista nativa no Espírito Santo

*COM 2002. Mora no Espírito Santo há mais de 10 anos, onde atua como assessora de imprensa e redatora na Ufes. Casada com outro nativo, também ex-aluno da UFV (o engenheiro civil Cremilson), e mãe de um lindo capixaba, o Gabriel.

Nasci em Viçosa. Sou o que os estudantes da UFV chamam de nativa. E, como boa parte dos nativos da minha época, sou filha de funcionários aposentados do campus de Viçosa da UFV. Por esse motivo, a Universidade sempre me foi muito familiar. Ainda criança, conhecia alguns setores e departamentos por dentro e tudo era uma grande brincadeira. Os corredores eram pistas de corrida. As escadas, casinhas de boneca. Os gramados, enormes campos de futebol! Foi na UFV que aprendi a nadar, a andar de bicicleta e a dirigir.

O lugar icônico para tirar fotografias era a placa de entrada do campus, onde se vê escrito “Sempre a serviço da pátria”. Todo nativo que se preza tem uma foto ali! Naquele momento, eu ainda não via aquele espaço como uma instituição de ensino, não sabia que dali saíam grandes cabeças pensantes e profissionais reconhecidos. Para mim, era só o local de trabalho dos meus pais. Era divertido quando eles me levavam vez ou outra e, mais ainda, quando íamos aos piqueniques de domingo em algum gramado, com meu cachorro Bugue e, algum tempo depois, com meu irmão.

Com o passar dos anos, fui entendendo a dimensão daquele lugar. Já não via a UFV só como um enorme espaço de brincadeiras. Passou a ser um sonho, se tornou uma vontade. Eu queria ser estudante da UFV! Foi aí que veio o primeiro entrave: sempre quis ser jornalista, mas não havia o curso de graduação em Comunicação Social - Jornalismo na UFV. Seguindo meu sonho, fui estudar em uma faculdade particular em Ubá, cidade vizinha. Estava lá havia um ano quando (felicidade!) a UFV abriu o primeiro vestibular para Jornalismo, para a turma de 2001. Não fiz. Tive medo. Achei melhor aguardar um ano e ver como o curso se estruturaria. Passado este período, fiz uma prova de transferência e (felicidade maior!) passei. Pensa em um pai e uma mãe orgulhosos!

Ingressei em meados de 2002 e encontrei um curso bastante bagun-



Adriana com a mãe, Dora, na placa próxima às Quatro Pilastras, anos 1980

çado, sem espaço físico determinado nem grade curricular definida. Tínhamos pouquíssimos professores e praticamente nenhuma estrutura. Era tudo improvisado, precário. Mas éramos duas turmas muito unidas, cheias de vontade! Agarrávamos qualquer oportunidade que surgia. Os três professores efetivos e os poucos substitutos que iam aparecendo conforme a demanda de disciplinas ia aumentando tentavam nos passar tudo que sabiam e podiam, dadas as circunstâncias. Foi um período enriquecedor, de grande aprendizado, muita frustração, mas muito amor e dedicação ao curso. Queríamos e precisávamos que ele crescesse e despontasse, afinal, o reconhecimento do nosso diploma dependia disso.

Éramos uma turma de colegas/amigos muito próximos. Afinal, éramos nós por nós! Essa proximidade, além de proporcionar uma boa troca de conhecimento, nos rendia as melhores confraternizações. Como éramos poucos (e bons!), estávamos sempre juntos em barzinhos ou nas famosas

festas temáticas. Criamos a Procissão da Comunicação! Era um dia épico, no qual alugávamos um minitrio elétrico (desses caminhõezinhos de puxar com cordinha, mas que fazem um som de respeito!) e rodávamos pela cidade devidamente vestidos com a camisa da Procissão. Íamos parando nos bares para comer, beber e arregimentar mais membros. A Procissão virou uma marca daquele tempo!

Também foi na minha época que as cervejadas viraram aquele banho de lama. Tudo aconteceu meio sem querer, quando uma chuva caiu no meio de uma festa. Como para formando nunca há tempo ruim, fizemos do limão uma limonada. A chuva fez o chão de terra virar um lamaçal e todo mundo começou a se jogar na lama. Por fim, deitávamos e rolávamos, literalmente! Depois daquele momento, quando não chovia durante a cervejada, a lama era “fabricada” artificialmente para seguir a tradição. Cervejada sem lama não era cervejada!

As festividades oficiais de formatura, como colação de grau, aula da saudade e baile de gala ficarão para sempre na minha memória.

Os quatro anos que passei na UFV foram os melhores da minha vida. Foi quando fiz grandes amizades que trago comigo até hoje. O estágio que fiz no Jornal da UFV foi um divisor de águas na minha vida acadêmica e na minha futura carreira. Aprendi muito! Tive a oportunidade de realizar entrevistas mais técnicas e pude escrever matérias com tons mais institucionais. Guardo comigo todos os exemplares nos quais tive textos publicados e sou muito orgulhosa de cada um deles. Tive momentos hilários, como quando fui escalada para cobrir um evento e a fonte era um pesquisador uruguaio que só falava espanhol, sem tradutor! Lembro do quanto o fotógrafo e eu nos desesperamos com a situação por não entender praticamente nada do que a fonte dizia. Mesmo assim, conseguimos tirar “leite de pedra” e a matéria saiu. Alguns anos depois, eu já formada, encontrei com aquele



Ana Graziela, Taciana, Adriana, Flávia e Thiago, durante uma das tradicionais cervejadas

fotógrafo em um clube de Viçosa e rimos muito ao lembrar dessa história.

Guardo muitas lembranças maravilhosas da UFV (algumas impubli-cáveis hehe). Sempre digo que talvez minha vida profissional teria outro rumo se eu não tivesse passado pelas alegrias e frustrações que passei durante a graduação. Não tínhamos nada na mão, era tudo bem difícil. Não tínhamos sequer um departamento, uma sala para nos reunir com nossos professores de forma adequada. Aliás, preciso reconhecer o esforço e a dedicação daqueles professores, porque eles foram guerreiros. Os servidores técnico-administrativos também merecem ser lembrados. Muitas vezes (no meu caso, principalmente), aprendi mais com eles, nos estágios e nas aulas práticas, do que com os livros, que muitas vezes nem tínhamos à disposição na Biblioteca Central, devido à novidade do curso. Foi durante o estágio no



Adriana e seus pais, Vicente e Dora, na formatura, em maio de 2006

Jornal da UFV que descobri que queria ser assessora de imprensa e redatora, funções que exerço na Ufes. Via aqueles profissionais experientes trabalhando, apurando, produzindo e me sentia muito agradecida e honrada por estar ali, aprendendo tanto. Buscava absorver cada ensinamento, cada dica. Isso definitivamente ajudou a formar a profissional que sou hoje. Seria injusto citar nomes, pelo risco de esquecer alguém, por isso, deixo minha enorme gratidão a todos os professores e servidores que atuaram durante minha formação.

Minha formatura aconteceu em maio de 2006. Todos os cursos da UFV graduando dezenas de estudantes em um único dia. Era muito cansativo, mas era mágico! O livro de biografias (que também guardo até hoje) tem histórias maravilhosas de vários sonhadores como eu.



Adriana com as colegas Ana Graziela, Ludmila,
Flávia e Denise, após a colação de grau

A UFV, definitivamente, é parte da minha história. Cresci dentro daquelas quatro pilastras, brincando naqueles espaços e, mais tarde, aprendi a ser jornalista naqueles PVA e PVB. Tenho um amor genuíno pela minha Universidade e um carinho enorme pelo curso de Comunicação Social. Fico imensamente feliz cada vez que fico sabendo de uma nova conquista do curso. É como se fosse uma conquista pessoal. Sou cria do Jornalismo da UFV e tenho muito orgulho de dizer isso em terras capixabas!

Edilson Pereira*

No intenso calor do momento: imagens e memórias dos anos fundadores

*COM 2002. Professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura e da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutor em Antropologia Social pelo Museu Nacional, UFRJ, com estágio na École des Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris. Pós-doutorado pela Universitat de Barcelona, desenvolvendo projeto de antropologia visual - fotografia. Editor da revista *Religião & Sociedade*, indexada no Scielo.

A notícia do aniversário de 20 anos do curso de Comunicação Social da UFV chegou até mim como uma visita inesperada que, uma vez recebida, muda o ambiente por completo. As experiências guardadas numa sessão específica da memória, junto a um acervo de fotografias, se jogaram da estante e vieram ocupar o presente. Senti júbilo pela longevidade do curso que transforma positivamente a biografia de tantos de jovens brasileiros, mas ponderei sobre o avançar das décadas e como elas podem levar a uma romantização de um passado, atenuando a intensidade das lutas e paixões envolvidas no nascimento de uma nova graduação. Para me reaquecer com o calor daquele momento, recorro aos registros fotográficos que compartilho aqui. Eles me servem de referência para conectar passado e presente.

Vindo de uma família com mais seis irmãos, todos educados em escola pública, sou ainda o único graduado numa universidade federal. Esse dado íntimo dá ideia do sentimento de conquista vivenciado ao passar no vestibular e integrar a segunda turma do curso, em 2002. Ao ingressar na universidade, porém, a realidade do sucateamento das instituições de ensino superior no país, ainda governado por Fernando Henrique Cardoso, se interpunha como um choque de realidade. Foi preciso amadurecer, e rápido. Mesmo com a eleição de Lula, em 2002, não tínhamos a opção de aguardar que o governo se estabilizasse e as políticas que mudariam a história do ensino superior no país nos atingissem. Pegamos apenas o final dessa fase – agora saudosa, infelizmente.

Por essa razão, as “boas lembranças” da vivência universitária não se referem apenas às amizades e amores da juventude, mas às experiências indeléveis, difíceis de apagar. Para muitos colegas, as memórias guardadas da vida universitária são de um protagonismo inesperado. Diante das fragilidades de uma graduação recém instituída, um forte sentimento de



Manifestações estudantis. Acima, em frente ao Centro de Ciências Humanas da UFV, no edifício Arthur Bernardes, em 2002.

Abaixo, próxima ao edifício da Biblioteca Central. No cartaz nota-se a referência ao DAH, ao qual o curso se vinculava



coletividade se estabeleceu entre os estudantes. Logo nos primeiros semestres nos dávamos conta que não havíamos “entrado na” universidade, como se ela fosse um espaço circunscrito. Nós éramos a universidade, fazíamos parte dela. Nossa formação estava integrada às suas disputas e destinos. Por isso, os primeiros anos de existência do curso foram marcados por várias manifestações estudantis, feitas para visibilizar os problemas que nos atingiam, como falta de docentes, equipamentos e laboratórios. Com faixas, cartazes e apitos, cruzávamos o campus buscando apoio ao curso dentro da universidade.

Estimulados por esse engajamento, montamos em 2002 um coletivo – tão inexperiente quanto determinado – que se propôs a criar o primeiro jornal impresso feito pelos estudantes de Comunicação. Nutridos do sentimento de que éramos protagonistas em nossa formação, lançamos em dezembro de 2002 o COMTEXTO. Com o apoio da Gráfica Universitária, onde produzíamos a tiragem de centenas de cópias, aventurávamos a fazer jornalismo enfocando as questões universitárias de relevo na época. De fato, pode-se dizer que o COMTEXTO foi um tipo de precursor do jornal-laboratório, criado um ano depois. No fim de 2003, na época de elaboração do primeiro número do *OutroOlhar*, cujo nome evidencia uma valorização da diversidade de perspectivas, fomos os pioneiros das equipes de reportagem do jornal-laboratório.

Enquanto os protestos estudantis e as experimentações jornalísticas formavam uma imagem pública do novo e engajado curso de Comunicação da UFV, nós também atuávamos nos órgãos representativos de estudantes e nos colegiados universitários. Politizamos o Centro Acadêmico (CACOM) e participávamos das campanhas para obter mais vagas para docentes. Ao mesmo tempo, sabíamos que o humor é uma arma política e, por isso, nomeamos nossa chapa do C.A. de “Invertendo a Pirâmide Inver-

COMTEXTO

Iniciativa do curso de Jornalismo UFV-2002

Vigosa/MG - dezembro 2002

número 01 - Ano 01

UFV em uma fria

O projeto CRIOSSOLOS da UFV foi selecionado pelo CNPq e pelo Ministério do Meio Ambiente para atuar no continente antártico.

Pág. 6

O impasse do passe

Foi aprovado na Câmara Municipal o projeto que institui o passe escolar em Vigosa. De autoria do vereador Adriano Henrique (Chê), o polêmico projeto precisa agora da apreciação do prefeito, que declarou à imprensa preferir deixar a decisão de veto ou sanção para os vereadores.

Pág. 3

Alunos fazem protesto

Os estudantes dos cursos de Comunicação Social/Jornalismo e Secretariado, indignados com a precariedade com que eles são oferecidos, estão realizando diversas manifestações, incluindo paralisações gerais, distribuição de panfletos informativos e colagem de cartazes com mensagens esclarecedoras.

Pág. 3

Lula e as Federais



Pág. 4

Surpresas no Brasileirão 2002

A retrospectiva de um campeonato marcado pelo equilíbrio entre as equipes e rebaixamento de clubes renomados.

Pág. 8

Simpósio de Iniciação Científica 2002

A repercussão do XII SIC é o reflexo das novas expectativas em relação ao desenvolvimento da produção científica no Brasil. Nesta edição, o evento registrou 1.200 participantes inscritos, 556 alunos inscritos em minicursos e 605 trabalhos apresentados, dos quais 337 são bolsas do PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica).

Pág. 6



Um dia marcado pelo esquecimento

O depoimento de uma aluna de Comunicação Social sobre o Dia da Consciência Negra. Nele, é enfatizada a importância da data, a questão referente ao ingresso dos negros em universidades públicas, bem como o descaço da sociedade em relação à data.

Pág. 7

Capa da 1a edição do jornal COMTEXTO, em dezembro de 2002

tida”. Era uma óbvia provocação aos vetores de standardização da escrita jornalística e do seu pensamento. Sob um espírito propositivo, defendíamos o ecletismo da criação estilística. Nesse ponto, há que se reconhecer a dívida intelectual que tínhamos com professores da época, de várias disciplinas, incluindo a de Redação em Jornalismo, Adriana Passos.

Enquanto alunos de outros cursos da UFV se formavam absorvendo o que ocorria exclusivamente na sala de aula, nós, da Comunicação, expandíamos o aprendizado para tudo aquilo que envolvia a universidade. Fomos nos tornando sensíveis à pluralidade de formas de perceber o mundo e de imaginá-lo. Nesse espírito, organizamos, em 2004, a 1ª Semana Acadêmica do curso, com o tema “Imagem, Som, Movimento”, realizada com apoio da então coordenadora do curso, a professora Ana Carolina Beer Figueira Simas. Nessa época, fazíamos parte do DAH.

Estar integrado às artes e às humanidades era, em verdade, um ganho para ampliar a maneira de compreender a Comunicação Social naqueles tempos, enquanto área vocacionada ao diálogo interdisciplinar. Não por acaso, muitos de nós fomos integrados a iniciativas de pesquisa e extensão em outros departamentos e núcleos de estudo. Realizei duas pesquisas de Iniciação Científica vinculadas, cada qual, a um setor: no Departamento



Banner de divulgação da Semana Acadêmica de Comunicação Social, 2004



Centro Acadêmico de Comunicação Social da UFV, 2003. A partir da esquerda, atrás: Edilson Pereira, Ana Luiza de Abreu, Sula Carvalho, João Paulo Cordeiro Reis, Daniela Correia e Castro de Carvalho, Renata Maciel Villanova. Em primeiro plano, Isabela Mendes Freitas, Isabel Cardoso da Silva e Lucas Ferreira

de Educação, uma pesquisa sobre grupos de oração universitários (católico, evangélico e kardecista), e junto ao Núcleo Interdisciplinar de Estudos de Gênero, NIEG, com as professoras Maria de Fátima Lopes e Alice Inês de Oliveira Silva. Seus ensinamentos e a formação das aulas de Sociologia da Comunicação e de Antropologia, ministradas por Alessandra Gomes Mendes, foram decisivas na minha aproximação com as ciências sociais. Depois de Viçosa, me tornei mestre e doutor em Antropologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Hoje, como professor na Escola de Comunicação dessa mesma instituição, divido a paixão pelas duas áreas –

comunicação e antropologia – considerando o potencial de criativo e transformador de ambas.

O interesse na pluralidade das formas de expressão cultural, cultivado desde então, nos lançava em aventuras inesquecíveis para participar de congressos representando o curso. Fizemos viagens de ônibus desde Viçosa até Fortaleza, Salvador e Porto Alegre para participar, respectivamente, do Enecom, do Intercom e do Fórum Social Mundial. As viagens longas e curtas para eventos acadêmicos se mantiveram como prática até os anos finais do curso. Já no encerramento da nossa gestão no centro acadêmico, usamos todo o dinheiro que tínhamos em caixa para comprar os primeiros livros de uma idealizada biblioteca para o curso – a ser constituída ao longo dos anos na casa na Vila Giannetti, onde já havia uma hemeroteca. Considero essa última ação coletiva um gesto dos projetos que, mesmo ao fim, mantínhamos em relação ao curso. A passagem pela UFV nos formou em termos acadêmicos e políticos, deixando um legado para a vida toda.

João Luis Silva Junior*

Delírios de jogar futebol

*COM 2003. Formado em 2007. MBA em Comunicação Empresarial pela ESPM. Atualmente trabalha com produção de conteúdo corporativo para área de energia, mas já foi colunista do Omelete e teve um blog na ESPN.

Memória é algo complicado. Tem coisas que você quer lembrar pra sempre mas esquece, tem coisas que você não quer lembrar nunca mais e voltam na sua memória às 7h45 da manhã, no transporte público, o motorista pedindo para todo mundo dar um passinho à frente pra caber, você não dá o passinho e, além do *flashback* terrível, agora tem um desconhecido te empurrando.

Os filmes dizem que alguns momentos vão deixar memórias extremamente vivas, do tipo “os alemães usavam cinza e você usava azul”, mas se você pedir a seus pais contarem como eles se conheceram, a seus avós contarem onde estavam quando o homem pisou na lua, as histórias podem ser tão desencontradas que, se fosse uma série policial, todo mundo seria preso.

Então eu não vou tentar dizer aqui que eu, que não lembro de cabeça o telefone da minha mãe, não consigo fazer compras sem levar uma lista e às vezes confundo minha própria idade - ainda que isso possa ser minha cabeça não aceitando que já tenho 36 - seja a fonte mais confiável sobre os primeiros anos do Impressionados Futebol Clube.

Primeiro, eu não vou saber te dizer exatamente quem estava presente no dia da fundação. Da minha turma, 2003, estávamos eu, Felipe Carneiro, Frank, TG, Piscina e Bruno Cabeça? Ou Bruno nunca existiu e era um lance da minha cabeça, uma coisa meio Clube da Luta, tanto que acho que nunca mais ele apareceu depois que saí da faculdade e comecei a beber menos? Da turma de 2002, estavam lá Thiago, Winckler, Danilo, Roberto, outro João, mas tinha mais gente, certo? Eu não vou saber confirmar. Onze pessoas já são dois times de futsal, mas eu sinto que esqueci alguém. Tinha um Renato além do Roberto? Aquele cara se chamava Bonn ou apenas achavam ele bom e eu era calouro e ficava sem graça de perguntar?

Mas quem eu lembro com certeza que estava lá, por exemplo, era Ronaldo Campbell. Também da minha turma e conhecido como Ronaldo ou



Uma das primeiras formações do Imprensonados. Em pé: Thiago Coelho, Winckler, Ronaldo Campbell, Bonn, Cabeça, Danilo, João Alfredo e Frank. Agachados: Felipe, Roberto, Renato, Piscina e João Junior.

Ronaldinho pelos mais chegados, ele não apenas estava lá como foi um dos mais empolgados, um dos idealizadores do time, uma das pessoas que queria garantir que a gente não iria sair do Bar do DCE sem uma decisão tomada, um dos caras que, enquanto a gente pensava se tinha gente o bastante para ter time, já estava idealizando a camisa, decidindo numeração, falando com o Felipe que o esquema ia ser mandar a bola nele pra ele decidir.

Também não posso dizer que lembro exatamente de todos os jogos do time ou que tenho um *scout* mental completo dos resultados nos quatro anos em que estive no curso e nos Imprensonados. Lembro da derrota traumática para a Arquitetura - único curso com menos tradição do que nós no futebol, mais ou menos como se a seleção de San Marino perdesse

para a do Vaticano. Lembro de diversas eliminações, várias derrotas, lembro até mesmo de um jogo em que perdemos para o time do curso de Letras com dois gols de um professor de latim, algo tão surreal que eu tenho quase 90% de certeza que não aconteceu de verdade, é só um pesadelo que eu tive porque eu exagerei demais em algum dia que teve lasanha no RU.

Lembro de coisas boas também, claro. Lembro dos gols de Felipe, de Danilo correndo na ponta, de Thiago e Winckler orientando no banco, das defesas de Frank - que depois passou a dividir as traves com Maicou, da turma de 2004. Lembro que conseguimos nos classificar uma vez - ou mais de uma? - na fase de grupos, chegando ao mata-mata da Copa da UFV - era esse o nome? - algo que acho que poucos times de humanas já tinham feito. Lembro até mesmo que eu, mesmo sendo zagueiro, fiz um gol decisivo numa partida importante mas não consegui ver - o gol consistiu em tomar uma bolada nas costas dada pelo zagueiro adversário, que acabou encobrendo o goleiro do próprio time. Eu não era bem um Cristiano Ronaldo.

Ainda lembro que várias mudanças aconteceram. Pessoas entraram no time, pessoas saíram, o time feminino tinha sido formado e eu descobri que a Kátia, da minha turma, jogava muito mais que nós todos juntos. Tivemos Gabriel, Cabide, Diego, Pablo, e o nosso próprio Pato, que não era Alexandre. Chegamos num ponto, inimaginável para os pais fundadores das turmas de 2001 a 2003, de ter mais de um time de futsal no curso de Jornalismo, mostrando que, bem, agora tinha bem mais gente no curso de Jornalismo, eu fui da terceira turma, acho.

E nessas mudanças que eu não sei descrever com detalhes, nessas vitórias que eu não lembro direito e nessas derrotas que eu não saberia te dizer o placar, uma coisa eu lembro de maneira bem clara: Ronaldinho estava lá. Como o camisa nove do nosso time laranja e preto, fazendo gols ou ao menos se deslocando na região próxima ao gol para ver o que acontecia.

Motivando o time, seja com orientações precisas de posicionamento, seja com discursos que envolviam desde citações ao Rambo até um “isso é ressa-ca ou você tá triste?” diante daquele jogador de aparência mais desanimada.

Ronaldinho era, de muitas formas, o coração daquele time impressionado. Um cara que esteve presente na criação da equipe, mas nem por isso se achava mais importante ou se considerava necessariamente titular. Um cara que era apaixonado pela disputa, mas nem por isso deixava que ela subisse demais à cabeça, e estava sempre disposto a me lembrar que eu, com 1,73m e na época 62kg, não iria ganhar nada puxando briga com um atacante de Educação Física que tinha o triplo de massa corporal. Um cara que estava presente seja para comemorar a vitória, seja para sofrer a derrota, seja para levar para o pronto-socorro o colega de time que foi empurrado e caiu de boca no chão (Felipe, que usava aparelho fixo. Quando levantou, sua boca parecia uma almôndega, mas hoje ele passa bem).

E é exatamente porque para mim é impossível pensar no meu período na faculdade, no meu período com os Impressionados, sem pensar no Ronaldinho, que acaba sendo tão esquisito aceitar o fato de que ele não está mais aqui. Uma pessoa que se foi muito cedo, um amigo que partiu bem antes da hora, uma dessas pessoas que todo mundo que conheceu durante a faculdade e teve a sorte de continuar conhecendo depois, com certeza ainda sente muita falta.

Mas se a memória às vezes perde alguns detalhes e escrever é uma maneira de fixar memórias, acho que nada mais justo do que escrever sobre o time que o meu amigo ajudou a criar para lembrar um pouco dele e falar da falta que ele faz. Porque ainda que o Ronaldinho possa não estar mais entre nós, para falar ele mesmo sobre as lembranças dos tempos de Impressionados, enquanto a gente ainda lembrar dele, ele vai estar, sim, um pouco presente. Nas memórias dele contando piadas, no bar depois do jogo,



Formação do Impresionados para a Copa DCE de 2006.
Em pé: Maicou, Cabide, Campeão, Diego e Frank.
Agachados: Cabeça, João Junior, Pablo, Ronaldo Campbell e Pato

cavando pênaltis tão evidentemente simulados que eram quase artísticos e, claro, ouvindo Claudinho e Buchecha e MC Marcinho, antes e depois da partida, num ritual que obviamente não otimizava muito o nosso desempenho, mas garantia que ele fosse o atacante mais *funk melody* da UFV em todos os torneios.

Ronaldo, pode ter certeza que, por mais que a gente não consiga sempre lembrar de tudo, a gente nunca vai esquecer de você.

Ernane Rabelo*

20 anos de lutas, mudanças e conquistas

*Professor do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV desde 2004. Trabalhou como repórter nos jornais Hoje em Dia (BH), Folha de S. Paulo (sucursal Campinas) e editou o Jornal do Metrô (BH), além de assessorias de comunicação em instituições públicas. Antes ser admitido na UFV, foi professor nas universidades Univale (Gov. Valadares), Centro Universitário de Belo Horizonte Uni-BH, PucMinas, UFMG (como substituto) e Unipac-Lafaiete. Autor de livros-reportagens, é graduado em Jornalismo pela UFJF, mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (2002), doutor em Ciências da Informação pela UFMG (2008) e pós-doutor pela Universidade da Flórida (2018).

Há uma imagem bem representativa da história do curso de Jornalismo na UFV. A fotografia mostra o exato momento em que alguns móveis são colocados em um caminhão, quando da mudança da antiga “casinha” da reta da UFV, hoje Central de Informação e Segurança, para o então novo prédio, ao lado do CAP-Coluni.

Na véspera daquele dia, recebemos a informação de que a mudança iniciaria na manhã seguinte e seria necessária a presença dos professores. Como não havia trabalhadores braçais suficientes, fomos nós mesmos a carregar os poucos móveis. Salvo engano, apenas um caminhão foi suficiente.

A Secretaria geral era logo na entrada da casa, outro quarto era ocupado pela Chefia do DAH, que abrigava os quatro cursos: Comunicação Social, Dança, Geografia e História. Os professores dos quatro cursos integravam o Departamento. Eram poucos recursos, apenas uma secretaria, mas percebia-se que a dificuldade nos unia. Por isso estávamos ali em cima daquele caminhão carregando móveis que nem sabíamos a quem pertencia. Nos anos seguintes, os cursos não se acomodaram e foram se desmembrando em departamentos próprios, alçando voos próprios, reafirmando suas identidades.

Cada curso tinha um cômodo da casa. Entrando pela “sala”, onde ficava a secretaria, no final do corredor havia um pequeno banheiro e talvez um espaço onde se fazia o café. No segundo cômodo à esquerda era onde se situava o curso de Comunicação Social. Lá dentro, duas ou três mesas, alguns armários, um ventilador, um quadro, tudo bem apertado. Assim que assumi o cargo de professor, meio sem jeito, perguntei onde poderia guardar minhas coisas, e generosamente cederam-me duas gavetas e um espaço no armário. A coordenadora do curso era a professora Ana Carolina Simas, e o corpo docente era formado ainda pela professora Mariana Bretas, pelo



Móveis são levados na mudança da “casinha da reta” para o DAH

professor Sebastião Breguez (então afastado) e professores substitutos.

Em 2002, dois anos antes de minha chegada a Viçosa, eu havia sido contratado para criar um curso de Jornalismo em Conselheiro Lafaiete, desde a elaboração do projeto pedagógico até a compra de equipamentos, incluindo a seleção e contratação dos professores. Minha experiência de repórter em grandes empresas jornalísticas e como professor em cursos de Jornalismo já antigos me levaram a encarar aqueles primeiros tempos da UFV como naturais. Percebia aquelas dificuldades iniciais apenas como uma etapa a ser vencida. Havia muitas demandas: o acanhamento daquela sede do DAH, a presença de poucos professores para tantos desafios e a precariedade dos laboratórios do curso, então na Casa 39 da Vila Giannetti.

Por outro lado, o entusiasmo dos professores, a boa programação de

jornalismo na Rádio Universitária e TV Viçosa (emissora de sinal aberto, algo raro entre universidades brasileiras), e a beleza do campus da UFV e sua tradição de ensino de qualidade me impulsionaram naqueles primeiros tempos com as amplas possibilidades de se fazer jornalismo no interior.

Eu era diretor do Sindicato dos Jornalistas de Minas Gerais e tinha iniciado os estudos de doutorado na UFMG, o que me obrigava a deslocamentos semanais para Belo Horizonte. Com poucas semanas residindo em Viçosa, sentia cada vez menos desejo de pegar o ônibus para a capital.

Dentre tantas vivências que outros textos devem tratar aqui, e pelo limite de espaço, quero apenas lembrar outra imagem: o “Dia de Campo”. Depois de várias visitas ao bairro Nova Viçosa, um dos mais carentes da cidade, passamos o dia no bairro fotografando, entrevistando moradores, ministrando oficinas e produzindo notícias. Almoçamos em uma escola municipal e pudemos ver buracos entre telhas de amianto, muros derrubados, professores e alunos amedrontados pela violência, banheiros quebrados, bebedouro estragado, alunos descalços e falta de utensílios para a cozinha. Auxiliamos na compra de mantimentos e cerca de 40 pessoas, entre alunos e professores, almoçamos em uma longa mesa colocada no pátio da escola.

Guardo vivo em minha memória o olhar de espanto dos estudantes pela precariedade de uma escola municipal tão perto de outra instituição de ensino, a UFV, com tanta pujança. Depois desse “mergulho” de reportagem, produzimos um jornal impresso e distribuímos no bairro e na Câmara de Vereadores de Viçosa. Não sei se nosso jornal contribuiu para acelerar algumas melhorias que já estavam previstas em despachos e relatórios da Prefeitura, mas tenho certeza de que muitos se sentiram reconciliados com a vocação e com a crença do poder transformador do Jornalismo.

Ao longo desses 20 anos, outros valorosos colegas foram se agregando à equipe docente e ao corpo técnico-administrativo, aos quais rendo aqui

minha sincera homenagem por tanta dedicação, suor e lindas experiências construídas e a serem ainda conquistadas. Daquela antiga ocupação do pequeno cômodo naquela casinha, não nos acomodamos, pois foi necessário nos movimentar – e até incomodar, algumas vezes.

Se uma imagem pode valer muitas palavras, esta fotografia da mudança sobre o caminhão mostra que nossas conquistas foram resultado de muito trabalho, que todas as vitórias não vieram de graça, mas “a bem suadas”. E que, talvez por isso, devem ser ainda mais celebradas.

Matheus Espíndola*

A lição que deu o Jonas

*COM 2004. Conhecido entre os colegas de curso como Cano, Moica ou Moicano. Formado em janeiro de 2008. Desde 2011, é jornalista do quadro de servidores da UFMG, onde trabalha na produção de divulgação científica para o site da universidade e para o Boletim UFMG, de circulação semanal.

Solitário, o céu deprimia-se, uma vez que acinzentado: um céu inglês em pleno outubro viçosense. O filme da minha existência parecia-me então passar inteirinho diante dos olhos. Coisa bem semelhante àquilo que sucede quando a gente morre – e morre de uma vez por todas. Dizem que é assim.

Andejando lento, meu horizonte era o prédio das Humanidades, que ficava longe, bem longe. Acho que eu nem queria mesmo chegar ao destino, não.

Sentia-me como na iminência de um duelo sangrento com o professor Jonas Queiroz em seu gabinete. Isso porque o danado não me aprovara, no semestre regular, em sua disciplina, que tratava da formação histórica brasileira. A missão daquele dia era, pois, consumir sua prova final – aquele exame indesejado, que fazemos nas férias, quando não há mais nem um paralelepípedo na universidade, e que pode determinar a falência total de nossos órgãos.

Todos sabemos que quando você caminha sozinho no campus, e vai tentar sua última cartada na prova final de uma disciplina, os cachorrinhos vadios de Viçosa e toda a Via Láctea cochicham, no interior da sua mente, que você é um indigno ou, como queira, um desprezível “filhadaputa”. Afinal, só os indignos fazem prova final, durante as férias, no campus. Debaixo do céu solitário e cinzento. Em pleno outubro.

A memória errante caçava, então, desvendar as circunstâncias que me haviam conduzido àquela situação. Nesse ponto, digo e reafirmo que eu fora injustiçado, já que havia me preparado como um atleta para a terceira avaliação regular do professor Jonas, depois da qual todos os filhos de Deus se tornariam aptos a gozar suas férias. Juro que meu teste havia sido irrepreensível! Escrevi quatro folhas das quais babava o conhecimento, frente e também verso. Juro que eu sofrera a maior das injustiças! Isso eu juro pelo

amor dos meus dois miseráveis filhinhos! E juro nesses termos para deixar bem confiável o meu juramento.

Ainda assim, como o leitor já percebeu, Jonas Queiroz, tão feroz, não me aprovou. Meu castigo foi a compulsória e maldita prova final.

Justamente por causa disso, naquele dia nublado eu estava possesso de raiva quanto às alegações de um tal Gilberto Freyre. Esse autor, se hoje não me falha a memória, falava sobre coisas belas que prevaleciam no Brasil-colônia, como *o ar da África, um ar quente e oleoso, que amolecia as durezas germânicas, corrompendo a rigidez moral...* Como bem sabemos, essa conversa é típica de um legítimo vigarista ou, se o leitor preferir, um legítimo cafajeste. Determinado em ser aprovado no mais curto dos prazos, estudei a ponto de saber tudo sobre o assunto.

Ainda assim, Jonas Queiroz, tão insensível algoz, não teve piedade. E minha pena era estar solitário em Viçosa durante aquela tarde sombria, submetido à chance derradeira, também conhecida como prova final.

Divagava eu sob o céu pesado enquanto seguia como um bovino a caminho do abate. Ou como um crucificado a caminho da crucificação. O corolário do triunfo do perverso docente sobre toda a humanidade. Refletia, entre outras coisas, sobre a revolução técnico-científica, e até onde ela nos levaria. Meditava sobre a burguesia, a aristocracia, o pacto colonial.

Sobre os olhos tropicais de Jaqueline.

Ruminava eu, naquele contexto, a respeito da maneira como subsistira a colonização, a escravidão e, claro, o monopólio comercial. E a respeito da falta de caráter de alguns estudantes, da qual se queixara Jonas Queiroz – sempre tão atroz. A Inconfidência Mineira, a Revolta da Vacina, a Revolta de Canudos.

Revoltado, eu me recordava dos lábios carinhosos, da voz penetrante e da pele branquinha de Jaqueline.

Quando você anda no campus deserto, indo fazer, sozinho, uma prova final, você pensa nos colegas que já foram premiados e estão longe, de férias. Você procura no céu, por trás das nuvens, um satélite que transmita a onisciência deles para você. Mas isso não passa de uma tolice, posso garantir.

Desconjugado, então, adentrei o edifício do Departamento, na justa hora agenda pelas partes. Lá estava Jonas Queiroz, de expressão tenaz, como uma serpente à espreita de um descuido da sua presa. Também lá estava uma mulher que havia sido minha professora no ensino médio.

— *Ah, esse garoto é peça rara. É um bom menino.*

— *É mesmo? Pois pergunte a ele o que faz aqui.*

A ironia de Jonas Queiroz, mais seu silêncio fugaz, quase despedaçou minhas esperanças.

Entregou-me a avaliação. Eu o mirava feito um boxeador. Ele se esquivava, seu olhar ricocheteava pela sala. Que diabos seriam as limitações do conceito de família patriarcal? E quanto ao padrão de privacidade de Sevcenko? Salvo engano, esse sujeito é centroavante do Chelsea... Teria o jogador, fora das quatro linhas, um padrão de privacidade diferente dos demais mortais? Quais foram as pressões sofridas pelo antigo sistema colonial para a emancipação política? Opa, essa eu sei mas...

“O tempo já foi”, encerrou Jonas Queiroz, cruelmente veloz.

Permaneci apreensivo durante alguns dias, e devo informar que passei nessa prova final, com 75% de nota, já que respondi três das quatro questões, com maestria, e deixei a outra em branco. Devo dizer também que Jaqueline, que povoava meu pensamento em outubro de 2006, a ponto de tirar-me o foco das demais coisas da vida, segue sendo muito graciosa, e hoje é uma cantora famosa.

Por fim, devo esclarecer que não tenho filhos e, por isso mesmo, não considere que houvesse problema algum em jurar por eles – seres, assim,

fictícios – que eu fora vítima de um julgamento vil e impertinente do professor Jonas, no contexto provisório em que ele me desaprovava no conjunto das avaliações regulares de sua disciplina.

A bem da verdade, ao longo de uma conversa franca e proveitosa que estabelecemos em seu gabinete naquela tarde da prova final, Jonas me ensinou sobre a importância de um conceito que, segundo ele, era comumente negligenciado, tanto por estudantes, quanto por vestibulandos ou concurseiros: a objetividade.

Responder àquilo que está sendo perguntado – definiu ele – em vez de encher quatro folhas com coisas que não estão sendo perguntadas.

O ensinamento parece simples, mas atesto que é valioso demais, e capaz de nos livrar de armadilhas ao longo da vida, em diversas searas. Devo ao Jonas, portanto, parte das coisas bem sucedidas que conquistei por aí.

Essa foi a lição que deu, pela qual, muito grato, agradeço, o professor Jonas Queiroz – definitivamente, um homem sagaz.



Acima, Camila, Monique, Cano, Vivi e Jeremias durante a Procissão da Comunicação, em 2007. Abaixo, a turma da COM 2004 reunida na casa da professora Kátia Fraga



Cristiano Sávio Mariano*

Turma da COM2005

*COM 2005. Formado em janeiro de 2009. Como profissional, já trabalhou com rádio e TV, mas, nos últimos anos, atua nas áreas de assessoria de comunicação e marketing e cerimonial de eventos.

Para lá de antigamente, Aristóteles já observara que o homem é um animal sociável. Aprendi isso na apresentação do meu primeiro trabalho em grupo do curso, na aula da professora Ana Carolina, no PVA. A gente vestia um lençol e tinha folhas de louro na orelha, representava a *polis* grega e encenava uma apresentação - de muitas, muitas que viriam. Foi a primeira vez que me viu sem boné. Reparou. Achou que eu era aluno novo. Não estava totalmente errada. Eu havia sido o último a ingressar naquela turma - só isso já dava uma história. O próprio grupo daquela atividade já estava formado quando entrei. Eu era da turma de Atenas e nem imaginava que muitas outras turmas viriam depois dessa.

Já era maio, todos eram muito receptivos, a turma fazia luaus na grama das Quatro Pilastras. Para começar, eu era da turma de calouros que não levam trote, que chegam em Viçosa de carona com os pais (e choram na despedida), que buscam vagas no mural do DCE e que acabam mesmo ficando em pensão “até fazer amigos e montar uma república”. A pensão da dona Maria José era bacana, tinha banheira, mas eu nunca usei. Tão longe da UFV, tão perto do Bar do Leão (inúmeras pautas surgiram dali). Morava lá a turma das Engenharias e a turma das Humanas. Éramos zoados. Durei poucos meses ali, mas era divertido.

Depois foi a vez de fazer parte da turma dos que moram em república. Primeiro fui para uma no Clélia Bernardes. Nunca tinha morado em república. Foi uma boa estreia. Apesar disso, as louças sempre sujas na pia sem dono já anunciavam que não duraria muito. E fui morar no coração da cidade, no centro antigo que, de moderno, só a Barraca do Babá. Minha terceira e última morada em Viçosa foi um apartamento no Calçadinho. Fazia parte agora da turma da República Salomé. Não se espante, o nome *flopou* e, na verdade, ninguém a chamava assim. Mas foi dali, sem sofá na sala, com um desktop para quatro usarem, cortina marrom na janela, que,



Turma de 2005 durante luau no gramado da UFV

certamente, tudo fez mais sentido.

A Turma dos Maiêuticos é o grande legado da UFV, os jovens pouco prováveis, que a vida tratou de juntar, tornaram-se grandes amigos. Tão raros! Com a turma das Mongas S/A, nos tornamos a turma dos Miguelitos, da pipoca e suco, da igrejinha, das fotos com estroboscópio, das aventuras para ouvir Vento Ventania. Tinha Natal antecipado, frango com farofa, cachorro-quente e as quartas do miojo. “Para sempre estaremos juntos, pois o que nos une é soberano”. E como nada se basta, nunca estávamos sós, as turmas se integravam. Saudações também à Casa da Vovó, aos Galinhas Malucos, ao Sítio do Pelé e aos bravos da Procissão da Comunicação.

No curso, era da turma dos preferidos da Kátia Fraga, do Programa nas Ondas do Pan, do Festival de Cinema Olhares, do Projeto Café com Papo, do Informativo Coruja. Que riu do Cagol, que almoçava do lado direito do RU e usava o moletom preto da Comunicação Social. Enfrentava

fila do pastel na feira na banca do Zequinha e tinha foto no site *descubrame.com.br*. A turma das mostras de cinema no Cineclube Carcará, do artigo das TICs no Intercom Santos, do ENADEadisso.

No esporte, fiz parte da turma campeã do Vôlei na Copa CCH, turma da nataçãõ na EFI às 7h da manhã que se atrasava para a primeira aula, turma que torceu para o time dos Impressionados e para o time Las Mexicanas. Como nem sempre se ganha, sou da turma de frustrados do vôlei da LUVE, do teatro do DED, do Jornal-Mural Anteparo e das festas não realizadas do Recanto das Cigarras.

Lembro que fui um dos primeiros a chegar ao Bernardão para reservar meu lugar na janela para a foto dos formandos da turma ‘Com raça e cachaça, de janeiro não passa’. Sou da turma de prata da Medalha Presidente Bernardes - deixei minha mãe orgulhosa e minha família feliz. A turma que sobreviveu à grande greve de 2005, tinha aula do PVB à casa 39 da Vila Giannetti. Tinha que fazer site em Flash e diagramação em PageMaker. Tinha câmara fotográfica com disquete. Tinha que agendar a câmara ou não tinha matéria de telejornalismo. Tinha três tapas na cara e pouco tempo para desistir de qualquer coisa. E não era só isso. Nossa turma tinha liberdade – atribuição inegociável do jornalismo - para criar, para pesquisar, para experimentar, para praticar, para produzir e, sobretudo, para entender que aquilo que se aprende ali é para a vida toda, e deixa saudades. O diploma nos traz a responsabilidade do título – de muitas lutas e de glórias –, mas a vivência da universidade, essa sim, nos faz virtuosos. Sou ufeviano, sou jornalista e essa é minha versão da turma da COM2005.

Oswaldo Botrel*

COM: uma evolução em progresso

COM 2005. Formado em julho de 2010. Especialista em Negócios do Esporte pela Universidade da Pensilvânia, atualmente é proprietário da agência Winning, que cuida da imagem de profissionais do esporte como Richarlison (Everton/ING), Jemerson (Corinthians), André Jardine (Seleção Olímpica), dentre outros.

Quando cheguei à UFV, em fevereiro de 2005, quase tudo ainda era pó para aqueles que escolheram cursar Comunicação Social. O curso havia acabado de formar sua primeira turma, a dos pioneiros de 2001, e ainda existia aquela dúvida do que viria a seguir, já que mesmo o presente, naquele momento, era muito incerto.

Éramos, em nossa maioria, garotas e garotos de 18 e 19 anos de idade, saindo pela primeira vez de casa, e vindos dos mais diversos cantos desse país. Encontramos ainda poucos professores, pouca estrutura, pouco material, enfim... Tínhamos à nossa disposição apenas uma casa bastante acometida pelo mofo e pelas infiltrações, na Vila Giannetti, que dispunha de espaço para a secretaria, uma sala minúscula para os professores e uma sala de aula – com dois computadores para 40 alunos – ou mais, dependendo da disciplina.

Acredito que, naquele momento, todos estávamos no mesmo barco e direção, mesmo com muitas discussões nas diversas reuniões que tivemos durante o primeiro período. Fora dali, começamos a fazer amigos, morar em repúblicas e a nos organizar em grupos de interesse. Na turma de 2005, tínhamos vários grupos/repúblicas: Galinha Maluco (do qual eu fazia parte), Maiêuticos, Mongas, Casa da Vovó, entre outros.

Após a greve de 2005, voltamos no início do ano seguinte com um período atrasado a cumprir. A loucura de fazer três semestres em 12 meses não nos impediu de confrontar e buscar mais. Em 2006, algumas mudanças significativas começaram a ser feitas de forma mais profunda e, para quem não tinha quase nada, acredito que isso foi bastante motivador.

De dois computadores, passamos a ter uma sala de informática com máquinas novas. Outros professores também chegaram para nos dar suporte. E isso seria melhorado ainda mais com o passar do tempo. Posso dizer que foi um sopro de esperança e a recompensa pelo esforço coletivo naquele momento.

Mas não apenas das histórias de luta por melhoria estrutural viveu o nosso curso. Cada um tem uma parcela de contribuição e algo que tenha marcado em suas trajetórias. Posso dizer que o curso de jornalismo começou a me deixar marcas mais profundas mesmo a partir de 2007 – honestamente, foi quando mudou de vez a minha vida.

Devo confessar que entrei na Universidade sem conhecer todas as possibilidades da profissão. A única certeza era que o esporte era meu grande foco e, até então, pensava apenas em estar em uma redação. Naquela época, eu nem ao menos sabia para que servia um assessor de imprensa, por exemplo. Na minha cabeça, era apenas um ‘vendido’ que foi para o ‘outro lado’ da notícia.

Foi então que o Esporte e Assessoria de Imprensa se encontraram na minha vida. Eu nunca contei essa história publicamente, pois é algo bem pessoal, mas essa é uma boa oportunidade de enaltecer alguns personagens importantes na minha vida – acredito que nem todos saibam disso.

No final de 2006, antes de iniciar meu terceiro ano de curso, minha avó descobriu um câncer agressivo, que demandava um tratamento complicado e, claro, muito carinho. Como sou de uma cidade distante quase 500 km de Viçosa, me matriculei em poucas disciplinas para ter a chance de ficar mais tempo junto dela. Uma dessas disciplinas era Assessoria de Imprensa, na época ministrada pela professora Mariana Procópio.

Como era de se esperar, tive muita dificuldade em cumprir minha carga horária e os compromissos da matéria. Contudo, a compreensão da professora me marcou tanto e foi tão importante para mim, que comecei a me aprofundar bastante no assunto, até como forma de retribuição a toda atenção que ela me dispensou. Consegui concluir as provas e os trabalhos e realmente me interessei muito pela área para a qual eu anteriormente ‘torcia o nariz’. Sobre a minha avó, ela ficou bem e se recuperou completamente da doença.

Pouco depois, comecei a ter reuniões com meus colegas Débora Bravo, Fillipe Guimarães, Rodrigo Resende e com o professor Joaquim Lannes para elaborarmos algo relacionado ao Jornalismo Esportivo, área que interessava a todos nós. E ali nasceu o projeto “Figurinhas da Crônica Esportiva Brasileira”, o embrião da disciplina de Jornalismo Esportivo, que nasceria em 2009. Esses fatos, bem como todas as pessoas envolvidas, acabaram me incentivando e me influenciando a continuar naquele período de absoluta tensão, em que pensava insistentemente em desistir de tudo.

Ainda em 2007, resolvi pedir mobilidade acadêmica para a Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte, mas voltei em meados do ano seguinte, disposto a concluir meu curso e partir de vez para minha trajetória profissional.

Naquela época, boa parte da minha turma original estava prestes a se formar e eu estava trabalhando (informalmente) em uma produtora de shows de Viçosa – que levou diversos artistas bacanas para a cidade, como o Nenhum de Nós, Marcelo D2, Nando Reis, O Rappa, entre outros. Além disso, mantinha um blog com alguns amigos, no qual cobríamos shows e consegui algumas entrevistas bem bacanas com artistas que admiro, como Cachorro Grande, Autoramas e Gotthard (banda suíça).

Por isso, decidi fazer em minha monografia um manual sobre como a Assessoria de Imprensa poderia ajudar artistas independentes a se divulgarem na grande mídia. Era uma forma de ajudar músicos iniciantes a se divulgar, em um mundo bem diferente do atual, numa época em que as redes sociais ainda engatinhavam e as plataformas digitais ainda não tinham saído do papel - tudo ainda se escorava na mídia tradicional.

E foi naquele momento que assessoria e esporte se entrelaçaram de vez na minha vida. Enquanto ainda estava na produtora, recebi o convite para trabalhar em uma empresa voltada para o trabalho de imagem de jo-

gadores e clubes de futebol. Nem preciso dizer que não pensei duas vezes em aceitar. Eu ainda não sabia, mas aquilo definiu a minha trajetória profissional e me guiou pelos próximos 12 anos, até o dia de hoje, com minha própria agência desde 2014.

O trabalho com a assessoria esportiva me ajudou muito a ter a profundidade real da função e, aliado ao conhecimento teórico que recebi nas aulas da Mariana, sob orientação do professor Ernane Rabelo e com uma ajuda imensa da professora Janaína Nunes, consegui concluir minha monografia e me graduar em julho de 2010.

De lembrança, ficaram os grandes amigos que fiz no curso, com os quais ainda tenho contato frequente, e a nostalgia inevitável daqueles dias. Muitos dos colegas ficaram pelo caminho, abandonaram a área ou trocaram de faculdade, em muito devido àquelas dificuldades do início, quando a COM ainda não tinha um lastro e nem perspectiva de prosperar no futuro. Hoje, talvez não fizessem o mesmo.

Fico feliz por ter tido a oportunidade de voltar outras vezes nos últimos dez anos e ver que as condições para professores e alunos desempenharem o melhor papel possível na vida acadêmica estão ainda melhores. Essa evolução em progresso honra aqueles que, lá no início, calçaram seus sapatos e saíram à luta por um curso de excelência e cada vez mais reconhecido.

PARTE 2

TRANSFORMAÇÕES

Agnaldo Montesso*

Ponto de Partida

*COM 2006. Gradou-se em janeiro de 2010 na turma “De Beca e Sem Dinheiro, Tô Formando em Janeiro”. Tem pós-graduação em Comunicação Empresarial pelo Centro Universitário de Belo Horizonte (UniBH) e em Gestão Estratégica de Negócios pelo Instituto Federal do Sul de Minas (IFSuldeMinas). Já atuou na assessoria de comunicação da UFV e da Prefeitura de Itabirito e, atualmente, exerce essa função na Fundação Cultural de Varginha. Foi também repórter da TV Princesa, afiliada da Rede Minas na cidade.

Cabelos ainda raspados. Mochila nas costas. Na cabeça, milhares de ideias e sonhos. Nos ombros, o peso de sair de casa aos 18 anos e estar distante mais de 480 quilômetros das pessoas que amava. Era a primeira vez que estava sozinho, sem ninguém que pudesse ampará-lo.

Era uma manhã de outono, em maio de 2006. Nos primeiros passos, a luz refletida na água de uma lagoa batia nos olhos daquele menino e o faziam brilhar. Parte deste brilho já estava ali desde que ele soubera que sua vida tomaria novos rumos. Os outros sentidos também estavam aguçados por tanta novidade. O olfato sentia o cheiro da grama recém-cortada, que se misturava às gotas de orvalho. Os ouvidos captavam a voz de centenas de pessoas que, assim como ele, iniciavam uma nova jornada.

Os olhos se intercalavam entre a beleza daquela lagoa e da natureza ao seu redor, com a diversidade das pessoas que o cercavam naquela caminhada por uma reta, que parecia interminável, mas que ele sabia que o levaria aonde ele queria chegar.

Tinha facilidade em se enturmar e logo reconheceria os colegas de sala, com os quais já batia papo em uma comunidade do Orkut. Como eram diferentes dele, mas como somariam e muito àquela nova vida que se iniciava.

De maio de 2006 a janeiro de 2010, vários foram os seus professores. Destaque para a menina que fazia um bom despacho dos preconceitos daquele amigo e o mostrava um novo mundo. Tinha também a com olhos verdes, voz forte, mas sorriso doce e também aquela que era um porto firme com boas risadas e comentários hilários sobre o universo que o cercava. Logo surgiu uma verdadeira mestre, com os cabelos avermelhados, sorriso largo e que dava “três tapas na cara” dos desanimados e fazia com que despertassem a criatividade adormecida.



Agnaldo cinegrafando durante trabalho de Telejornalismo

Passado um tempo, surgiam os clubes. Tinha o do bolinha (ou do Impressionados) e o da “luluzinha” (ou das “*spices*”). Mas aquele rapaz de 18 anos não se encaixa em nenhum deles. Aliás, ainda não tinha certeza de onde se encaixaria na vida. Estava ali para tentar descobrir e abarcar cada possibilidade.

Nesta busca, já nos primeiros dias, foi se apresentar na Divisão de Jornalismo da universidade. Ali conheceria um homem pequeno na estatura, mas gigante no conhecimento e na bondade. Ainda estava muito cedo para ficar naquele local, mas ele sabia que ali era onde gostaria de estar. Mesmo que oficialmente não poderia aprender com ele, os outros caminhos que decidiu percorrer sempre o levavam a passar por lá.

Na universidade, não existia apenas aquela reta para o levar ao destino dele. Havia outras vias e ele tentava explorar ao máximo o que pôde. Em cada uma delas, conheceu pessoas fantásticas e que contribuíram para preencher aquela mochila que estava vazia no início do caminho.

Uma vez por semana, falava com quem estava longe, mas quem estava do outro lado da linha não podia ver pessoalmente as conquistas que galgava todos os dias. A cada seis meses, uma nova pessoa percorria os 480 quilômetros de distância para abraçar os que tinha deixado para seguir um rumo.

O tempo passou. E rápido. Os antolhos que limitavam aquela jovem visão foram sendo despidos ao longo da jornada. Finalizados aqueles mais de 1.300 dias, um abraço dele nos pais, no meio de milhares de pessoas na cerimônia de formatura, refletia toda a gratidão por eles terem possibilitado tudo aquilo. Bem baixinho no ouvido deles uma frase: “A gente achou que isso nunca ia acontecer, mas deu certo”. Os pais sempre estavam em qualquer lugar para torcer por ele. As lágrimas escorriam nos olhos brilhantes daqueles que se amavam profundamente desde o primeiro dia.

“Não somos aquilo que fizeram de nós, mas o que fazemos com o que fizeram de nós”. Esta frase estampada no trabalho de conclusão de curso refletia toda aquela caminhada.

Uma década separa a despedida daquele local mágico e inspirador. O menino que chegara ali tinha se transformado em um homem levando consigo um brilho nos olhos mais forte e a mochila cheia de experiências, vivências e conhecimentos compartilhados com ele durante todo aquele tempo.

Saiu dali conduzido por novas estradas. Algumas retas e largas, como havia no campus. Outras estreitas e sinuosas, mas que ele aprendeu também a enfrentar ali. Afinal, aquele lugar era o ponto de partida.

Kátia Fraga*

Na estação Jornalismo UFV, alegria no coração

* Professora do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa (UFV/MG); coordenadora do Curso (2019-2022); doutora em Extensão Rural pela UFV (2018); mestre em Comunicação, Imagem e Informação pela Universidade Federal Fluminense (UFF/2006); Jornalista graduada pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes); líder do Grupo de Pesquisa Redes Híbridas em Comunicação (RedCom), da UFV; co-líder do Grupo de Pesquisa Rádio e Política no Maranhão (RPM), da UFMA; e pesquisadora colaboradora do DIZ – Grupo de Pesquisa em Discursos e Estéticas da Diferença, da UFV. É integrante do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom (Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Ciências da Comunicação); integrante da Rede de Pesquisa em Radiojornalismo - Rede Radiojor da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). Foi Coordenadora de Comunicação Social da UFV entre 2008 e 2014. É coordenadora de projetos de extensão como “Rádio Itinerante”; “Alô Comunidade: a voz da cidadania e da cultura popular no rádio” e Inumeráveis UFV”, premiado com Mérito em Extensão no Simpósio de Integração Acadêmica (SIA), na edição 2021.

É uma emoção forte falar da ‘juventude’ do nosso Curso. Duas décadas de muita história para contar. E quanta história!!! A minha começou em 2006. Parece que foi ontem. Fiquei encantada com a beleza da UFV, foi amor à primeira vista. Confesso que não conhecia nada nem ninguém por aqui. Deixei o mar para viver entre montanhas. Era tudo absolutamente novo, com muitos desafios. A única certeza que tinha era de querer fincar os pés nessa terra e transformá-la em meu lar, oferecendo-lhe coração e mente para viver com a minha peculiar intensidade.

O estranhamento inicial foi se transformando em curiosidades, descobertas, acolhimento. Fui abraçada por Viçosa e pela UFV. Aos poucos fui me sentindo em casa, como quem tem a intimidade de entrar direto na cozinha de um lar tipicamente mineiro, recebendo o convite pra prostrar e tomar um *cafezinho* quentinho com pão de queijo saído do forno. O relacionamento recíproco permitiu abraços, criação de laços e constituição de raízes, de uma nova família.

Ser professora do Curso de Comunicação Social - Jornalismo é motivo de gratidão e realização desde o dia da aprovação no concurso. Sentia que era aqui que eu deveria estar e, por ser assim, dediquei-me a todas as vertentes do meu trabalho como docente, educadora, cidadã. Tenho orgulho de ser servidora pública de uma instituição como a UFV e procuro retribuir à sociedade da melhor forma possível. Nessa jornada, é gratificante ver colegas servidores na Universidade (docentes e técnico-administrativos) que também se empenham com afinco no exercício da profissão.

Vibro com as experiências potentes que tive e tenho, que respirei e respiro, que me tocam profundamente. Emociona-me pensar na vivência das aulas; nas relações nutridas no cotidiano; na diversidade e riqueza dos encontros; nos projetos de extensão com as comunidades, movimentos sociais e dezenas de estudantes voluntários abraçando um aprendizado para



Equipe da Rádio Itinerante Cultural Palmares com o Seu Pedrinho

além das Quatro Pilastras; nas pesquisas; nos momentos enriquecedores de interação e integração em eventos do Curso/Departamento e também de outras instituições e entidades; nas viagens acadêmicas com os (as) estudantes para congressos e visitas técnicas em empresas de comunicação, na energia coletiva em torno das tentativas e das conquistas de prêmios, com produções acadêmicas de estudantes e de projetos. Ah, e a emoção das aulas da saudade... que felicidade receber o carinho de ser homenageada por turmas de formandos e poder compartilhar sentimentos e lembranças eternizadas.

Tenho a felicidade de conviver com estudantes dedicados, parceiros e ver jornalistas formados pelo Curso reconhecendo o valor da experiência vivenciada aqui. Orgulho desses jovens estudantes e jornalistas desbravado-



Depois da aula da saúde, janeiro de 2020

res, que amam e valorizam o Curso, assim como eu.

São tantos momentos a serem lembrados, celebrados, revisitados, que prefiro não mencionar nomes pontualmente, porque foram e são muitas mãos que traçaram e traçam minha trajetória acadêmica, pessoal, afetiva no Curso, na UFV, em Viçosa. E, se esquecer de alguém, vou levar “três tapas na cara”.

Gratidão pelas pessoas que fizeram e fazem parte da minha história aqui. São lindezas que se transformaram em grandes amigas e amigos. São afetos eternizados na minha alma.

Tenho satisfação de ter um legado amalgamado a partir do Curso. Muitas amizades conquistadas, histórias e memórias constituídas. Afinal, como diria Guimarães Rosa, “porque a vida é mutirão de todos, por todos remexida e temperada”.

Esse mutirão de todos me trouxe muitos ensinamentos, grandes



Junto a estudantes da COM na Ufes, Intercom Sudeste 2019

aprendizados sempre, a cada dia. Aprendi muito cedo que Viçosa é um lugar de chegadas e partidas, uma espécie de estação de trem, assim como na música. É a alegria da chegada dos calouros e a emoção com risos e lágrimas a cada formatura. É um pedaço ramificado de nós, como gengibres entrelaçados nas memórias coletivas.

Na plataforma dessa estação UFV/Curso/Viçosa, “todos os dias é um vai e vem, a vida se repete na estação (...) O trem que chega é o mesmo trem da partida, a hora do encontro é também despedida (...) Tem gente que veio só olhar, tem gente a sorrir e a chorar (...) É a vida desse meu lugar, é a vida”.

Essa estação também me remete a Cora Coralina: “O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada. Caminhando e semeando, no fim terás o que colher”.

E a cada trem que chega e que parte tenho semeado e colhido afeto e “alegria no coração”!

Gisele Nishiyama*

Celebrar e recordar: vivências de uma estudante de Jornalismo na UFV

* COM 2006. Possui mestrado em Administração com Ênfase em Marketing na Faculdade de Pedro Leopoldo, MBA em Comunicação Empresarial, Marketing e Eventos, com módulo realizado no Chile, na Universidad Adolfo Ibáñez e Especialização em Comunicação Empresarial e Marketing no Centro Universitário do Sul de Minas, Unis/MG. Coordenadora de Jornalismo no Grupo Unis/MG.

A UFV “bateu na minha porta” através da divulgação do vestibular feita por um aluno de Agronomia, quando eu ainda era estudante na cidade de Varginha-MG. Já havia ouvido falar da instituição, mas ainda não tinha pensado em “estudar fora”. Acabou que optei por fazer o curso de Química na Unifal.

O tempo foi passando e o que eu mais gostava de fazer no curso era escrever e apresentar os trabalhos das disciplinas, embora gostasse da parte prática em laboratório. Mas só quem ama o Jornalismo sabe que é quase um chamado, uma vocação, algo que vem de dentro e, uma vez despertado, só mesmo o curso para nos completar. Foi assim que larguei tudo e fui em busca do que realmente queria: fazer Jornalismo - só que, inicialmente, queria em Juiz de Fora, na UFJF, embora tenha prestado vestibular também para a UFMG e UFV, universidades de referência.

Assim, fui chamada primeiramente em Viçosa. A UFJF demorou para divulgar o resultado. Então, fui com a “cara e a coragem” para uma cidade longe de onde morava, a 443 km de distância, no intuito de garantir minha inscrição no curso de Jornalismo, em 2006. Foi um dia inteiro procurando república para morar até que encontrei.

Na manhã seguinte, ligaram de onde sempre sonhei estudar, da UFJF, dizendo que fui aprovada no curso de Jornalismo. Não sei dizer ao certo o que houve, mas a sensação foi a de que eu deveria ficar ali mesmo, em Viçosa. Pesquisei sobre cada uma das universidades e em vários quesitos a UFV demonstrava ser a melhor opção. E foi mesmo! Não me arrependo nenhum dia da escolha que fiz, tanto do curso, quanto da instituição.

Lembro, como se fosse hoje, o meu primeiro dia de aula. Ao chegar às Quatro Pilastras da universidade, vi os dizeres em latim: *Ediscere, Scire, Agere, Vincere* (Estudar, Saber, Agir, Vencer), princípios importantes que me serviram de base não só durante o tempo acadêmico, mas que até hoje



Dia da matrícula na UFV, em 2006

levo para a vida e para a profissão.

Ao andar pela reta da UFV, logo me apaixonei pelos espelhos d'água da lagoa, pela beleza arbórea e arquitetônica, com campus planejado. Encantei-me com a movimentação de tantos estudantes que ali estavam, dos mais diversos estados e intercambistas de outros países.

Passei pelo “Pozinho”, “Giga Byte”, “Centro de Vivência”, “Bernardão”, “RU”, “BBT”, “DCE”, “PVA”, “PVB”, “Cuecão”, vi tranquilas capivaras, passei pelo “Recanto das Cigarras”, dentre tantos outros locais que conheci.

Logo que cheguei, já fui recepcionada por estudantes veteranos do curso de Comunicação Social - Jornalismo, que me convidaram para a calourada e ficaram com um par de chinelos meus. Para recuperá-los, precisava fazer uma doação como trote solidário.



Primeiro dia de aula com a turma de 2006 de jornalismo na Vila Giannetti

No outro dia, já tínhamos a nossa primeira aula, marcada em um local que não fazia ideia de onde era. Chamava-se Vila Giannetti, literalmente uma vila, como se estivessemos entrando em um bairro dentro da universidade. Lá ficavam os laboratórios de radiojornalismo, de jornal impresso e havia a TV Viçosa. Era como se tivéssemos um canto personalizado para futuros jornalistas, um dos ambientes mais gostosos de estar.

Lá aprendi muito, fizemos radiojornais, spots utilitários, criamos edições do “Jornal OuarOlhar”, fizemos o programa “Como é que Chama o Nome Disto?”, organizamos “Vernissage”, entrevistamos vários artistas, espionamos as gravações da TV Viçosa. Aprendemos na “raça” e com o apoio dos professores e técnicos a escrever os textos, gravar, editar, produzir podcasts, fotografar. Foi muito interessante na época de estudante a parceria que foi feita com o Departamento de Dança e Educação Física:



Luciana Melo e Gisele Nishiyama no dia da colação de grau

fotografamos em vários locais da instituição, cobrimos eventos e utilizamos muita criatividade para reproduzir a arte atrelada ao uso do corpo, com o equilíbrio da mente.

Na instituição, participamos de revistas científicas como a Contemporâneos, organizamos e participamos dos congressos do curso, de várias palestras, minicursos, eventos culturais, encontros, simpósios de iniciação científica e extensão, mostra de filmes no Cine Carcará e também participamos de eventos e congressos externamente. Todos foram momentos fundamentais, tanto enquanto curso, fazendo a cobertura, gerindo o evento financeiramente, fazendo assessoria de imprensa, quanto compartilhando experiências com profissionais de referência que trazíamos para a insti-

tuição. Em um deles, no Intercom 2008, recebemos o prêmio na categoria “Jornalismo Visual” e um certificado de Honra ao Mérito da UFV.

Da mesma forma, as visitas técnicas que fizemos à Rádio Itatiaia, Globo Minas e Jornal O Tempo nos instigou a conhecer mais de perto o trabalho de cada especialidade jornalística, o que pode ter nos estimulado também a participar de um projeto totalmente novo, feito por nós, alguns calouros que foram selecionados por um grupo de veteranos, o Jornal “O Regional”. Antes dessa iniciativa, participei da produção do Fanzine “Palavras de um dia”, com distribuição para a academia e comunidade, com conteúdos relacionados a Minas Gerais. Como estagiária, foi um grande prazer fazer parte do setor de marketing dos “Produtos Viçosa”, no coração da UFV, onde é produzido o melhor doce de leite pastoso do Brasil, eleito pela décima vez, em 2019, no Concurso Nacional de Produtos Lácteos.

Enfim, em 2009, prestes a formar, tivemos a felicidade de sair do curso de Jornalismo com a nota máxima, nota 5 no Enade. Sinto muita gratidão por ter tido a oportunidade de estudar nesta instituição federal pujante e viva, que tem personalidade, que sempre trabalha para oferecer um ensino de qualidade em um curso que amo, e neste curso, que completa seus 20 anos com os melhores professores e técnicos, que me proporcionou grandes amigos, muito conhecimento para ser a profissional que sou hoje e me faz querer ser uma pessoa melhor a cada dia.

Diogo Rodrigues*

Treze anos (e contando...)

*COM 2008. Formado em novembro de 2012. Mestrando em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania (UFV). Servidor técnico-administrativo da Universidade Federal de Viçosa, lotado no Departamento de Comunicação Social como Diagramador/Designer Gráfico.

Já se vão 13 anos desde que vim parar em Viçosa pela primeira vez, para cursar Jornalismo na UFV, em 2008. Depois de concluir a graduação, em novembro de 2012 (após uma longa greve), voltei para o curso em março de 2014, concursado, como servidor técnico-administrativo. Portanto, posso dizer que observei – e senti na pele – as dificuldades, os bons momentos e a evolução do Curso durante esse período.

No vestibular, escolhi jornalismo com convicção, pois gostava muito de ler e escrever. Pensava em trabalhar com esporte e já tinha contato com a rotina da profissão – meu pai é jornalista na minha cidade natal, Patos de Minas. Apesar disso, o início da estadia em Viçosa foi bem difícil, com muitas dúvidas sobre se era mesmo isso que queria cursar. A grade curricular da época destinava para os primeiros períodos apenas disciplinas teóricas, em sua maioria de áreas paralelas à comunicação. Isso não me cativava de maneira alguma.

Mas o que me manteve em Viçosa foram as amizades que aos poucos fui fazendo, ao me tornar uma pessoa mais aberta em relação à que chegou. Também ajudaram os projetos paralelos que havia na universidade, além da própria evolução natural do Curso, com as matérias – mais práticas, mais jornalísticas – que eram ofertadas conforme os períodos iam avançando.

Tive a imensa sorte de fazer parte da COM 2008, turma repleta de pessoas maravilhosas, que me presenteou com amizades que carrego até hoje. Apesar da atual distância física, a ligação continua presente e, quando nos reencontramos, seja de forma presencial ou virtual, é como se ainda estivéssemos convivendo dia a dia. Desde Conrado e Xandinho, que saíram de Viçosa um pouco mais cedo para traçarem outros caminhos, até Assa-Fay, Daniel, Diego, Ludog, Murilo, Pinheiro e Sukita,



Gente jovem reunida na República Arequipa, 2012

companheiros até o fim da graduação, pessoas que significaram muito para mim, amizades que estão marcadas pelo resto da vida.

Daquela COM 2008, até quem não era tão próximo, tão amigo, foi parte importante no meu processo de evolução – tanto no curso quanto na vida. Turma de poucas brigas, de muito entendimento e compreensão, de parceria para fazer trabalho junto e, principalmente, para beber junto. Sempre bom lembrar das idas ao Leão e ao Teddies, do samba no Bar do Tony, dos rocks no Galpão, das Procissões da Comunicação (festa boa, que infelizmente não existe mais), das marchas Nico Lopes, dos churrascos (sempre com pouca carne) na casa de fulano ou sicrano e, principalmente, na Arequipa, república que frequentei desde o início da graduação e onde depois fui morador por cinco anos e meio. Aquela

varanda na Rua dos Estudantes era o principal ponto de encontro, seja para terminar de fazer trabalho na madrugada anterior à apresentação, seja para breves *meditações* com o auxílio da natureza e dos álbuns de Pink Floyd, seja para um esquentar de uma festa, seja simplesmente para encher a cara de cachaça.

Como apaixonado por futebol que sou, esse esporte sempre esteve presente na minha vida acadêmica. Ainda calouro, comecei a jogar como goleiro pelo Impressionados Boemia Futebol Clube, mas tive – assim como os outros novatos que jogaram em 2008 – o *contrato rescindido* após uma discussão com os veteranos do time, durante nossa primeira Procissão da Comunicação. Sendo assim, para a Copa DCE de Futsal (a maior competição intercursos da UFV) do ano seguinte, 2009, montamos uma equipe apenas com jogadores das turmas de 2008 e 2009,



Formação do Midiáticos, 2009. Em pé: Salgado, Assa-Fay, Conrado, Dudu e Diogo. Agachados: Mogli, Xandinho, Diego e Robson.

o Midiáticos. E não é que, entre 64 equipes e 16 grupos, o sorteio nos colocou na mesma chave que o Impressionados?! Os veteranos se juntaram a alguns alunos do curso de Matemática para fortalecer sua equipe, que passou a contar, ao todo, com três atletas que jogavam nos times de futsal/futebol da Luve (a “seleção” da UFV). Entramos em quadra com a “faca entre os dentes” e jogamos para um c***. Vencemos os veteranos, que nos viam como frágeis e inexperientes, por 4 a 2, fazendo com que o combinado Comunicação-Matemática fosse eliminado ainda na primeira fase do torneio. Sem dúvidas essa foi uma das partidas mais marcantes entre todas as que joguei. O Midiáticos seria eliminado nas oitavas-de-final, num jogo tenso contra um bom time da Agronomia, com direito a viradas no placar, discussões, invasões de quadra, brigas, expulsões... um suco de Copa DCE e de futebol na UFV.

Já no mesmo ano, 2009, mas no segundo semestre, houve uma reconciliação entre os mais jovens e os mais experientes do curso. Ali teve fim a breve história do Midiáticos: voltamos a jogar pelo Impressionados na Copa CCH. Desde então, foram anos de muitos “quase”. Um recorrente ensaio de que poderíamos ir mais longe nas competições, mas nossas limitações – e duras ressacas durante as partidas de sábado e domingo de manhã – nos impediam. O melhor ano do time foi 2012, quando ficamos entre as oito melhores equipes da Copa DCE.

Retornando ao Departamento e ao Curso, como servidor concursado, voltei a jogar pelo Impressionados em 2014. A Copa DCE já não existia mais – o campeonato da vez era a Copa Luve, disputada primeiramente entre os centros e posteriormente no formato de Copa dos Campeões, torneio disputado pelos quatro melhores times de cada centro. Como o regulamento permite a participação de servidores da UFV, tornei-me – digamos que – um atleta vitalício do Impressionados.



Impressionados BFC na quadra do Posinho, em 2010.
Em pé: Zidane, Mogli, Sukita, Pato, Diogo e Murilo (técnico).
Agachados: Ermida, Diego, Pinheiro, Salgado, Assa-Fay e Daniel

Passados alguns anos de péssimo futebol, quando era difícil reunir cinco alunos que praticavam o esporte dentro do curso, conseguimos montar alguns times interessantes após a entrada dos calouros de 2016.

No entanto, aquele estigma de antigamente nunca abandonou o Impressionados – o time do quase. Quase finalista do CCH, quase vencedor contra a EFI em um mata-mata da Copa dos Campeões. Ganhar é muito bom, claro. Todo mundo que pratica esporte e tenha um espírito competitivo gosta disso. Mas não é o mais importante quando se joga futebol dentro de uma universidade. Valem mais as histórias, os casos e, principalmente, os amigos que se faz nesse meio. Tenho enorme gratidão pelo time ter proporcionado a família “Jornalismo Raiz” (Daniel, Gustavo, Pedroga, Said, Wesley), construída por uma amizade que começou dentro de quadra, mas que acabou indo muito além dela.

Durante os quatro anos e meio de graduação, fiz estágio na Luve, na Eficap, no projeto de extensão BioPesb e, finalmente, onde fiquei por mais tempo, na Cead. Foi na Cead, onde fazia revisão textual e diagramação, que pude me aperfeiçoar profissionalmente e adquirir experiência para ser aprovado no concurso para o cargo de diagramador na Universidade Federal de Viçosa.

Confesso que, por diversos motivos, não estava tão animado assim para voltar ao Departamento onde vivi minha graduação. E, realmente, os primeiros meses não foram fáceis. Era uma nova rotina, com novos horários e novas responsabilidades. Mas com o tempo e a ajuda de pessoas que levam a sério – de verdade e sem demagogia – o serviço público, aliados a meu amadurecimento pessoal, passei a enxergar quão sortudo sou por estar ali.

É gratificante poder notar a evolução das condições que o Departamento de Comunicação Social oferece hoje – ainda que estejam longe das ideais – comparadas às dos meus primeiros anos de Curso. Fico muito feliz em saber que o estudante conta com um espaço melhor (e não uma pequena casa no alto de uma vila), um corpo maior de técnicos-administrativos, novos professores, mais e melhores equipamentos para as aulas práticas, projetos de pesquisa e extensão para colocarem os diversos ensinamentos em prática.

É gratificante ser colega de trabalho de pessoas que sejam compreensivas com a situação de cada um que ali está. Que sejam tranquilas, parceiras e unidas em busca de seus direitos. Responsáveis e atentas com aquilo que lhes cabe executar. E que falem tanta besteira que seu ambiente de trabalho se torna um local onde se ri bastante, onde o ambiente é leve. É gratificante acompanhar a trajetória de estudantes desde que chegam ao Curso até quando encaminham sua vida profissional depois



Albert, Carla, Rafael, Priscila e Diogo (Leandro, Mateus e Jones ficaram fora da foto), servidores técnico-administrativos do DCM

de formados; poder ser mais que um funcionário do Departamento, mas amigo de alguns deles.

Enfim, é gratificante fazer parte de uma luta por uma educação pública de qualidade. Que padece a governos que tentam desmontá-la, mas não imaginam que, por outro lado, isso a faz mais forte. Sou imensamente grato por fazer parte da COM UFV há tantos anos e, espero eu, por muitos outros mais.

Rafael Barbosa Fialho Martins*

Um relato pessoal sobre o Labcom

*COM 2010. Professor do Departamento Acadêmico de Comunicação (DACOM) da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Doutor e Mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais, na linha de pesquisa Processos Comunicativos e Práticas Sociais. Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal de Viçosa. Pesquisador líder do PensarTV - Grupo de Pesquisa em Televisão e Articulações com Realidades. Tem interesse em estudos sobre Televisão, Programas populares, Talk shows, Gêneros televisivos, Televisão e religião, Ficção seriada, Telejornalismo, Podcasting.

Número 39 da Vila Giannetti: esse foi o endereço onde passei boa parte do meu tempo entre 2010 e 2013, o famoso, charmoso e saudoso Labcom, mais um dos tantos lugares que marcaram a experiência de quem fez o curso. Como a última casa de uma vila tão singela pode ter sido tão importante não só para mim como para tanta gente que passou por ela? Coisas da UFV...

Apesar de ter praticamente morado ali, a intimidade não foi imediata: eu era calouro no início das aulas quando, em minha primeira visita, acontecia o evento de reinauguração do espaço, que passara por uma reforma após um *tweet* de um aluno “denunciando” o mau estado de conservação do laboratório. Mais uma vez: coisas da UFV... Era dia de festa: casa cheia, arrumada, com convidados ilustres. Eu, acanhado demais com a situação, não tive coragem de interagir com ninguém, nem de pegar os salgadinhos, mas começava ali uma história de cumplicidade com aquele lugar. Logo passamos a frequentá-lo diariamente, especialmente nas aulas práticas. A gente reclamava bastante de se deslocar do PVB até lá, mas hoje vejo que as longas caminhadas selavam as amizades que perduram – nem que fossem sob sol escaldante na hora do almoço.

Assim, fui pegando intimidade com aquele lugar a ponto de considerá-lo literalmente minha segunda casa, e as lembranças são inúmeras: as reuniões de pauta do OutrOlhar sempre caoticamente produtivas, as aulas de Design Gráfico, Telejornalismo, as horas na ilha de edição... Em determinada época, era comum chegar antes de o Jones abrir a porta, de manhã, e só sair com ele fechando as janelas à noite.

E qual seria a função de qualquer boa casa senão abrigar uma família? Além de proporcionar muito estudo, ali foi um laboratório de afetos, em que muitos/as estudantes, longe de suas cidades de origem, puderam construir e alimentar laços de carinho e descontração. Afinal, fomos acolhi-

dos não só por colegas, mas também por funcionários/as; vimos seus filhos nascerem, crescerem e, muitas vezes, fomos tratados como tal por Priscila, Carla, Helen, Vera, Jones, Dona Rosa e vários outros profissionais que passaram por ali. Sempre havia espaço e tempo para um cafezinho roubado e uma conversa animada, mesmo entre os horários e espaços apertados – o balcão de entrada, por exemplo, era disputado em alguns momentos.

É muito interessante pensar o quanto aquela casa abrigou tantos sonhos e, não por acaso, foi onde tomei decisões e vivi momentos importantes demais para mim: foi naquela sala do meio, ao lado dos banheiros, que fui convencido por uma amiga a fazer uma tal de “Iniciação Científica” porque o valor da bolsa era bom; foi na segunda sala à esquerda que entendi que precisava correr com o TCC se quisesse prestar o mestrado; na sala próxima à garagem, fiquei sabendo da aprovação. Outros cômodos foram palco de atos igualmente relevantes, como os cochilos na garagem, a leitura de horóscopo na secretaria ou os risos compartilhados perto da pia - antes, depois ou durante as aulas.

Se essas linhas deixaram o leitor ou a leitora tomado/a de nostalgia assim como estou, gostaria de propor uma espécie de passeio, uma visita imaginária pela casa. Após passar por quase toda a Vila Giannetti, você chega ao Labcom (cansado/a, claro!). Sobe as escadas da varandinha, percorre-a, e adentra o espaço. À esquerda, a sala da chefia, onde Jones atende ligações, imprime documentos, despacha e te cumprimenta – tudo ao mesmo tempo, com a mesma presteza e seriedade. À direita, no balcão da secretaria, Priscila e Carla te recebem com um sorriso aberto, mesmo estando atendendo vários alunos/as ao mesmo tempo: uns pegando equipamento, outros devolvendo e mais um insistindo para tentar não pagar a multa de atraso na devolução. A Folha de S. Paulo do dia já está ali em cima, e você faz um lembrete mental para lê-la depois. Após passar pedindo desculpas



Alunos da COM10 logo antes da Colação de Grau

por esbarrar em todos no corredor, chega à sala aberta, aquela perto dos sanitários e onde fica o quadro escrito “Jornalista por Formação”, da FENAJ, com a foto de um diploma.

À esquerda, três salas: uma que é usada por professores/as e duas ilhas de edição. À frente, as salas de aula: a “de cima”, cuja janela dá para a garagem, e a “de baixo”, que leva à garagem. Neste cômodo, espaçoso e mais isolado, você vê um sofá antigo, se depara com o silêncio e se programa de dar aquele cochilo amanhã entre a aula de Tele e a orientação de TCC, rezando para que não tenha ninguém lá no momento. Há computadores velhos, um “móvel” engraçado com vários jornais antigos e uma mesa – aquela que usou para fazer o trabalho de Metodologia, correndo, antes de a aula começar.



Aula da Saudade, em 2014

Voltando, você caminha pelo – também estreito – corredor da pia, cumprimenta seu colega monitor de Rádio que está no estúdio editando. À esquerda, tem aquela última salinha meio pitoresca onde fica uma geladeira, cuja função você nunca entendeu muito bem. Pronto, a visita terminou, e você se pega olhando o cardápio do almoço; a decisão de almoçar no RU ou no Multiuso será tomada em grupo com os amigos de sempre – não antes de intensa negociação, obviamente.

Provavelmente sua experiência pode ser um pouco distinta da minha, devido às mudanças de espaço físico ao longo dos anos e de minha memória falha. Mas espero sinceramente que essa leitura te desperte os mesmos bons sentimentos que me invadiram ao lembrar da casa. “Nossa, mas pra que tanto apego assim? O Labcom era só uma casa!” – você pode argumentar. E talvez tenha alguma razão. Até hoje, toda vez que passo por ali de carro, descendo a Via Alternativa, meus pais perguntam se quero ficar no Labcom e sou tomado por um impulso de responder que sim. Mas aí me dou conta de que tudo mudou, aquele tempo passou e a casa virou Museu.

Sim, um importante museu da Comunicação. Mas também um museu particular, meu, onde guardo minhas memórias. Convido você a fazer o seu.

Gustavo Pires dos Santos*

O paulista que se apaixonou por Viçosa

*COM 2013. Durante o curso, participou do Na Área (2013/17); CaJor (2014/15); Representação Discente do Colegiado do Departamento (2015/16); Impressionados BFC (2013/18); LÚVE (2015/18) e AAAH (2015/18). Atualmente trabalha em Agência de Marketing e Publicidade, em São Paulo-SP.

Eu, que sempre fui conhecido na graduação – e ao longo da vida – como alguém que fala muito, opina e gosta de se comunicar, vejo-me sem palavras para definir tudo o que foi, e ainda é, a UFV na minha vida. E, claro, seu curso de Jornalismo. Sei que sou mais um dos tantos alunos que passaram pela história de 20 anos da COM, mas quem teve a oportunidade de passar por lá certamente não considera essa experiência como apenas mais uma.

Lembro-me quando ingressei no curso, em 2013. A UFV não estava nos planos, afinal, Viçosa é uma cidade localizada na Zona da Mata mineira, longe da capital paulista, onde nasci. E assim como alguns dos tesouros mais valiosos da humanidade, não é fácil de achar não, viu? E muito menos de chegar. Mal sabia eu que seria felizardo em passar por tantas viagens de 12 horas dentro do ônibus que fazia o trajeto entre as cidades. E, mais do que isso, felizardo em fazer parte da história dessa universidade maravilhosa. É importante citar alguns acontecimentos iniciais para notar como as coincidências (ou o destino?) da vida nos mostram que, quando é para ser, é para ser. E a COM UFV era para ser.

Quando coloquei o nome da UFV como segunda opção do Sisu, o fiz porque tinha um amigo que estudava lá. E era tudo que eu sabia sobre a cidade: que tem uma universidade federal. E um amigo que estuda lá. Mas algo me fez colocar a UFV no SISU. Até hoje não sei o quê. Visando outras oportunidades e opções, que acabaram não se concretizando, já me preparava para um ano de muito estudo em um cursinho do centro de São Paulo, tinha até esquecido do Enem. Mas um SMS (é, nada de *WhatsApp* até então) quis me mostrar que meu destino não era o centro de São Paulo, mas sim o interior de Minas Gerais. E quando eu li aquela mensagem de texto, em um domingo de manhã, dizendo que eu fora aprovado, achei que fosse uma pegadinha, assim como o SMS do dia anterior, que era uma pro-

paganda (enganosa) de sorteio da pegadinha do Faustão. Pois é. Sendo ou não, me lembrou de conferir como eu estava no SISU, então já na segunda chamada. E foi aí que descobri que realmente havia passado para estudar na Universidade Federal de Viçosa.

Inicialmente, eu achei que não me matricularia, mas acabei indo, incentivado por meus pais. Chegando lá, pela cara da rodoviária, preocupação. Convenhamos que não é a mais bela das imagens. Mas ao ver a beleza incomparável da UFV, tudo ficou mais tranquilo. E logo na confirmação de matrícula, mais um fato indicou que meu lugar era ali: o número de matrícula dado foi 77707. O meu número preferido é 77.

Ainda falando em números, pelo ano de ingresso fiz parte da memorável COM13. Para alguns, 13 é número que traz azar, má sorte. Para outros, traz a ideia de boa sorte e felicidade. Cada um com sua crença, mas, para mim, e para quem fez parte da lendária COM13, esse número com certeza traz lembranças maravilhosas, histórias publicáveis e impúblicáveis e muita integração, sem dúvidas.

Desde minha entrada no curso, com início oficial em 13 de maio de 2013, foi uma sucessão de paixões em Viçosa: pela cidade, pela universidade, pelo curso, pelas pessoas, pelos acontecimentos que vivi e, por fim, paixão por me (re)construir como pessoa durante os anos em que estive na Comunicação. Apaixonei-me tanto por tudo isso que, num mundo em que as pessoas não veem a hora de se formar para trabalhar e viver novas etapas da vida, eu escolhi ficar mais tempo, e permaneci seis anos no curso. E que decisão acertada!

Eu, que entrei apaixonado por esportes e querendo me tornar jornalista esportivo, tive a chance de participar, logo em meu primeiro ano, do “Na Área”. E quem participou sabe a escola que é o programa, tanto no rádio quanto na TV, espaço conquistado pela nossa equipe no ano seguinte, em 2014.



Formação do Impressionados BFC durante a Copa dos Campeões de 2018.
Em pé: Wesley, Alexandre, Diogo, Pedroga e Hugo (técnico).
Agachados: Gustavo, Daniel Pires, Dentinho, Ricardo, Daniel Reis e Yuri Said.

E como bom apaixonado por esportes, claro que adorava futebol, e tinha que tentar jogar no time de futsal do curso. E foi no Impressionados BFC que vivi histórias, fiz irmãos e bebi muito em família, seja para comemorar, esquecer ou simplesmente porque time que não bebe junto não ganha. Fato é que tive a honra de vestir o manto que foi, é, e sempre será muito mais do que apenas uma equipe: é uma instituição que nasceu praticamente junto com o curso. Avante, Impressionados!

Por meio do esporte, continuei tendo oportunidades incríveis na universidade, como fazer parte da A.A.A. LUVE e da fundação da Atlético das Humanas. Nesse meio tempo, pude pôr em prática os ensinamentos obtidos na Comunicação e aproximar o Jornalismo de outros cursos do CCH por meio da AAAH.

Outro momento que me orgulha enquanto aluno do curso foi ter conseguido fazer parte da chapa que retornou com o CaJor, em 2014. É um espaço feito por e para estudantes, cuja existência é fundamental e que infelizmente estava sem nenhuma chapa eleita nos anos anteriores. Meu orgulho é saber que hoje, enquanto escrevo, o CA, que até mudou de nome (se chama Rodolfo Walsh), cresceu, se reestruturou e se tornou, como deveria sempre ser, parte fundamental dentro do curso.

Acho essencial citar esses acontecimentos porque eles reforçam um legado para o futuro. Na minha visão, é isso que importa: colaborar com o curso, com a universidade e abrir caminhos para que outros continuem trilhando e construindo. Assim, todos vão ter suas próprias histórias e poderão colocar um tijolinho nessa obra eternamente em construção e crescimento que é o curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa.

Que venham mais 20, 50, 100 anos de curso, de universidade e de histórias. E que sempre tenhamos relatos daqueles que participaram e sempre guardarão na memória e no coração tudo que aconteceu nesse período único que é a graduação.

Jonathan Fagundes da Silva*

Comunicação é encontro e caminho

*COM 2013. Jornalista (2013-2016) e Mestre em Extensão Rural pela UFV (2019). Professor substituto do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV em 2022.

Escoger a profissão que irá seguir não é uma tarefa fácil. Na infância somos questionados inúmeras vezes sobre quais passos iremos dar no futuro. Poucos fogem deste dilema. Antes de te contar sobre minha graduação na UFV, é preciso te contar como o curso de Comunicação Social me escolheu. Sou fruto de um Projeto de Extensão.

Em 2008, quando estava na 8ª série do Ensino Fundamental, precisei ir à Escola Estadual Dr. Raimundo Alves Torres (Esedrat) em alguns sábados para realizar algumas atividades da feira de ciências. Meu grupo se preparava para desenvolver um projeto sobre os recursos hídricos no município de Viçosa.

Num desses sábados, encontramos um grupo de universitários e sua professora um pouco desapontados porque os alunos convidados não haviam comparecido ao compromisso combinado. A proposta era instalar uma rádio escola, porém, o projeto de extensão necessitava ser abraçado pelos alunos da Esedrat.

A professora Kátia Fraga viu nosso grupo na escola e fomos convidados a participar da primeira reunião. Sempre tivemos muita disposição e, como sabíamos que nossos intervalos na escola precisavam ser diferenciados, aceitamos o convite. Assim teve início o meu contato com o universo da Comunicação.

Eu, Jonathan Fagundes, Brenda de Castro, Danúbia Vilar e Vanice Coutinho participamos de diversas oficinas com a equipe do projeto. Nesse período, convidamos mais pessoas para participar e a Rádio Escola “K-Entre nós” foi ganhando corpo. A escola oferecia o Ensino Médio no período da manhã e o Ensino Fundamental no período da tarde. Conseguimos participantes para atuar nos dois períodos, cujos intervalos duravam 20 minutos.

Eu sempre fui apaixonado por Rádio e TV e, durante as oficinas, ficava deslumbrado com as possibilidades que a Comunicação oferecia. Além

da Kátia Fraga, os então estudantes Felipe Menicucci e Inês Amorim eram cordiais em compartilhar os aprendizados que obtinham na graduação. Comecei a me inspirar neles.

As atividades do projeto de extensão eram condizentes com a nossa realidade. Numa escola de periferia, com constantes brigas entre alunos, era necessário falar sobre *bullying*. Por isso, gravamos spots nos estúdios do Labcom, ainda na Vila Giannetti. Nossa programação contava com músicas escolhidas pelos alunos, spots educativos, correio de mensagens em que os alunos trocavam recados de amizades e amor.

Conforme registrado no jornal Folha da Mata, edição nº 2.074, de 21 de novembro de 2008, a inauguração da Rádio Escola “K-Entre nós” aconteceu no dia 11 de novembro daquele ano. O texto destaca:

“A principal meta do projeto é permitir que alunos da escola pública possam utilizar a mídia radiofônica como canal para conversação livre, com práticas comunicacionais democráticas, que reforcem o exercício da cidadania. A emissora objetiva, ainda, promover o aprendizado de maneira lúdica por meio do rádio; reconhecer os membros da escola como produtores de cultura; utilizar a linguagem radiofônica para que os alunos tratem de assuntos ligados às suas realidades; e, ainda, melhorar a comunicação interna da escola”.

Minha participação na rádio escola durou cerca de dois anos e, depois disso, a semente lançada pela equipe do projeto ainda estava viva dentro de mim. Alguns encontros acontecem e não entendemos o motivo, mas eles precisam acontecer. Foi assim com aquela reunião do sábado, em que eu e minhas amigas fomos o “plano B” para aquela equipe. Contudo, aquele contato se tornou o “plano A” da minha vida profissional e, em 2011, quando terminei o Ensino Médio, sabia que o meu lugar era no curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV.

A primeira tentativa de ingresso não deu muito certo, mas, em 2013,

Inaugurada a Rádio Escola do Esedrat

A Rádio Escola "K-entre nós", da Escola Estadual "Doutor Raymundo Alves Torres" (Esedrat) iniciou suas atividades na manhã de segunda-feira, 11. A solenidade de inauguração contou com a presença dos alunos e professores da escola e do curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Viçosa, além de autoridades como o pró-reitor de Extensão, Gumercindo Souza Lima; o assessor da Pró-Reitoria de Ensino, Tarcísio de Assunção Pizziole e o assessor de Imprensa da Prefeitura de Viçosa, Francisco Assis de Souza Castro.

A rádio faz parte do projeto de extensão da UFV "K-entre nós", que coloca a rádio escola como instrumento de cidadania e veículo democrático de práticas comunicacionais na escola. O projeto é realizado em parceria com a Esedrat, que adquiriu os equipamentos eletrônicos para a montagem do estúdio. A rádio vai funcionar de segunda a sexta-feira, nos horários de recreio: das 9h30 às 9h50 e das 15h30 às 15h50. Com conteúdo variado, os programas deverão exibir quadros diferentes abordando temas ligados à realidade dos alunos, além de notícias e músicas. Os acadêmicos do Curso de Comunicação da UFV, juntamente com o fun-



Os alunos prestigiaram a inauguração da rádio

cionário João Vicente, as professoras Mariana Procópio e Kátia Fraga (coordenadora do projeto) fazem o acompanhamento dos alunos. A professora capixaba Ana Helvira Meneguelli, da Faesa (Faculdades Integradas São Pedro /ES), também é uma das integrantes do projeto, que envolve 14 alunos.

CIDADANIA

A principal meta do projeto é permitir que alunos da escola pública possam utilizar a mídia radiofônica como canal para conversação livre, com práticas comunicacionais democráticas, que reforçam o exercício da cidadania. A emissora objetiva, ainda, promover o aprendizado de maneira lúdica por meio do



A estréia da Rádio "K entre nós"

rádio; reconhecer os membros da escola como produtores de cultura; utilizar a linguagem radiofônica para que os alunos tratem de assuntos ligados às suas realidades; e, ainda, melhorar a comunicação interna da escola.

Para a direção da escola, a rádio será um meio de maior aproximação entre estudantes, professores, funcionários e administração.

A coordenadora do projeto, Kátia Fraga, destaca o empenho de todos os envolvidos no projeto, inclusive os estudantes do Curso de Comunicação Social/Jornalismo, pelas várias oficinas de capacitação ministradas aos alunos da Esedrat, sobre práticas de locução, linguagem radiofônica, reportagem entre outras da área da mídia radiofônica.

Recorte do Jornal Folha da Mata, edição de 21 de novembro de 2008

fui aprovado e comecei minha formação profissional. Abracei o curso da melhor maneira que pude e quis me envolver nas atividades que tinham relação com meu perfil.

Ainda em 2013, participei da Rádio Comunitária em Nova Viçosa, projeto da professora Kátia Fraga. Com reuniões às segundas-feiras à noite, ouvíamos os relatos dos moradores da comunidade e os auxiliávamos na elaboração do programa que acontecia na praça do bairro. Projetos de extensão de rádio são essenciais para proporcionar espaços de fala para pes-



Rádio Itinerante no bairro Nova Viçosa

soas que muitas vezes não são ouvidas pelo poder público.

É necessário mencionar a importância do estágio na TV Viçosa e Rádio Universitária. Esta parceria com o curso de Comunicação também me deu suporte para aprimorar os meus conhecimentos de forma prática e entender como funciona o trabalho em equipe.

Quem abraça o curso de Comunicação da UFV sabe das dificuldades financeiras que as Ciências Humanas enfrentam para sobreviver. A mobilização precisa ser feita pelos estudantes e professores, não dá para caminhar sozinho. Em 2015, participei da coordenação horizontal do Cajor. Nossa missão era integrar as diferentes turmas do curso e, ao mesmo tempo, estabelecer uma conexão franca com os professores, já que a relação entre as partes estava desgastada.

A realização da “XI Semana Acadêmica de Jornalismo: a prática e as dinâmicas do mercado” foi a oportunidade para restabelecer as relações entre professores e estudantes. Devido à falta de recursos, tivemos que nos mobilizar para trazer os palestrantes. Estabelecemos uma parceria com o

Cinecom, projeto de extensão coordenado pela professora Laene Mucci, e começamos a fornecer a pipoca das sessões realizadas no gramado das Quatro Pilastras.

Claro que nem todos os professores abraçaram nossa causa, porém, recebemos apoio do então coordenador do curso, Henrique Mazetti, para a realização da semana. Contamos com as sugestões de Kátia Fraga e da professora substituta Kelly Scoralick para trazer palestrantes com experiência de mercado para o nosso evento, o evento do Curso de Comunicação. A dificuldade financeira era grande, por isso, em alguns casos contamos com o apoio de estudantes e professores para transporte dos palestrantes, sendo que alguns ofereceram acomodações para os convidados. Comunicação é isso, é união!

A semente lançada durante a rádio escola, quando eu tinha 14 anos, foi muito bem cuidada por mim. Também recebi o apoio da Kátia Fraga durante todo o período, seja nas orientações do estágio na antiga CCS/UFV ou nas iniciações científicas que tive oportunidade de fazer sob sua tutela.

Como já mencionado, os encontros não acontecem por acaso. Em 2016, ano de formatura, tive a grata surpresa de reencontrar o Felipe Menicucci, agora como professor substituto do curso. Finalizando este ciclo, ele foi meu orientador do TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), que desenvolvi em parceria com o meu amigo Mateus Dias. Sua experiência foi fundamental para a produção do documentário “Sobriedade: libertação de um submundo”, que mostra a realidade de dependentes químicos.

Num encontro ao acaso descobri minha profissão e durante todo o percurso da graduação tive a oportunidade de encontrar e reencontrar pessoas que me inspiram. A Comunicação se tornou um caminho de vida e, hoje, posso trilhá-lo ao lado de colegas e amigos que me ensinam que o segredo é ter os olhos e ouvidos atentos ao outro; a ser humano.

Isac Oliveira Godinho*

Experiências e afetos na formação de um jovem profissional

*COM 2014. Formado em janeiro de 2018. Mestre em Letras pela UFV, atuando na área de Análise do Discurso e pesquisando sobre questões como midiativismo, direitos humanos e jornalismo humanizado.

Fazer parte da história do curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV é motivo de grande orgulho e satisfação. Ao longo desses 20 anos de existência, muitas pessoas passaram pelo curso, carregando seus sonhos e anseios, construindo suas histórias e deixando suas marcas.

Minha trajetória na UFV começou em outro curso, a Química. Vim para Viçosa aos 17 anos, cheio de sonhos e expectativas, sem saber muito bem o que me aguardava nessa nova vida. Aos poucos fui percebendo que a rotina dos laboratórios e as aulas de química, física e cálculo não eram o caminho que eu queria seguir. Decidi, então, retornar para a casa dos meus pais e repensar minhas escolhas profissionais. Hoje, quase oito anos depois, sei que esse foi caminho certo a seguir.

Sempre muito comunicativo e curioso, resolvi me aventurar pelo universo da comunicação. Retornei para Viçosa e entrei para o curso de Jornalismo da UFV na turma de 2014. Nessa nova jornada conheci tanta gente incrível, que me ajudou a crescer, amadurecer e me tornar uma pessoa e um profissional melhor.

Nos quatro anos de curso pude participar de muitos projetos e vivenciar experiências, acadêmicas ou não, que foram de grande importância para a minha formação. Lembro com carinho do meu envolvimento com a Empresa Júnior do curso, a Intermídia, onde aprendi muito com todos os membros e com a responsabilidade que tínhamos ao liderar uma empresa enquanto estudantes. Também guardo muitas lembranças boas da Atlética das Humanas, o grande Corujão. A Atlética foi mais um espaço onde pude desenvolver minhas habilidades, criar laços muito importantes de amizade e aprender a força do trabalho em equipe e da dedicação em torno de um ideal comum. Serei eternamente grato a essas duas organizações, que ajudaram a me formar um profissional muito mais atencioso e humano.



Diretoria da Intermidia no ano de 2016

Entre aulas, estágios, festas e muito trabalho, também tive a oportunidade de atuar como monitor, representante discente na coordenação do curso e fazer uma iniciação científica ao lado da professora Mariana Procópio. Acredito que essas experiências me despertaram um encantamento pela vida acadêmica, pelo potencial de me aprofundar em discussões importantes no campo da comunicação, pesquisar questões de relevância social e, futuramente, atuar na formação de novos jornalistas e tentar retribuir um pouco do que aprendi nesses anos de formação. Hoje, dando mais um passo nesse processo de formação, como estudante de mestrado, sou muito grato pelos excelentes professores que tive, pelos técnicos que sempre se dedicaram ao máximo para nos apoiar durante o curso e pelos amigos que construí ao longo desses anos. Ao olhar para trás, tenho muito orgulho de ver quantos profissionais incríveis se formaram na COM UFV e quantas pessoas maravilhosas tive o



Formandos durante a Colação de Grau em janeiro de 2018

prazer de conhecer ao longo desses anos.

Tenho certeza que o Isac de 17 anos que chegou a Viçosa nem imaginaria viver tantas experiências incríveis nessa cidade, que aprenderia tanto, se conheceria melhor e faria amizades para vida toda. Sem dúvidas, me formar no curso de Jornalismo da UFV foi a melhor escolha que eu poderia ter feito.

PARTE 3

AVANTE

Ráira Saloméa Nascimento*

Sobre quem nos inspira

*COM 2015. Natural de Nanuque-MG. Em Viçosa, passou pelo CTA-ZM, CCS, Contrarregra, Rádio Universitária e TV Viçosa. Faz mestrado em Comunicação na UFMG e atua com educação científica em feiras de tecnologia e ciências.

A credito que todo jornalista tenha alguém que o inspira na profissão; algum ou alguma profissional muito bem sucedido/sucedida a quem admira e se espelha nesse ofício. No meu caso, essa pessoa sempre ficou estampada em todos os meus trabalhos ao longo do curso e em todas as minhas conversas, já que quase todo assunto era abordado e publicado por ela. Na turma da COM 15, eu era a fã de Eliane Brum.

Certamente eu não era a única. Muita gente gosta e se inspira nela. Talvez, o curioso estivesse na minha completa devoção pela ideia da jornalista na rua, com bloquinho na mão, escrevendo sobre a vida que ninguém vê. Cada matéria era uma oportunidade para conhecer um lugar longe do eixo Centro-UFV: Nova Viçosa, Posses, União (Morro do Café), Buieíé, Viroleira, São José do Triunfo... Conheci asilos, becos, comunidades tradicionais e rurais. Tive a alegria de viver Viçosa inspirada por esta ideia de jornalismo.

Lembro bem de uma aula de Multimídia no PVB, em 2018, em que, diante da minha resistência em fazer entrevistas online ou pelo telefone e de usar outros recursos para as reportagens, o professor Henrique me disse estas palavras: “Eu sei que você quer ser a jornalista que vai pra rua, talvez seja uma das últimas assim, mas é preciso se reinventar, Raíra”. E Henrique estava certo, era realmente preciso, 2020 esteve aí para provar isso.

Mas muito antes disso, quando a COM15 ainda era a turma caloura, uma aula, um lugar e um texto marcariam definitivamente a minha trajetória na graduação. Foi na nossa primeira aula de Fotografia, a nossa primeira vez no extinto LabCom da Vila Giannetti, na primeira semana de aula. A nossa turma era imensa. Laene era a professora. Amontoados nas cadeiras sem apoio, ela apresentou para a gente algumas reflexões sobre ética no jornalismo e o texto “Vizinho indiscreto”, de 2013, de autoria da Eliane Brum.

Talvez pelo êxtase daquela primeira aula, talvez pelo ânimo comum



Antes da famosa foto de formandos no Bernardão. Da esquerda para a direita: Lídia, Juliana, Raíra, Letícia Valério, Paula e Mirelle.

a todo calouro, eu fiquei – como diria o professor Rennan – afetada. Ali mesmo na aula, com o sinal péssimo de internet do LabCom, comecei a pesquisar sobre aquela jornalista que me inspiraria ao longo daqueles quatro anos e ainda hoje, fora da UFV. Foi ali que conheci a Eliane Brum.

A Vila Giannetti foi um dos lugares mais importantes para mim durante a graduação. Além das aulas que tive por lá (Fotografia, Televisão e Linguagem, Cinema Latino), foi também local de dois estágios (CCS em 2015 e Fratevi de 2017 a 2018) e do projeto de extensão Contrarregra. Aconteciam lá, também, os ensaios do coral Voix-Lá, que participei em 2017. Era uma relação de amor e ódio subir aquela ladeira. Nos dias de inverno, eu amava passar debaixo das árvores e observar os jardins, mas nos dias de sol a pino, eu me perguntava por que, Deus, eu tinha que estar ali tantas vezes. Chegava a subir a Vila quatro vezes por dia, nas idas e vindas de aula-estágio, estágio-aula, RU-Coral, Contrarregra-aula...



Aula da Saudade, em janeiro de 2019

Dentre tantas coisas que o curso de Comunicação da UFV me ofereceu, uma delas foram as pessoas com as quais me inspiro. Como minha eterna orientadora Mariana Procópio, que me apresentou a Eliane Brum outras tantas vezes por meio do jornalismo literário; como a mais feliz professora de todas, a querida Kátia Fraga, colorindo meus dias de bolsista do Contrarregra; como Felipe Menicucci, que, além de ser um divertido professor, foi o mais gentil diretor da Fratevi; como Rennan Mafra, que, muito além de um mestre, me acolheu com afeto nos momentos difíceis; como Carlinha, do DCM, que com uma paciência infinda me ajudava sempre a desacelerar; como Jorginho da DCI (*in memoriam*), que sempre me dizia para ter calma e que tudo daria certo; como Thaíssa (*in memoriam*), amiga para todas as horas que nos deixou tantas trocas inspiradoras.

Todas essas pessoas modificaram a minha forma de ver o mundo, a profissão de jornalista e a de professor, a vida acadêmica e tantas outras perspectivas. Todos eles são fontes de inspiração para mim, até mais do que a Eliane Brum.

Nesses 20 anos de COM UFV, surgiram muitas *focas da pá virada*¹ e *tatu-bolas*², e todos nós levamos algo e deixamos nossas marcas. O que eu desejo para os próximos 20 anos de curso são mais pessoas inspiradoras, para que a gente continue acreditando que pode construir um país mais equânime, uma educação pública mais inclusiva e uma formação acadêmica mais afetiva para todos e todas. Foi isso que este curso e todos os seus personagens me inspiraram, e é o que eu quero continuar fazendo daqui para frente. Vida longa à COM UFV!

1 Trecho de um grito de guerra do curso.

2 Expressão emblemática e histórica do curso que dispensa explicações.

Maria Gabriela Matos*

Sair de Viçosa é saber que nos lembraremos dela todos os dias

*COM 2016. Formada em janeiro de 2020. Natural de Três Marias-MG. Atualmente vive em Salvador-BA e atua como repórter do programa Rural Produtivo, exibido pela TVE-BA.

O curso de Comunicação na UFV foi uma das grandes surpresas em minha vida! Primeiramente, eu não conhecia Viçosa e tinha ouvido falar apenas uma vez. Mas bastou a primeira recepção de calouros para que sentisse a energia daquele lugar. E foi incrível!

A princípio, me senti muito acolhida pela Intermídia. O sentimento laranja permanece até hoje comigo. Ter feito parte da EJ me enriqueceu bastante como pessoa e como profissional. Foi onde aprendi a lidar com conflitos (muitos, inclusive), a resolver problemas, o que fazer e, o mais importante, o que não fazer em um contexto que envolve pessoas e projetos.

Além da Intermídia, uma coisa que me faz encher o peito ao lembrar do Departamento de Comunicação Social e de Viçosa foram as professoras, professores, funcionárias e funcionários que tive o prazer de conhecer. Sou grata a todas e todos, mas têm aqueles que mais marcam a gente, né? Seja por sua presença em sala de aula, no departamento ou até mesmo fora do contexto acadêmico.

E tudo começava ao entrar no departamento. “Bom dia, Carlinha! Oi, Pri! Bom dia, Jones!” Carlinha sempre com sorriso no rosto e concentrada nos detalhes, ai da gente se devolvesse os equipamentos faltando alguma coisa, ela ia lembrar. Errada? Não tá, né?!

A Pri, além da sua simpatia, carregava toda a elegância do DCM nas costas. Sempre calma para nos ouvir e resolver nossos problemas. Várias vezes ficamos de marcar para jogar vôlei juntas, pena que não deu certo.

Ao chegar no corredor, a gente já levava “três tapas na cara”, e se tu não conhecer esse bordão, leva mais três. E após os tapas na cara que a vida dá, temos que ter alegria no coração para levantar e seguir em frente de novo. E isso a Kátia me ensinou muito bem! Ressignificar é importante, e só assim conseguimos nos perdoar e seguir em frente.



Com os pais, logo após a Colação de Grau

Ao andar pelo corredor do DCM é impossível não desviar o olhar para o Bernardão, nossa vista do departamento é privilegiada. Fotografar aquele quadro se torna algo do cotidiano dos alunos, e comigo não foi diferente. Eu gostei tanto de fotografar que fotografo tudo e todos até hoje. Me tornei fotógrafa e isso tudo começou em 2016, durante as aulas de Fotografia com o Felipe Menicucci.

E não podemos falar do Departamento de Comunicação sem falar dela, a comunicação. Na minha visão, a comunicação é uma das ferramentas principais para a harmonia da sociedade. Pois nela encontramos e somos capazes de chegar até o outro e saber interpretar cada ruído. E o Rennan Mafra sabe muito bem disso. Com ele, aprendi como a comunicação pode ter ruídos e como é importante saber disso para lidar com esses conflitos. Afinal, o que mais temos e teremos na vida são conflitos.

E como tudo na vida, o equilíbrio se faz necessário até na comunicação. Passividade e assertividade não nos levam a lugar algum. Acho que isso me chamava mais a atenção na Mariana Procópio, o equilíbrio em suas falas, seja para nos corrigir como discentes, ou para elogiar. Espero um dia ter esse equilíbrio.

Mas uma coisa é certa, faça sua parte para que as coisas aconteçam! Confesso que várias vezes me irritei com o Albert por ouvir tanto essa frase, e hoje entendo que a gente só precisa fazer a nossa parte. Obrigada, Albert, por me ensinar tanto e me motivar também, meu grande diretor.

São muitas lembranças, muitos detalhes, muitas memórias que não cabem em uma crônica, texto e que já não são mais mensuráveis. Nem entrarei na parte das amizades, pois isso me custaria uma coletânea inteira para falar. Mas a faculdade me trouxe grandes amizades que permanecem comigo até hoje.

Estive em Viçosa de março de 2016 até janeiro de 2020. Não terá um dia da minha vida que não me lembre desse lugar sem sentir saudades. Os tempos não voltam mais, o presente é agora. E a saudade faz parte, pois é a partir dela que temos a certeza de que vivemos cada momento. E sair de Viçosa é saber que nos lembraremos dela todos os dias.

Gratidão, UFV e Departamento de Comunicação Social.

Ianka Maria da Silva*

Mais que um departamento, uma família

*COM 2016. Formou-se em janeiro de 2020. Já foi assessora de marketing jurídico e social media, em Viçosa. Atualmente, trabalha como Social Media, na cidade de Alfenas. Ainda está no começo de sua carreira, mas já percebeu que o curso lhe abriu muitas portas para sua vida profissional. O que importa é que aquela menina de cinco anos atrás nunca deixou de sonhar.

Conheci a UFV antes da aprovação no curso de Comunicação, quando, em 2010, fui à formatura de um tio. Meus familiares e eu ficamos admirados com a beleza e a grandiosidade do lugar. A formatura então?! Que sonho! Sonho esse que, após seis anos, estava perto de se tornar realidade.

Confesso que, durante esses longos seis anos, depois daquela formatura esplendorosa, a vontade de ingressar na UFV tinha diminuído, pela distância que Viçosa ficava de minha cidade natal. Sempre conto a velha história que, antes de ser aprovada em Viçosa, me matriculei em uma universidade de São Paulo, pois acreditava que a capital seria ideal para minha carreira como jornalista. Engano meu! Após três dias dessa matrícula, o resultado da aprovação na UFV saiu. Com a aprovação, veio o choro, a alegria e a comemoração, não somente de mim, mas de toda a família. Afinal, todos queriam voltar em Viçosa, na formatura de mais uma.

Quando vi meu nome na lista, nem pensei em capital, em carreira, em mais oportunidades. O que me esperava em Viçosa era muito maior que o crescimento profissional que eu buscava.

Desde o primeiro dia de aula, já percebi o quanto eu poderia crescer como profissional e como pessoa. Eram tantas discussões proveitosas e profundas nas aulas teóricas que, como o professor Rennan Mafra dizia, parecia que a cabeça tinha feito um “BOOM” de tanto que ficaria aberta, com um maior senso crítico e uma visão melhor para as entrelinhas da comunicação.

Além disso, as aulas práticas também ensinavam a viver além do lado profissional. Com elas, aprendi a manusear equipamentos, a dominar técnicas, mas também a ouvir e contar histórias, a chorar em entrevistas, a ter empatia, a celebrar cada pequena vitória, seja uma gravação que deu certo ou uma fonte que não desmarcou em cima da hora.



Visita técnica à TV Integração para a disciplina de Telejornalismo

Em um semestre de Comunicação UFV, já nem pensava se a cidade era pequena ou se era capital, já nem questionava se eu fiz a escolha certa indo para Viçosa. Eu sentia que era a escolha certa, pois o vínculo naquele “antigo prédio da Química” era forte. Eu permanecia cerca de 10 horas do meu dia lá, convivendo com meus colegas de turma, com os professores e técnicos administrativos. Era lá que eu dividia minhas risadas, minhas angústias, minhas histórias da infância, minhas piadas sem graça. Se faltava estrutura no estúdio de TV, de fotografia ou rádio, a amizade, o acolhimento e as discussões em sala de aula compensavam. Se faltava uma câmera, um microfone ou se algum deles dava defeito, as vivências naquela varanda do DCM ou fora dela, nas entrevistas com a comunidade viçosense, já enchiam meu coração de ânimo.

Todos os meus dias, durante os quatro anos de graduação, foram ocupados pela Comunicação, tanto pelo aprendizado nas aulas, trabalhos e estudos, quanto pelas oportunidades extraclasse. Aproveitei tudo o que



Após sua defesa de TCC, na varanda do DCM, com a banca e seus amigos

pude no curso, como a Iniciação Científica em Cibercultura, os projetos de extensão O Expresso e Contrarregra, além de ter viabilizado meus estágios fora da universidade. Aproveitei tanto o curso que não deixei passar nem o cafezinho na cozinha do DCM.

Ali, naquela varanda, naquele prédio antigo e simples, fui construindo meu futuro profissional e, com ele, fui construindo laços que permaneceram além das Quatro Pilastras. Além dos dizeres Estudar, Saber, Agir e Vencer, aprendi também o Amar, Acolher, Crescer, Divertir e Nunca Esquecer. A amizade e o crescimento pessoal que tive, convivendo com meus colegas de curso, professores e técnicos-administrativos, não têm preço. Na verdade, têm sim: o preço da saúde.



Em sua colação grau

Quando eu disse, ali no começo, que a formatura era um sonho, realmente foi o melhor dia da minha vida. Pude dividir minha felicidade e gratidão com a minha família de sangue e com a minha família do Departamento de Comunicação Social. Entretanto, com a felicidade da formatura, vinha a tristeza da separação. Como a professora Kátia Fraga dizia, Viçosa é uma estação, onde muitos vão e vêm. E era hora de ir, era hora de se despedir daquilo tudo que tanto me fez bem, me fez crescer e amadurecer.

Porém, a partida é só física. A memória, o amor e toda a experiência que tive neste lugar permanecerão por toda a minha vida. Sinto muito orgulho de participar dos 20 anos da família COM UFV!

Maurício João Vieira Filho*

Da Comunicação à vida: afetos, experiências e partilhas

*COM 2016. Formou-se em janeiro de 2020. Doutorando no Programa de Pós-graduação em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCOM/UFJF). Mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCOM/UFMG)

Escriver talvez seja uma forma de materializar os afetos, eternizando-os em textualidades. Porém, nem tudo que nos afeta é possível de ser convertido na linguagem. Às vezes, o sentir é mais forte e nem há formas possíveis de expressá-lo e nem palavras que darão conta de sua totalidade. Conforme diz Jean-Luc Moriceau (2019, p. 44), “nós escrevemos porque estamos afetados, mas devemos refletir sobre os efeitos de nossa escrita. Estar afetado pode significar sentir a impossibilidade de não escrever”. E foi exatamente assim que estive, por dias, no esforço desta escrita. Condensar quatro anos em um texto é tarefa árdua. Rememorar é se deparar com momentos em que um sorriso espontâneo surge, olhos enchem de lágrimas e saudades ininteligíveis.

Nestas poucas linhas, tento trazer fragmentos de momentos que vivi ao longo das vivências no curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV, onde, orgulhosamente, fiz parte entre 2016 e 2020. No entanto, penso que minha relação com a COM tenha começado antes do meu ingresso oficial. Enquanto estudante do ensino médio, em um período atravessado por incertezas quanto ao futuro, lembro-me de ouvir pessoas falando do campus da UFV, que nos enche os olhos com suas belezas estonteantes. A partir daquelas fotos que via, meu sonho de fazer graduação em Viçosa se engrandecia. A vontade de cursar Comunicação veio espontaneamente e se aliou à UFV. Assim, naquele início de 2016, esse sonho concretizava-se em objetivo: estudar Comunicação Social na UFV.

Lembro-me, como se fosse ontem, a primeira vez que vi o Departamento de Comunicação Social, o DCM. Naquela época, março de 2016, ainda tínhamos aquele banner na varanda: “com única ação”. Ser calouro era estar constantemente fascinado com as novidades e com a jornada que se iniciava. Um dos meus principais encantamentos foram as aulas de Teorias da Comunicação com o professor Rennan Mafra, que, com sua doçura

e generosidade, transformava minha forma de pensar a comunicação. Com suas aulas, pude aprender que comunicar é muito mais que informar, é um processo de interação entre sujeitos sociais produzindo e interpretando, incessantemente, sentidos, em diferentes situações socioculturais, como estuda Vera França (2001). A cada aula, Rennan nos empolgava ao mostrar como a comunicação é viva, com movimento e atividade.

Um ano depois, a professora Mariana Procópio brilhantemente apresentou na disciplina de “Discurso e Mídia” — nomeação em 2017, sendo depois chamada de “Comunicação e Discurso” — que a materialidade simbólica destes processos comunicativos que constituem nossas vidas pode ser através de discursos. A linguagem não é uma simples estrutura, pelo contrário, é um acontecimento relacional entre sujeitos e sentidos, segundo a linguista Eni Orlandi (2007). Recordo-me que fiquei deslumbrado ao compreender que os processos de significação são formados por questões culturais, sociais, políticas, econômicas e históricas neste constante fluir das interações. Diante do encantamento por essas novas perspectivas que me estavam sendo apresentadas, no ano seguinte, tive a oportunidade de iniciar a escrita de um projeto de pesquisa para iniciação científica com Mariana, que foi desenvolvido em 2019. Essas experiências, sem dúvida, foram primordiais para trilhar os rumos que caminho hoje. Assim, a pesquisa me atraía e possibilitava notar discussões, até então, desconhecidas por mim, mas que enveredaram por aventuras em busca de perscrutar cada vez mais diferentes fenômenos comunicativos.

Em sociedade, estabelecemos redes dialógicas nas quais interagimos continuamente. Esse processo é marcado por complexidades, conflitos e variáveis que dependem das distintas realidades. Pude perceber isso, na prática, a partir das experiências ao lado da professora Kátia Fraga. Com sua veia extensionista, partilhei momentos em seus projetos (VIEIRA FI-



Comemoração após a defesa do TCC, em novembro de 2019

LHO; CORNÉLIO; FRAGA, 2019), em que pessoas foram imbuídas pelo espírito da comunicação comunitária. Cecília Peruzzo (1999) diz que esse processo possibilita o desenvolvimento da cidadania pela sua capacidade de socializar, fortalecer a cultura e oportunizar transformações.

Ao longo da graduação, percebi que minha paixão realmente é ser estudante. Desde pequeno, pegar no papel, mergulhar nos livros, estar em sala de aula, contemplar as falas dos professores e professoras que marcaram minha vida são atos que me constituíram e constituem enquanto sujeito. Acredito que a COM foi mais uma fagulha de esperança na busca dos meus sonhos e uma das experiências mais enriquecedoras que vivi. Como disse, para mim, ser estudante é estar infinitamente em uma posição de sempre querer conhecer e se mover cotidianamente.

Da COM, não levo apenas bases teóricas e epistemológicas sobre uma

profissão e um campo potente de estudos, mas carrego sentimentos, que, como disse no começo deste texto, não são facilmente explicáveis. Antes de encerrar, rememoro a defesa do meu trabalho de conclusão de curso (TCC), que, com certeza, marcou o encerramento deste ciclo em minha vida de forma esperançosa, motivadora e, sobretudo, afetuosa. Para mim, a COM não é um ciclo encerrado, mas um ciclo de afetos e amizades que foram sendo fortificados nesse caminho. Amigos e amigas que continuarei compartilhando vivências.

Por fim, destaco a seguinte frase do pesquisador Bruno Leal (2018, p. 27): *comunicar é bem mais que produzir e transmitir significados e algumas — se não muitas — experiências comunicativas têm seu sentido não na circulação de informação, mas no compartilhamento de sensações, sentimentos, afetos e/ou mesmo na própria condição de estarmos juntos.*

Infelizmente, neste momento comemorativo de 20 anos, não podemos nos reunir e festejar presencialmente devido à pandemia de Covid-19. Estaremos juntos à distância celebrando. Os parabéns para a COM são absolutamente direcionados a cada servidor e servidora técnico-administrativos e docentes, egressos, estudantes e todas e todos que contribuíram para chegarmos aos 20 anos. Os desafios e as caminhadas continuarão rumo a mais 20, 30, 40, 50 anos de ensino, pesquisa e extensão nas ciências da Comunicação.

Assim, com o coração cheio de saudade e olhos marejados, coloco um ponto final neste texto, mas que não encerra o ato de lembrar afetos, amizades, felicidades e momentos únicos da minha trajetória.

Viva a COM!

Referências

- FRANÇA, Vera. Paradigmas da comunicação: conhecer o quê. In: MOTTA, Luiz Gonzaga; WEBER, Maria Helena; PAIVA, Raquel (orgs.). Estratégias e culturas da comunicação. Brasília: Editora UnB, p. 13-30, 2001.
- LEAL, Bruno Souza. Do texto à textualidade na comunicação: contornos de uma linha de investigação. In: LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto; ALZAMORA, Geane. (orgs.). Textualidades midiáticas. Belo Horizonte: PPGCom/UFMG, 2018. p. 17-34.
- MORICEAU, Jean-Luc. A virada afetiva como ética: nos passos de Alphonso Lingis. In: PESSOA, Sonia; PRATA, Nair (Org.) Desigualdades, gêneros e comunicação. São Paulo: Intercom, 2019, p. 41-50.
- ORLANDI, Eni. Análise do discurso: princípios & procedimentos. 7. ed. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2007.
- PERUZZO, C. M. K. Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- VIEIRA FILHO, Maurício João; CORNÉLIO, Luysa de Fátima dos Reis; FRAGA, Kátia de Lourdes. Olhos da comunidade: experiência de ações comunitárias comunicacionais entre jovens no bairro Santa Clara, em Viçosa (MG). In: XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 24., 2019, Vitória. Anais... São Paulo: Intercom, 2019, p. 1-11. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/sudeste2019/resumos/R68-0685-1.pdf>. Acesso em: 5 dez. 2020.

Abraão Filipe*

A varanda que me abraçou: os ventos da memória de um peregrino

*COM 2018. Estudante do curso. Já participou do Cajor, Museu da Comunicação, representação discente no Colegiado e outros projetos do Departamento. Atualmente, é aluno-pesquisador no DIZ – Grupo de Pesquisa em Discursos e Estéticas da Diferença.

*Ele era um andarilho.
Ele tinha um olhar cheio de sol
de águas
de árvores
de aves.
Ao passar pela Aldeia
Ele sempre me pareceu a liberdade em trapos.
O silêncio honrava a sua vida.*

*Manoel de Barros
(Poema “O Olhar”)*

Entregar-me ao exercício de mergulhar em minhas memórias sempre foi custoso. Não é que a sensação seja ruim (muito pelo contrário, o percurso é até bastante aprazível), mas me cansa. Por isso disse, propositalmente, ser custoso – custa-me muito: ao final de esforços como esse, geralmente, saio outro e facetas novas vêm à luz. Ainda mais quando se propõe a fazer isso num cenário tão desafiador, em que nos encontramos todos cansados, digerindo o impacto sanitário, social e emocional de experienciar o luto coletivo diário, gerado pela pandemia da Covid-19.

Contudo, como dizia Guimarães Rosa, o que a vida quer da gente é coragem. Daí me lanço à tarefa de abrir o coração para celebrar os 20 anos do curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa (UFV), acompanhado apenas pelo calor do quarto nesta madrugada e da chuva que cai lá fora. É interessante como o barulho suave que vem do outro lado da janela me leva longe...

No dia em que cheguei a Viçosa, os céus estavam em festa: choravam litros, raios e trovões, ao mesmo tempo que se alternavam com o calor estonteante. Embora tenha sido desconfortável carregar malas e me mover pelas ruas com um clima assim, interpretei que era a maneira de eu ser acolhido por aquela cidade. Sair de São Mateus, município do interior do estado do Espírito Santo, a caminho de uma terra que nunca havia pisado antes (será que é para fazer jus à trajetória do personagem bíblico de mesmo nome que eu?) e, pior, para buscar um diploma que era dispensável para o exercício da profissão só podia ser deveras um ato de fé.

Lembro que, naquela viagem, eu chorei. Como seria morar num lugar que sequer conhecia?! Quem estaria por lá? Quais olhares eu receberia? Como ficaria a saudade?! O que significaria produzir comunicação a partir do interior do país, já que Viçosa também é uma cidade pequena de interior (sim, talvez eu goste da sensação agri-doce de caminhar às margens)? Como seria a experiência de estudar, refletir e produzir pensamento científico desse, nesse e por esse lugar? O que significava, para mim, querer ser jornalista no Brasil do século XXI, com suas desigualdades, injustiças, violências e minuciosidades? Eu iria escrever para quem? Iria trabalhar para quem? Ou melhor, eu iria conseguir trabalhar?

De fato, eu não tinha respostas... E a cada quilômetro em que me distanciava do conforto da terra natal, as incertezas aumentavam e ganhavam outro significado ao tornarem-se parte do trajeto. Desde novo, a imagem do peregrino sempre fez muito sentido para mim – não sei se foi lendo os relatos das travessias do povo hebreu pelo deserto ou ouvindo as histórias de vivências itinerantes que meus avós contavam. Sei que me forjaram para enxergar a condição humana como passagem. Logo, o peregrino é errante, sempre imperfeito, sempre em movimento e em construção – de si, dos outros e do mundo que o cerca. Inclusive, é bom citar que falo como alguém

que passa (ou está passando) pela UFV e pelo Departamento: ingressei em 2018 no curso, já fiz quatro períodos completos e estou na expectativa de atravessar as disciplinas que faltam durante os próximos dois anos (o que não importa muito no momento). Com o passar dos meses, fazer o percurso na estrada foi ficando mais frequente e perceber o tempo que se “gasta” em viagem vai, misteriosamente, tranquilizando o espírito. Além disso, vale dizer que uma alma de peregrino não tem muita preocupação com a escassez de recursos que se impõe àqueles que vivem nas margens.

Assim, o andarilho vai, atento e forte, caminhando, descobrindo novos mundos... ao mesmo tempo que não tem vocação para ser apático, raso, indiferente à realidade. Sim, eu gosto de sujar as mãos e sentir o prazer vivo do cultivo. Entre tantas aventuras pelos prédios da Universidade, poder dividir horas de sol na fila do RU, sonecas depois do almoço (e em outros momentos também), filmes no porão e risadas ilícitas na BBT. Num sobe-e-desce pela reta, passear por aqueles blocos enormes que riam de nossa cara por não saber os locais das aulas. Disciplinas que fazem chorar, mas também pocar de rir. Subir em direção ao Museu da Comunicação e descer sorrindo pelos momentos inesquecíveis (junto com aquele desconforto do cansaço). Já o movimento estudantil (com o Centro Acadêmico Rodolfo Walsh, Cajor, relação de amor e ódio!) me proporcionou debates sobre pautas que eu desconhecia, longas conversas sobre propostas e um esforço intenso na organização das semanas acadêmicas e seus frutíferos espaços.

Quantos aprendizados e desaprendizados! Impossível esquecer das aulas que nos deixam com brilho nos olhos. Cada frase e sentimento fica pulsando vivo na memória. Cada envolvimento no curso gerou encontros que me deslocaram por inteiro. Desde apurações presenciais pelas ladeiras de Viçosa às entrevistas com fontes que enchem os olhos d’água. Entre fotos, criações gráficas no laboratório, filmagens, gravações, escritas e rees-

critas... Entre ligações, pesquisas, slides e seminários (acompanhados das leituras difíceis e acaloradas discussões em grupo).

O andarilho não leva nada na bagagem, senão aquilo que atravessa o corpo – seus sentidos e afetações. Comigo, então, pobre peregrino, ficam as histórias. Afinal de contas, pela lei natural dos encontros, eu deixo e recebo um tanto... Colegas, amigos e amigas, professores e professoras, servidores e técnicos viram todos companheiros na caminhada. Mais do que vínculos institucionais, é uma formação atravessada por pessoas reais, de carne e osso – profundamente humanas, por sinal. Aqui, as teorias da dinâmica relacional da comunicação ganham corpo e vida: só é possível se for assim!

Dessa forma, vida longa ao curso e àqueles que gastaram/gastam energia por ele, duas décadas após sua fundação! Infelizmente, não aprendi a terminar minhas falanças com tom pessimista. Sou convidado a voltar à varanda do nosso querido DCM. Aquele ambiente é onde peregrinos se esbarram, pausam para renovar as forças, dividem pão e compartilham conversa mansa. Ali de cima, também, a gente vê o pôr do sol, assiste as pessoas passarem e tece horizontes. Como afirmou Pascal, “o silêncio eterno desses espaços infinitos me apavora”.

Da varanda, uma brisa leve toca o meu rosto. Sinto! Vem à minha memória uma canção que diz de ventos de mudança. Lembro do meu pai contando o contexto histórico dessa música, a força da sua letra e o impacto que ela teve na sociedade. Me resta aguardar, esperançosamente, pelos ventos de mudança que vão soprar da varanda do DCM, ultrapassar as Quatro Pilastras e alcançar nossos corações – onde quer que nós estejamos, a sonhar, pelo mundo. Desses textos e sementes, entre belezas e viventes, torço (tal qual o poeta Rubem Alves) para que germinem e, viçosamente, virem ipês-amarelos...

Jamília Aparecida Lopes Soares*

O inesperado me trouxe aqui

*COM 2018. Natural de Viçosa, Minas Gerais, cidade universitária de onde tem o privilégio de ser nativa.

Diferente de muitos alunos que sonharam com a profissão ou por outros motivos tenham feito a escolha pelo jornalismo, ingressei no curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV por meio da política de cotas. As ações afirmativas especiais foram implementadas a outras categorias somente em março de 2018. Eu pertencço ao grupo especial desde abril de 2009, após um acidente de trânsito. Fazer parte das linhas da história dos 20 anos do curso me acrescenta valor. Está sendo muito importante e gratificante buscar o meu crescimento profissional e pessoal, ambos caminhando juntos.

O meu reconhecimento a todos profissionais da Universidade que passaram e aos que ainda passam pela minha construção de vida, aos colegas que estão por perto quando preciso (e isso acontece sempre)! Aos atuais professores do Departamento e aos professores substitutos que a minha turma teve o prazer de ter conhecido — Felipe Menicucci e Eugene Franklin, quero ressaltar o quanto vocês são, ainda jovens, já grandes profissionais. Também os professores dos projetos de extensão nos quais eu ganhei experiência da prática jornalística: o Jornal de Viçosa – orientado pelos professores Ernane Rabelo e Laene Mucci; o Projeto Inumeráveis UFV – com orientação da professora Kátia Fraga, que me traz muita “alegria no coração”; e, por último, o Projeto COM VIDA na Covid-19, com a orientação da professora Laene Mucci.

Na trajetória do curso, conheci professores e outros profissionais dedicados e sensibilizados com a profissão, fazendo da educação o meio para mudar a minha história. Pessoas que me tiraram da comodidade, fazendo-me olhar para além do meu nariz. Primeiramente os meus professores, depois os colegas da turma da COM18, composta por jovens com propósito de crescimento profissional e pessoal. Somos forças para a construção de uma sociedade mais humanizada. Acredito na nossa capacidade de trans-

formação. É claro que os ex-alunos, que fazem parte da memória do curso e que atualmente estão no mercado de trabalho, em grandes mídias do país, são incentivo para nós, atuais estudantes.

Recordo que a minha primeira atitude para praticar o jornalismo foi escolher cursar, com toda a insegurança que eu tinha, a primeira disciplina optativa da grade (Produção de Notícias I, com o professor Ernane Rabelo), no primeiro período de 2019. Eu não tinha a menor intimidade com as palavras, mas na produção do material, fui bem direcionada e instruída para a produção das matérias. Sendo aluna de Jornalismo, eu não tinha para onde correr: precisava começar a desenvolver a escrita. Dediquei-me e fechei o período com a nota máxima. Percebo a minha evolução e me dedico ainda mais.

Particpei com outros alunos do Intercom/Expocom - Congresso Regional (Exposição de Pesquisa Experimental em Comunicação) no Espírito Santo, em junho de 2019. Fui coautora de trabalho produzido para a disciplina de Fotojornalismo, no primeiro período, e apresentado no congresso, a fotonovela “Luiza, a menina invisível”. Não trouxemos o prêmio, mas sim a experiência da vivência. Fizemos outra viagem acadêmica, dessa vez, com a turma completa, acompanhados pela Kátia Fraga, professora de radiojornalismo. Visitamos as rádios Itatiaia, CBN da TV Gazeta, Alô e Cidade (essas duas, do grupo Liberdade), na cidade de Juiz de Fora, em maio de 2019.

Há nove meses, com iniciativa e sensibilidade do professor Ernane Rabelo, chegou até nós, alunos, a proposta de prestar serviço de informação, sobre a pandemia no cenário local e regional. Começamos a produzir matérias para o Jornal de Viçosa no dia 24 de março de 2020. De forma voluntária, a apuração das pautas e os contatos com as fontes foram realiza-



Visita aos estúdios da Rádio Itatiaia, em Juiz de Fora, 2019

dos com a tecnologia da internet, por e-mail, WhatsApp, pelas redes sociais ou ligações. Com o passar do tempo, o jornal se transformou em projeto de extensão e disciplina optativa do curso.

Esse é um projeto pelo qual tenho um verdadeiro apreço, pois me motivou a fazer e ser jornalista. A proposta, desde o início, foi trazer notícias apuradas e produzidas pelos estudantes, chegando o mais próximo da realidade de um jornal. Fui orientada inicialmente pelo professor Ernane e depois tive o prazer de conhecer e ser orientada pela professora Laene. Não vou dizer que estou sendo moldada, pois eu não me encaixo em formas prontas, mas ela constrói comigo o meu crescimento.

Outro projeto é o “Inumeráveis”, criado para homenagear as vítimas da Covid-19 em todo o Brasil – pessoas que não são apenas números, elas



Durante visita à Rede Gazeta, afiliada da Globo no Espírito Santo

deixam famílias, amigos e uma história que teve o seu fim. O Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV, foi contatado pela coordenação nacional do projeto, para organizar um grupo de estudantes voluntários para redigir memoriais no site. Nossos encontros semanais começaram em junho de 2020, participei com todo o coração como estudante voluntária.

A tecnologia me permitiu chegar até famílias e lugares distantes. Comovida com o atual cenário mundial e com as mortes no Brasil, fiz o meu primeiro contato com uma fonte do Rio de Janeiro e depois com outra de São Paulo. Respectivamente, perderam o pai e a mãe para a Covid-19. Com os relatos sobre as vítimas, escrevi as histórias e as lembranças que ficaram, coloquei em palavras os momentos marcantes, alegres, os ensinamentos. Escrevemos, juntos as famílias, lindas homenagens. É uma vivência que

nos coloca diretamente com a dor do outro. Como não se sensibilizar neste processo que me modifica enquanto pessoa?

Vou me formar na profissão que jamais pensei fazer, então, me preparo, me descubro, e afirmo que não poderia ter sido a melhor escolha da minha vida. Estudo na Universidade Federal da minha cidade, e costumo dizer que a Universidade fica no “quintal” da minha casa, a poucos minutos de percurso. O transporte público que utilizo quando estamos em aula, me deixa na porta do PVB, por exemplo.

À política de cotas que vigora amenizando a desigualdade de oportunidades e ao curso da COM UFV, o meu sincero agradecimento por me receber e me formar em alguém muito melhor de como entrei.

Escrever é instrumento de transformação, de luta e de crescimento. Usar a magia das palavras para finalidades construtivas é trabalhar em prol do bem. Sei que não caminharei só, se comigo as palavras estiverem. Sigo me formando enquanto pessoa e profissional direcionada pela ética e pelo respeito aos demais.

Obrigada, COM UFV!

Lucas Zini*

A Comunicação é um ato coletivo

*COM 2018. Coordenador Geral do Cajor, gestão 2019-2021. Desenvolveu iniciação científica com foco em comunicação comunitária, mobilização social e comunicação política. Integrou o corpo fundador da Articulação do Movimento Estudantil das Humanas e foi diretor de Comunicação Institucional do DCE.

Cheguei a Viçosa no início de 2018 com a inocente certeza que só alguém totalmente inexperiente pode ter. Sabia de tudo que queria, de como queria e de tudo o que deveria fazer para alcançar aqueles objetivos. Coitado... nem imaginava que entre aqueles sonhos e o que eu me tornei – e continuo me tornando – existia uma infinidade de tropeços, rearranjos e reposicionamentos a serem feitos. Cada dia no curso, na universidade e nos demais ciclos sociais possibilitados por ela, me colocou em choque com minhas próprias crenças e me fez descobrir que aquelas certezas não eram tão certas assim.

Foi dessa forma que cheguei ao Cajor (ou Rodolfinho, para os íntimos). Depois de muito afirmar que não passaria nem perto do movimento estudantil durante a graduação, eu estava lá: mais perto do que nunca e muito mais do que poderia pensar. Foi ali, naquela seara, que desenvolvi trabalhos, competências e, muito mais do que isso, um capital impagável de relações e experiências. As festas, reuniões, assembleias, demandas estudantis e todas as nossas ações eram permeadas por aquela sensação de que algo precisava ser feito. E se esse era o sentimento, por que não a gente?

Para isso, o Cajor foi o exercício certo de escuta e tomada de postura empática a partir do entendimento de que a comunicação é um ato coletivo na teoria, na prática e na instituição. Na teoria, por apresentar uma necessidade de diferentes polos em seus diversos paradigmas; na prática, por suas teorias serem reflexo da observação empírica dos fenômenos; e na instituição, por, assim como nas anteriores, depender do coletivo para existir. Assim como a comunicação, a Comunicação Social - Jornalismo da UFV, enquanto curso e instituição, é um ato coletivo.

Pensar nos 20 anos do nosso curso sem destacar o nosso principal fator constitutivo é impossível. Isso porque nossa trajetória e essência são feitas do mais puro e genuíno encontro de gente, cada um à sua maneira, em suas



Integrantes da gestão Livre do Centro Acadêmico Rodolfo Walsh (Cajor) após a cerimônia de posse da chapa, em agosto de 2019

certezas e incertezas, na expectativa de construir alguma coisa grandiosa. Ninguém saiu e tampouco sairá deste curso da mesma forma que entrou. Se não pelo conteúdo programático, certamente será tocado pelas relações que desenvolvemos para dentro e fora das Quatro Pilastras – no real e/ou virtual. E, sendo assim, essa é uma das poucas certezas que eu me permito ter.

Vera Mercita Daian*

Uma Pedra pra lá de Bonita

*Ex-Funcionária do Departamento de Comunicação Social

O ano era 2016 ou 2017, estou aqui puxando pela memória. O mês era julho, creio eu. Gente, me perdoem, mas 6.4 às vezes pesam na cabeça (risos). O trabalho foi uma pesquisa de campo para o doutorado da professora Kátia Fraga, do DCM/UFV.

Já aposentada, e tendo sido convidada para ajudar nessa empreitada, dentro da minha área de formação, nossa, era mais que um presente, era a realização de um sonho: descobrir como o rádio influencia, ou não, alunos de segundo grau no interior dessas nossas Minas Gerais.

Em meio a caixas e mais caixas de questionários, lá se foi uma bela equipe, liderada pela Kátia e tendo a mim como uma “assessora”, “colaboradora”, “auxiliar” – isso nem me importava. Fazer parte da equipe já era divertidíssimo. A “vovó” em meio aos “netinhos”, e olha que eu nem me sentia avó de ninguém, só do Gabriel.

A hospedagem foi num hotel pequeno da cidade. Nossa tarefa era aplicar questionários em várias escolas públicas do município de Pedra Bonita. Isso consumia nosso dia e parte da noite, nos arremates dos trabalhos.

Pegamos uma carona no ônibus que buscava os alunos, o que, aliás, nem era permitido, mas foi a única solução. E, deixando claro, sem superlotação. O tempo não estava pra praia, muito menos clube ou sol na laje. Os trabalhos iam de vento em popa, e do nada, lá pelas oito da noite, raios, trovões e ventos invadem a comunidade rural em que estávamos. Com as salas distantes umas das outras, separadas por um curto jardim, a correria começou. Fecha envelopes, cobre questionários, recolhe material, tudo em sacos de lixo para proteção. Todos, sem exceção, estávamos salvando um dia de trabalho como podíamos. E com um estrondo daqueles, eis que a luz da região vai embora, adicionando mais caos ao caos. Tínhamos que voltar ao ônibus, que não entrava na escola... sem sombrinhas ou guarda-chuvas, nossas capas eram ralos sacos de lixo e, muito mais preocupados do que



Parte da cidade de Pedra Bonita

com nós mesmos, estávamos em salvar nossos questionários e materiais do dilúvio que se abateu naquela área. O resultado, óbvio, não podia ser outro: todos encharcados, pingando, rindo sei lá de que, mas era melhor rir do que chorar... e o ônibus de volta virou palco da mais esdrúxula comédia.

Ahhh vocês devem estar se perguntando... será??? Mas claro, era uma situação digna de uma radionovela, com direito a efeitos sonoros e tudo que tínhamos direito. Poderia até roteirizar:

CENA 1: raios e trovões e gritaria de alunos em meio ao apagão (efeitos sonoros).

CENA 2: motorista grita para a turma entrar no ônibus.

CENA 3: correria, sons de chuva e barulhos de sacos plásticos se movimentando.

CENA 4: a turma pulando enxurrada, rindo (sons de chuva e passos na água).

CENA 5: fila meio indiana para o ônibus, mais risos, mais barulhos de chuva, alguns gritinhos e flashes de celulares registrando o episódio (barulhos de flashes).

E por aí vai...

Acomodados e molhados no coletivo, era tanto falatório que mal nos dávamos conta de que o ônibus pegaria uma estrada de terra, a essa altura bem lamacenta, e ainda deixaria alguns alunos pelo caminho. Era inevitável nos colocarmos no lugar desses alunos, ávidos pelo conhecimento e sujeitos a todo tipo de intempéries.

A chegada ao hotel foi caótica. Nada estava seco, a não ser nossos materiais protegidos pelos sacos de lixo. Como registro da veracidade dos fatos, as fotos são importantes e estão aqui presentes.

E se tiver um pós-doutorado, daqui torço pelo sucesso.

No entanto, eu não poderia deixar de citar fatos da minha passagem pelo Departamento, e lembrar a casa 39 da Vila Giannetti, que me acolheu



Confraternização entre os membros do projeto



Um dos registros da viagem

numa dessas mudanças de setor. A Biblioteca Setorial, o Museu da Comunicação, o esforço de seus funcionários nas idas e vindas da área central da UFV para a Vila, do Jorginho (*in memoriam*). Ali conheci pessoas incríveis, completamente dedicadas ao trabalho no departamento. Fui uma privilegiada em ter participado desses 20 anos, em ter contribuído de alguma forma, para o bom desenrolar das atividades e ter essas belas lembranças. Boas lembranças superam, e muito, as más. Nada é perfeito. Hoje, morando fora de Viçosa, acompanho esse setor com muito carinho e torcendo sempre pelo sucesso.

Feliz 20 anos! Numa época tão complicada de produzir bons cursos, bons profissionais, que vocês façam sempre a diferença!

Mateus Lima da Silva*

Átomos de Helinho

*COM 2003. Formado em agosto de 2007. Trabalhou em Viçosa no Jornal Tribuna Livre e Faculdade de Viçosa; depois passou a atuar no setor público, sempre como jornalista, no Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Goiás – Campus Jataí, Universidade Federal de Lavras e hoje, na UFV, diretamente no DCM.

É impossível descrever tudo o que o curso representa para mim e tudo o que proporcionou até hoje. Além do crescimento pessoal e carreira (inclusive da minha esposa, Amanda, também jornalista), devo a ele grandes amizades, viagens inesquecíveis e episódios curiosos. E, mais recentemente, o fato de ter sido acolhido na UFV, após oito anos fora de Viçosa: de estudante, tornei-me servidor do DCM.

Na época em que o curso foi criado, eu já circulava pelo campus da UFV, como aluno do CAP-Coluni (era só Coluni na época) e tinha decidido cursar Comunicação Social, mesmo sendo uma graduação recém-criada. Prestei o vestibular, pois Enem não existia na época, e entrei na terceira turma do curso, em 2003. Como eu prestava serviço militar naquele ano, ia direto do Tiro-de-Guerra para as aulas da manhã na UFV. Chegava fardado e isso me rendeu o apelido de TG, que me acompanhou durante a graduação – isso e a piada ruim que escutava em todo fim de período: “TG, você vai pra casa nas férias?”, porque eu era nativo.

Não havia DCM: História, Geografia, Comunicação e Dança vinculavam-se ao DAH, que ficava naquela casinha apertada onde hoje está a Vigilância da UFV. Só havia uma sala para os professores do curso, que eram poucos: três efetivos. Dança teve um prédio próprio antes dos demais. O edifício da Geografia, História e Comunicação foi erguido em 2005 ou 2006 – mas ali não ficavam os nossos laboratórios.

Quando foi inaugurado, o Laboratório de Jornalismo (Casa 39 da Vila Giannetti) possuía poucos equipamentos, limitando-se a alguns computadores e câmeras digitais (aquelas que gravavam as fotos diretamente em disquete, oferecendo a incrível resolução de 640 x 480 pixels). Mas a Casa 39 foi a sede do jornal-laboratório *OutrOlhar* desde sua primeira edição e intenso espaço de vivência entre os estudantes. Foi ali que muitos começaram a usar o Orkut (pensa num tempo em que não existia *smartphone*, nem



Turma 2003 - calouros (exceto o Thiago Coelho)

redes sociais). Se hoje o DCM concentra grande parte de atividades do curso, o primeiro espaço exclusivo da Comunicação foi de fato a Casa 39.

Com o tempo, ilhas de edição, mesas de som, câmeras e outros equipamentos foram sendo adquiridos, e nós, estudantes, íamos passando cada vez mais tempo lá, aprendendo com os professores, técnicos da Rádio Universitária e TV Viçosa ou trocando informações entre nós. Na Casa 39, é preciso registrar o apoio que a gloriosa servidora Auxiliadora sempre concedeu aos alunos. Hoje, é um tanto nostálgico ver como os equipamentos que usamos para aprender telejornalismo e fotografia, por exemplo, se tornaram tão obsoletos e continuam lá, mas agora como parte do acervo do Museu da Comunicação...

Foram anos de muito aprendizado, convivência e festas. Não há como não citar a Nico Lopes, Cervejada e a Procissão da Comunicação, que de-



Bruno Cabeça, Mateus e Frank Martins, no trailer perto do Boca Viçosa

safiava os participantes a concluir todo o trajeto. E as festas em repúblicas, também. Algumas dessas festas eu cheguei a animar (ou desanimar?) o pessoal com o meu violão. Eu toco um pouco, e por vezes consegui agregar a paixão pela música com a Comunicação. Numa época, virou mania reunirmos alguns colegas só pra ouvir discos (vinil mesmo), discutir música e tocar. Desses encontros, era frequente a participação do Thiago Piscina, Saulo Rios, Rodrigo Carvalho e Renato Crispiniano. Isso a partir de 2006. Depois de anos de formado, ainda encontrava com alguns membros e comentávamos: “Precisamos marcar outra reunião...”.

Já formado, criei o programa “Adega Musical” com os colegas de curso Saulo Rios e Lúcio Érico Moriyama. Foi quase um ano no ar pela Rádio Universitária, e usamos os estúdios do Laboratório e da Rádio pra gravar as locuções. Em cada programa, apresentávamos um disco ou uma

banda que havia contribuído significativamente para a música do século XX – MPB ou rock.

Ainda no curso, participei de uma banda de rock. Essa experiência nasceu quando íamos ao Bar do Helinho, na Rua dos Estudantes (esse bar já não existe, ficava na esquina com a travessa Feijó Bhering). Frequentávamos o Helinho para celebrar as gloriosas vitórias ou lamentar as derrotas dos Impressionados, ou após as aulas, ou nas noites de Campeonato Brasileiro. Houve um período em que o professor Juliano Pires ministrou uma disciplina justamente na quarta à noite e cada final de aula foi, de certa forma, mais um incentivo aos encontros. Começamos a levar violões e montamos um repertório de rock nacional.

Ali, encontrávamos principalmente colegas de 2003: Frank, Thiago Locutor, Bruno Cabeça, João Luís Júnior, o saudoso Ronaldo, Felipe e eu. Às vezes aparecia algum agregado. A noite se encerrava com uma parada para comer sanduíche no trailer que ficava no meio da confluência da Travessa César Santanna com a Avenida PH Rolfs. Também não existe mais: hoje, há faixas de pedestres e semáforos ali. Mas minto: encerrávamos MESMO a noite cantando “Fogo e Paixão” na travessa César Santana. Em alto e bom som, dedicávamos ao Centro de Viçosa: “Você é luz, é raio, estrela e luaaaaaar...”. Não foram poucas as vezes que os moradores ouvintes, certamente ingratos pela serenata oferecida, protestavam nas janelas.

Numa das Procissões da Comunicação, reunidos não só com os membros do boteco, mas com a maioria do corpo discente do curso, passamos pela travessa e começamos TODOS a cantar a já tradicional melodia de todas as quartas-feiras: “Você é luuuuz...”. Foi um momento bonito, interrompido por alguns “fãs” que retribuíram aquela audição atirando ovos. Ninguém se feriu, felizmente. Talvez só o nosso ego.

Além do violão no bar, nos reunimos como banda, que batizamos como



Mateus Lima e Bruno Cabeça no Bar do Helinho

“Átomos de Helinho”. Fizemos uma apresentação no Encontro Regional de Estudantes de Comunicação (Erecom 2005), realizado em Viçosa. O encontro foi na UFV, mas a apresentação, em São José do Triunfo, onde os participantes ficaram alojados – longa história. Como integrantes, estavam o Blau-Blau e o Maicou, de 2004; e Frank e eu, de 2003. Ao primeiro “Toca Raul” que ouvi, comecei uma música do Raul Seixas que estava no nosso repertório, apontei pro sujeito e disse: “Essa é pra você!”. Ouvi um “Eu te amo, cara!” bastante exagerado, mas ainda assim, uma reação melhor que os ovos da Travessa Santana.

Mas a banda, sei lá por quê, nunca foi pra frente. As reuniões no Helinho, sim: sobreviveram ao longo do curso e chegamos a nos reunir lá

quando a turma fez 5 anos de formatura, no final de 2012. Dessa vez, só não cantarolamos “Fogo e Paixão” na travessa. Depois, o Helinho fechou. A união dos Átomos, jamais: o grupo de *WhatsApp* entre os amigos ainda ostenta esse nome e a amizade vai ficar pra sempre, indissociável como as partículas que compõem o elemento químico que nomeia a banda (me perdoem o trocadilho ruim, o meu forte não é a Química, sou de Humanas).

Hoje, não aposentei o violão. Ao contrário: ao invés de incomodar os estudantes, agora incomodo nas confraternizações dos técnicos e professores. De volta a Viçosa, como servidor da UFV, moro a uns 20 metros de um movimentado bar, onde ocasionalmente alguns estudantes se reúnem e ficam tocando violão até altas horas, às vezes no meio da semana. Quando ouço essa turma, imediatamente me lembro dos Átomos. Em parte, bate uma nostalgia imensa dos tempos de estudante. Mas, predominantemente, a minha vontade é de ir lá e esganar quem fica cantando até tarde, incomodando aqueles que têm que acordar cedo no dia seguinte. É *karma* que chama, né?

Caio Parreira*

Da decisão à conquista: o desenvolvimento de uma tardia aprovação

*COM 2020. Natural de Ponte Nova/MG. Entre suas experiências profissionais, já foi colunista pela MTV Brasil, designer gráfico, professor de redação para vestibulares, youtuber, podcaster, mas, sobretudo, um grande apaixonado pela área da Comunicação Social e suas vertentes.

Fazer parte da celebração dos 20 anos do curso de Comunicação Social - Jornalismo na UFV é, mormente, também um espaço de comemoração pessoal, ao recordar lembranças que me fizeram definir e ter segurança ao afirmar que, adiante, atuarei profissionalmente como jornalista.

Desde o ensino médio, já havia manifestado meu interesse pela área, trabalhando, de forma voluntária, em design gráfico e colunas de sites sobre música. Logo, ao concluir os anos letivos, estabeleci que o melhor âmbito a seguir no ensino superior seria a união entre o campo publicitário e o de produção escrita. Por quatro anos consecutivos, prestei o processo seletivo, motivado a entrar no curso, e chegava bem próximo, mas falhava no processo de seleção. Entretanto, mesmo que o sonho acadêmico fosse adiado, nunca me frustrei e abandonei a possibilidade de integrar o curso. Pelo contrário, perder sempre fez com que me empenhasse mais do que no ano anterior. Através dessas ativas dedicações, criei, em 2018, um canal no YouTube para compartilhar minhas experiências como estudante e, surpreendentemente, na época, tive um alcance imprevisito, como em vídeos de mais de meio milhão de acessos, nos quais dividia minhas estratégias para uma melhor escrita da redação dos vestibulares. Assim, a conquista no canal construiu, dentro de mim, uma nova paixão profissional: a redação. Por conta dela, me tornei professor de um cursinho pré-vestibular em Viçosa e cursei Letras, em 2019.

Mas percebia que, mesmo amando redigir textos, eu não pertencia àquele campo: todos os meus colegas estudavam muito para, no futuro, tornarem-se grandes educadores, mas eu queria trilhar outros caminhos. Logo, entendi que redigir era um hobby, e não o meu ofício para o resto da vida, mesmo que, sobretudo, tenha feito muitos amigos e criado um carinho imenso pelo curso de Letras. Empenhei-me ainda mais para o processo



Deixando o nome registrado - literalmente - na UFV

seletivo de 2019, mesmo estando dentro da Universidade, o que foi uma experiência bem desafiadora envolver-me com ambos, e hoje, garanti a oportunidade de estar aqui, redigindo este texto. Fui aprovado em 2020 e, mesmo com a recente crise pandêmica, consegui fazer amigos - alguns calouros como eu e outros veteranos, para a vida toda. Hoje, cultivo experiências extraordinárias através das aulas e sendo gerente de Criação da Intermídia, empresa júnior do curso. E mesmo sendo um aprendiz dentro do campus, reafirmo que todo o meu esforço foi recompensado: todos à minha volta notam a felicidade ao mencionar que faço parte desta grande história, que é o curso de Comunicação Social - Jornalismo. Tenho uma grande bagagem ainda a viver fazendo parte dele, mas previamente, e com muita sorte, já posso assegurar que amo o curso no qual desejei me especializar. E parafraseando Lady Gaga: “Não é sobre dinheiro, não é sobre prestígio, não é sobre classe, é sobre amar a identidade que o mundo futuramente te conhecerá”.

Aline Brites*

Pouco tempo, grandes memórias

*COM 2020. Tem 21 anos e é ponte-novense. Portanto, viveu boa parte do curso durante o PER. Participou do projeto de extensão Inumeráveis UFV e compõe a Comissão do Evento de 20 anos do Curso de Comunicação Social.

Era domingo, dia 1º de março de 2020, um dia nublado e chuvoso, mas isso não importava! Era o tão esperado dia da confirmação de matrícula!

Estávamos ansiosos e sem conhecer ninguém. Todos os calouros só se conheciam através de um grupo de *WhatsApp* criado pelos nossos veteranos. Marcamos de nos encontrar nas Quatro Pilastras e fomos até o PVB andando juntinhos, igual a “bicho de monte”. Chegamos com aquela tensão, um receio enorme de ter esquecido algum documento (o que infelizmente aconteceu com alguns). Fomos passando de sala em sala e as coisas foram ficando interessantes: recebemos nossa carteirinha com R\$10 de crédito (Uau! Já dava para almoçar no RU!), e antes de sair para a verdadeira festa de integração, que estava acontecendo no estacionamento do PVB, passamos por uma sala que era nada mais do que um rodízio de iogurtes e doces dos tão aclamados “Produtos Viçosa”. Tinha como ficar melhor?

Tinha! Ao sair pelo portão lateral do prédio, fomos recebidos pelos veteranos com música, mais mimos (picolé, geladinho, pirulito...), e com direito a pintar o rosto. Dá para ter ideia da emoção que é ter um “COM20” pintado bem na testa? Não precisou de muito para que vestíssemos a camisa e nos apaixonássemos pelo curso, pelas pessoas, pelos professores e pela UFV.

Nos dias seguintes, participamos de inúmeros eventos para conhecer os docentes e técnicos, projetos de extensão, trote solidário, departamentos da UFV e, claro, muitos *coffee breaks* maravilhosos!

A segunda semana, dedicada ao início oficial das aulas, já começou com um baita trote de um professor carrasco, que fez com que alguns colegas chorassem, sentissem vontade de sair correndo e chamar pela mãe! Após o susto, tivemos a oportunidade de ter pelo menos uma aula com cada professor durante a semana. Em menos de 15 dias, já estávamos com-



Recepção de calouros em 2020

pletamente encantados com tudo ao nosso redor (sabe aqueles calouros emocionados?).

Estava tudo lindo, até que, no dia 14 de março, a UFV lançou um comunicado suspendendo as aulas por tempo indeterminado! Nem preciso dizer que a emoção dos calouros emocionados foi embora na hora, né? Mal sabíamos que o botton vendido pelo Cajor com a frase “Lute como um Jornalista” seria tão útil em 2020.

POSFÁCIO

Ulisses Vasconcellos*

Viçosa viçosa

*COM 2004. Depois de formado, trabalhou como repórter em jornal impresso e desde 2013 é assessor de imprensa de um banco público federal. No fundo, é aquele mesmo menininho que gostava de escrever e andava de chinelos pela reta.

Você sabe exatamente o que significa “viçoso” ou “viçosa”? Em uma rápida pesquisa pelos dicionários, é possível coletar definições como “coberto de verdura, de vegetação exuberante”, “que está no pleno vigor da sua beleza vegetal” e “cheio de vigor, de força, de mocidade”. Quer dizer então que, em bom português, uma cidade viçosa é um local bonito, certo? Se estivermos falando do mesmo lugar, meu amigo, é muito mais do que isso.

Viçosa é uma cidade que se desenvolve acompanhando avanços acadêmicos. A Universidade Federal de Viçosa, a UFV, verdade seja dita, quase sempre é a última opção de quem quer cursar uma graduação. Muitos chegam pensando em sair, tentar a sorte em uma faculdade de cidade maior. Mal sabem o quanto vão se apaixonar por esse pequeno fim de mundo.

Em Viçosa aportam pessoas de todos os cantos do universo. E por lá se ouvem todos os sotaques, o que de cara já sugere brincadeiras entre os colegas. Do “r” dos paulistas ao ritmo mais “cantado” dos baianos, passando pelo “s” que vira “x” dos cariocas e o português diferente dos africanos, conhece-se gente de todas as culturas. E faz-se todo tipo de amizades, entre idas e vindas ao PVA e ao PVB, entre horas de estudo (e cochilos) na Biblioteca Central, entre tardes de conversa fiada (e cochilos) no gramado do DCE.

Se você passar um tempo por lá, são esses amigos que estarão ao seu lado nas milhares de festas. São eles que vão te ajudar a entender as matérias que não entram na sua cabeça, colocar seu nome nos trabalhos quando você faltar, vão rir e cuidar de você nos seus primeiros porres e te acompanhar ao Hospital São Sebastião quando você estiver mal de verdade. Eles vão te ouvir chorar quando você terminar um namoro. E vão estar com você em alguma balada no outro dia levantando seu astral. Serão suas mães, pais e irmãos por alguns anos. E seus melhores amigos pela vida inteira.



“Os Coalas” no RU, em 2004

Viçosa talvez seja o último lugar do mundo onde as pessoas andam de chinelos pelas ruas. Onde a bicicleta ainda é o meio de transporte mais utilizado. A vida por lá é muito mais simples. Onde as festas ainda custam barato.

E que tal esperar todo o semestre por uma festa na lama? A Cervejada, marca registrada de Viçosa, é, provavelmente, a coisa mais singular desse lugar único. Uma balada à tarde, em meio ao barro, para a qual se veste cuidadosamente a pior roupa, que dificilmente vai ser usada de novo. Só quem já foi sabe que a diversão é mais do que certa, mesmo você voltando para casa ‘bonito’ como um monstro do pântano, carregando mato em todos os cantinhos do seu corpo e sabendo que vai achar barro na orelha por pelo menos uma semana. Fora as escoriações pelas pernas e braços. E como vale a pena!

Lá todo mundo tem um bar favorito. E no Leão não tem como não se sentir em casa. Há malucos nas ruas aos montes e dá para ficar amigo de boa parte deles. Tem uma marcha estudantil que carrega protestos e folia. Que se desdobrou em uma micareta de nível nacional e em uma festa em que se fica mais louco do que a Liga da Justiça inteira.

A UFV é linda. As quatro pilastras são como um portal para um universo paralelo. A reta arborizada toca de leve a alma de quem caminha até os prédios de estudo. O Recanto das Cigarras é o xodó de todo estudante, onde se levam amigos e parentes de fora para mostrar a maravilha que é a UFV. O RU pode não ter a melhor comida do mundo, mas salva a vida de muita gente por um preço módico. E é um excelente local para se esbarrar com todos da Universidade – companhia para almoçar nunca falta. Há um campeonato de futsal entre os cursos que mexe com o coração dos estudantes. E uma lagoa meio poluída que, em ocasiões especiais, serve para nadar. Em Viçosa, agrobos, nerds, bichos-grilos e patricinhas convivem pacificamente. Se bobear, até na mesma república.

A foto com os formandos em frente ao Bernardão (para quem consegue acordar cedo no dia, claro) é um espetáculo à parte. Ver o seu nome e foto em uma página do livro de biografias com a sua história na cidade é muito bacana. E, para coroar a estadia nessa terra encantada, fecha-se o ciclo com o maior baile de formatura que se tem notícia nas galáxias. O mais luxuoso, o mais animado, o melhor do mundo. Aquele que, de tão grande, anos depois quem foi ainda vai descobrir atrações que não viu no dia. E, cá entre nós, ver a UFV no topo todo ano quando sai o ranking das melhores universidades do Brasil dá um orgulho!

Na despedida de Viçosa, é bem possível que você ache que nunca mais vai ser tão feliz como era lá. E você vai estar certo. É que lá tudo é diferente. Serão os melhores anos da sua vida, você vai conhecer as melhores pessoas



Matheus, Ulisses e Renan na lagoa após a formatura, em 2008.
Crianças, não tentem isso.

e, depois, a saudade de tudo vai bater todos os dias, algumas vezes bem forte. Então só agradeça a Deus, à Vida, ao Universo ou a quem você acreditar por ter sido escolhido para viver, por um tempinho, no paraíso.

Sempre que puder, volte à cidade “cheia de vigor, de força, de mocidade”. Pelo menos a cada cinco anos, nos bailes de ex-alunos. Por lá sempre vai ter gente encantadora e você sempre vai esbarrar com alguns dos companheiros das antigas. Aí é só calçar um par de chinelos, passar pelas Quatro Pilastras de novo, caminhar devagarzinho pela reta e suspirar, enquanto revive suas melhores memórias, elas virão. Se tiver uma pocinha de lama por perto, melhor ainda.

Escrito originalmente em novembro de 2011, após um breve retorno a Viçosa para a minha primeira Cervejada depois de quatro anos de formado. Revisitado agora para o livro dos 20 anos do curso de Comunicação Social – Jornalismo pela UFV. Sempre me devolve minhas melhores memórias. Sempre me emociona.

Este livro contém histórias que se entrelaçam durante um percurso de 20 anos do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa. Os textos aqui reunidos conectam as experiências de cada um de nós. Constituem uma constelação de momentos, vitórias, desejos, alegrias, estímulos e conquistas que constroem a COM. Mais do que formar profissionais para o fazer jornalístico e as diferentes áreas da Comunicação, o curso potencializa sonhos, permite que vivências sejam compartilhadas e transformações coletivas aconteçam.

De modo pessoal e afetivo, os autores buscaram reviver momentos que marcaram seus caminhos pela COM. Seus olhares singulares para as memórias formam uma rede compartilhada por todos. Esse gesto eterniza a comemoração dos 20 anos do Curso. É uma singela homenagem para celebrar as conquistas de todas e todos estudantes, egressos, servidoras e servidores, docentes e técnicos administrativos. Seguiremos, unidos, construindo a COM e lutando constantemente pela universidade pública, gratuita, de qualidade e aberta para a transformação da sociedade.

